Subjugada

Rendida por você - Parte 11

Danúbia Ferreira

Sinopse

Dor...

Ressentimentos...

... Fabiana estava perdida em um mundo de solidão, de angustia e cheia de mágoas. Tudo que ela construiu com muito esforço foi destruído em nome do amor. Esse sentimento que provou ser o maior e também o mais destrutivo que já havia sentido.

Depois de lutar tanto por sua vida, acabou caindo em mãos erradas. Subjugada em um mundo desconhecido, foi obrigada à submeter-se. Ela não estava desistindo, apenas entregando-se.

Ele passou a maior parte da sua vida estudando e trabalhando. Todos os seus sonhos giravam em torno do seu futuro profissional. O destino prova a ele o contrário. Sua principal função era salvar a vida dela. Estaria ele disposto a abrir mão de sua carreira, para salvar Fabiana de si mesma?

Escolhas serão feitas!

Amores serão destruídos!

A verdade virá à tona. Estaria ela disposta a lutar contra seus demônios? Ou cederia á dor e continuaria na escuridão?

Despedir-se de um amor é despedir-se
de si mesmo. É o arremate de uma
história que terminou, externamente,
sem nossa concordância, mas que
precisa também sair de dentro da gente.

CAPÍTULO 01

Xxx

Ela era esperta, estava atenta. Eu tinha certeza que ela me sentia, olhava para todos os lados, sempre procurava por algo, colocava a bolsa no peito quando ficava com medo. Eu tinha que ser cauteloso e esperar o momento certo.

Por vários dias fiquei vigilante, queria saber seus horários, quando entrava e saía do prédio. Tinha que está atento à sua rotina, onde trabalhava e onde Erick a levava. Eu precisava agir rápido, o tempo estava ficando curto, as coisas poderiam sair do controle rapidamente.

Hoje os vi saindo do prédio juntos, ela parecia doente. Eu segui, e os vi entrando em uma clínica, isso não era bom. Esperei eles saírem, mas não consegui ouvir nada.

Por dois dias Erick não apareceu. Era impossível eu me aproximar, muita gente na rua, todo mundo olhando, era perigoso demais. Esperei mais alguns dias e hoje a vi saindo sozinha, mas quando desceu havia um carro esperando-a, era uma mulher. Eu as segui até o restaurante, ali estava minha oportunidade, fiquei aguardando. Pouco tempo depois eu as vi saindo, despediu-se da amiga e seguiu sozinha.

Perfeito!

Seria hoje que teria essa puta!

Ela andou alguns quarteirões. Melhor lugar não tinha. Bem deserto, hoje eu a pegaria. Parou em uma loja, depois foi a um ponto de táxi.

Merda!

Eu tinha que agir rápido antes que ela conseguisse um táxi. Acelerei meus passos, queria estar mais próximo dela. Eu à vi seguir até o outro ponto de táxi, mas também não tinha.

Perfeito!

Aproximei e ela olhou para trás me vendo. Acelerou seus passos e eu os meus. Minhas pernas eram mais longas que as dela, eu a alcançaria antes que ela dobrasse a esquina. Quando ela começou a correr eu não pude resistir, agora eu era o lobo e ela era a minha presa.

Meus instintos estavam em alerta. Antes que ela saísse do quarteirão escuro eu a atingi na cabeça. Ela caiu e achei que ela ficaria quieta, mas quando ela virou e me reconheceu não tive alternativa. Comecei a descer uma seção de golpes, precisava dela apagada, eu tinha que tira-la desse lugar. Soquei seu rosto tentando fazê-la apagar, mas a danada era forte, lutou todo o tempo deixando-me excitado, tinha que fode-la. Chutei suas costelas para imobiliza-la, deixando-a sem ar, aproveitei que ela ficou quieta e rasguei suas roupas. Meu pau já estava duro. Ela conseguiu me chutar.

Vagabunda!!!

Distribuí vários socos em sua barriga e em seu rosto, ela teve força e arranhou meu rosto, gemi de dor, essa puta me pagaria, rasguei sua calcinha, segurei suas pernas e enfiei meu pau na sua boceta. Cacete! Ela era apertada, gostosa pra caralho. Mas ela não desistiu, começou a gritar! Tapei sua boca com a minha mão e ela me deu uma mordida. Isso não ia dar certo, ela era muito resistente, geralmente prefiro minhas mulheres acordada, mas eu tinha que apaga-la. Peguei sua cabeça e bati com força na calçada. O barulho do seu crânio batendo no chão me deixou com mais tesão. Peguei minha faca e cortei seu sutiã, queria ela nua para olhar suas tetas gostosas. Meti meu pau na sua bocetinha, forte e indo até o fundo, seus peitos balançavam com minhas estocadas. Passei o fio da faca em seus seios, e gotas de sangue brotaram. O tom de vermelho em sua pele excitou-me ainda mais, enquanto a fodia, abri alguns cortes em várias partes do seu lindo corpo. Acelerei meus movimentos, quando estive perto de gozar, tirei meu pau de dentro dela e gozei no meio dos seus seios. Satisfação completa! Levantei-me, ajeitei minhas roupas, escondi meu brinquedo em uma lata de lixo próxima, e fui buscar o carro para leva-la para o esconderijo. Eu iria aproveitar ainda mais, quando estivéssemos sozinhos, sem correr o risco de sermos vistos.

Erick

Arruinado!

Que merda eu faria agora?

Precisava ir atrás dela, não podia deixa-la ir assim.

- Erick! O que foi tudo isso? De onde saiu essa moça? – olhei com muita raiva para o meu pai, ele sabia de quem se tratava.

- Meu filho ela está grávida? Esperando um filho seu? Meu Deus! – Minha mãe e seu drama, era só o que me faltava.

- Rick! O que significa tudo isso?

- Olha rapaz, eu confiei em você, dei a benção para essa união. O que você pensa em fazer agora? – pronto! Agora todos queriam respostas. De maneira nenhuma daria satisfação ao pai da Keylla.

- Vocês vão me enlouquecer com tantas perguntas! Eu preciso ir atrás dela!

- De maneira nenhuma, esse é o noivado da minha filha!

Odiava os pais da Keylla, odiava quando me diziam o que tinha que fazer. Levantei-me e fui atrás da mulher por quem estava apaixonado. Fui direto para o apartamento, mas ela não estava. Olhei nos armários, as suas coisas ainda estavam aqui ela não tinha ido embora. Desci para o hall, mas não vi o Antônio na portaria, o que era estranho pois ele nunca saia. Subi novamente e com muita fúria bati no apartamento do Flávio. Esmurrei sua porta várias vezes, mas ninguém atendeu. Já estava ficando desesperado.

Lembrei-me da Luciana, mas não ligaria, fui direto pra casa dela. Assim que cheguei toquei a campainha.

- Erick! O que faz aqui?

- Onde está Fabiana?

- E por que deveria te dizer? Você humilhou aquela pobre garota, foi cruel e covarde. Não quero ver você nunca mais, saia daqui.

- Não tenho tempo pra discutir com você, me diga onde ela está, preciso falar com ela. Por favor?

- Não sei dela. Ela não quis carona, disse que preferia ficar sozinha.

Não disse tchau, virei ás costas e voltei para o carro. Comecei a rodar de carro a cidade inteira. Voltei até a casa de sua mãe, mas não tinha ninguém. Liguei para o seu celular mais de 10 vezes, só caia na caixa postal. Estava começando a ficar desesperado. Fui até o lugar que a levei na primeira vez, mas também não estava ali, voltei para o apartamento enlouquecido, eu a esperaria aqui uma hora ela teria que aparecer.

Xxx

Peguei o carro e voltei para pegar meu brinquedinho. Abri o porta-malas e coloquei-a lá dentro, coloquei fita adesiva na sua boca e em suas mãos. Era uma precaução, ela estava apagada, mas se ela acordasse e começasse a gritar poderia chamar muita atenção. Entrei no carro e dirigi para o local que escolhi para ficarmos. Assim que chegássemos, daria um jeito de acordá-la. Peguei o telefone para ligar para o chefe. Tenho certeza que ele adoraria saber que o serviço foi feito.

- Tudo certo!

- Não a machuque, ela está grávida. – Não teve que sujar as mãos e ainda ficava me dizendo como fazer o meu trabalho?

- Tarde demais!

- Porra! Eu disse para não machuca-la.

- Não resisti. Sabe como é... Muito gostosa. – se ele soubesse o quanto! Pena que estava inconsciente, gostaria de estar aproveitando agora.

- Merda! Leve-a para onde combinamos, estarei lá assim que puder.

- Já estou aqui.

- Estarei ai assim que possível.

- Me dê mais um tempo com ela, quero aproveitar meu brinquedinho.

- Não a machuque mais.

Desliguei o telefone, ele não poderia me parar. Contratou-me para fazer o serviço, então era exatamente isso que eu faria.

Erick

Quatros dias!

Nada dela aparecer, já estava ficando louco. Ela não voltou para o apartamento, nem mesmo para buscar suas coisas. Antonio não a viu chegar e nem sair.

Absurdo! Como uma pessoa simplesmente some?

Peguei as chaves do carro e fui até o seu trabalho, falei com o seu patrão, mas ninguém sabia dela, ninguém a viu e nem telefonou para dar uma satisfação, simplesmente desapareceu. No entanto, isso não é atitude da Fabiana, ela jamais deixaria o trabalho sem falar com alguém. Fiquei todos esses dias em casa, hoje eu iria para a faculdade, talvez eu pudesse encontrar ela lá.

Quando cheguei à faculdade, fui direto para sua sala. Perguntei para todo mundo e ninguém tinha visto-a essa semana.

Para onde ela tinha ido? Meu Deus!

Comecei a entrar em desespero. Saí da faculdade e fui direto para o hospital. Nenhum registro com o nome dela, nem com sua aparência. Fui aos quatro hospitais que tinha na cidade e nada. Relutei muito, mas fui ao IML. Era minha ultima opção antes de procurar a policia.

Cheguei ao IML e falei com um dos meus colegas que trabalhava lá como legista. Expliquei para ele a situação, e ele me disse que duas moças haviam chegado com essa descrição. Respirei

fundo para controlar a dor no meu coração, e entrei no necrotério. A primeira não era ela, na segunda achei que meu coração ia saltar pela boca. Mas graças a Deus, também não era ela. Agradeci ao meu amigo pela atenção e fui à delegacia. Esperei horas antes do delegado me atender, se meu pai estivesse junto, duvido que tivesse que esperar tanto tempo.

Saí mais frustrado do que nunca. O maldito delegado não podia fazer nada, dado o fato que ela era maior de idade, tinha família, e pela situação que a fez desaparecer, olhou-me enojado pelo que fiz. Ele não precisava, pior do que eu estava não poderia ficar! Eu fui um canalha, um monstro, no entanto eu duvido que alguém possa me deixar pior do que a minha consciência.

Estava indo para casa, fiquei os últimos dias no apartamento esperando por ela. Minha mãe me enlouqueceu com tantas ligações. Só estava indo agora, porque não tinha mais o que vestir, porém eu não queria saber de mais nada, estacionei o carro na garagem, nem bem saí e minha mãe já estava vindo ao meu encontro.

- Onde esteve? Pelo amor de Deus Erick! O que pensa que esta fazendo?

Não respondi, passei direto por ela e fui para o meu quarto. Mas quando entrei na sala, meu pai me aguardava. Por ele foi impossível passar.

- Onde esteve?

- Não quero falar agora, estou sem paciência e preocupado, se você me der licença.

- Criei um filho para ser honrado, e você tem feito papel de moleque todo esse tempo! Agora você vai ficar, e esclarecer toda essa confusão.

- Papel de moleque? Foram vocês que me colocaram em um casamento arranjado, me venderam por míseros votos e eu que me tornei desonesto? A mulher que eu gosto foi embora levando com ela o meu filho. O seu neto! E você vem me falar de honra? Não vou mais me sujeitar a isso, arrume outro palhaço para bancar suas eleições, por que eu estou fora. – virei ás costas e fui para o quarto, eu queria sair dali e nunca mais voltar.

- Erick, espere! Para onde ela foi? Você sabe?

O tom preocupado de sua voz me fez parar. Será realmente que poderia ter um jeito para toda aquela situação?

- Não, todas as suas coisas estão no apartamento. Eu já estive em hospitais, delegacia até no IML. Nada, nem sinal dela.

- Fique! E eu ajudo você a encontra-la.

- A troco de quê? – eu já sabia, mas perguntei assim mesmo, meu pai era ardiloso.

- Continue noivo de Keylla e eu vou chamar alguns amigos para ajudar encontra-la.

- E depois? Acha que ela vai aceitar isso? O que você não entendeu ainda, é que eu a quero comigo! Ao meu lado! Ela é a mulher que mudou a minha vida, a única que me fez pensar em ter um mais. – sentei-me mais exausto do que um dia já estive. Meu

desespero ficava cada vez maior. Cada minuto que passava longe dela meu coração se enchia de angustia.

- Filho, você realmente a ama? – minha mãe estava comovida. Mas ela era tão fraca quanto eu, jamais iria contra o meu pai.

Amar? Não sabia o que era o amor, nunca amei uma mulher. Mas com a Biana tudo era diferente. Era mais alegre, mais excitante. Sensações intensas me assaltavam quando pensava nela.

Deus! Eu estava desesperado.

- Sim, eu a amo, mãe! Que loucura isso não é? Nunca tive a oportunidade de dizer isso a ela, nem mesmo quando ela dizia que me amava. – Quão cruel eu posso ser? Falei para os meus pais, os maiores responsáveis pelo meu desespero que a amava, e para a única pessoa que precisava ouvir isso de mim, eu nunca disse.

- Vá falar com a Keylla, e vamos tentar achar essa moça. Vou pedir ajuda para alguns amigos meus.

Ele saiu da sala e foi para o escritório, daria a ele um prazo, depois disso faria a minha maneira. Levantei-me e fui para o meu quarto, precisava descansar, minha cabeça estava um turbilhão de emoções.

XXX

Já estava começando a ficar preocupado, a garota não acordava. O chefe não aparecia. O que eu faria com ela? Ela mal respirava. Tinha que ligar para o chefe, não tinha outro jeito. Uma

hora alguém acabaria sentindo a minha falta, peguei meu celular e disquei seu número.

- Como ela está?

- Morrendo! – inferno! Esse cara acabaria me ferrando.

- Eu disse para não machuca-la. Merda!

- Ligou tarde para avisar, eu já tinha me deliciado.

- Vou falar com um amigo que é médico. Darei um jeito nisso.

- Não vou ficar mais aqui. Essa garota vai morrer a qualquer minuto. Fiz minha parte, estou caindo fora.

- Duas horas. E eu volto com o necessário.

- Duas horas! Se você não aparecer, eu vou embora e vou deixa-la aqui sozinha. Quase morta não me adianta em nada não gosto de foder defunto.

- Você é nojento. Poupe-me dos detalhes sórdidos.

- Tanto faz, duas horas e nenhum minuto a mais. Já estive com seu cadáver aqui por quatro malditos dias.

- Certo.

Filho da puta! Esse cara nem pense em me enrolar ou ele vai se dar muito mal eu já estava ficando cansado e impaciente. Tentei brincar com ela inconsciente, mas não tem graça, gosto de ter minhas mulheres lutando por suas vidas. Vê-la assustada e coagida torna tudo mais excitante, e me deixa com um tesão da porra. Meio morta elas não fazem nada. Fiquei vagando por algum tempo, essa espera deixava-me irritado. Fui até o quarto onde a tinha colocado, ela estava sangrando muito, acho que os cortes que fiz foram muito

profundos, eu a peguei no colo e a joguei na banheira. Pela forma que sua perna ficou, tinha certeza que havia quebrado. Dei de ombros, tanto faz, ela já estava morta mesmo.

Bateram na porta, olhei pela janela e vi que era ele. Bom para ele, eu já estava ficando cansado dessa porcaria.

- Fala chefe.

- Onde ela está?

- No banheiro.

- Por que ela esta no banheiro?

- Estava sangrando muito e ia sujar a casa. Ela esta morta! Então tanto faz onde seu corpo fica. Olhei para ele a tempo de ver o sangue drenar do seu rosto.

- Trouxe um amigo que é medico, ele vai examina-la!

Dei de ombros, eu só queria esse cadáver fora da minha vista. O chefe e o tal doutor entraram no banheiro. Não ficaram por muito tempo.

- Ela ainda esta viva. Vou tomar conta disso agora.

- Foi um prazer fazer negócio com o chefe.

Virei ás costas deixando para trás, aquele lugar horrível, regressei para o meu apartamento, onde tinha roupa limpa e boa comida. Estava exausto de ficar como segurança de um defunto.

Erick

Os últimos meses foram os mais longos da minha vida. Fiz exatamente como meu pai queria, ele cumpriu a parte dele, e eu a minha. Foram horas de reuniões com detetives. Ninguém sabia dela, fui à polícia e dei queixa do seu desaparecimento, é claro que desta vez o delegado me ouviu. Estava acompanhado pelo meu pai e o advogado da família. O delegado deixou claro que mandaria um aviso para todos os hospitais do estado, e um alerta para as delegacias. Rezei para que tudo isso desse certo, já tava perdendo as esperanças.

Todo esse tempo eu pensava no nosso filho, ela sumiu com 11 semanas de gestação. Hoje fazem três meses do seu

desaparecimento, e nunca obtive uma resposta dela. Seu celular foi cancelado pela operadora, os detetives foram dispensados pelo meu pai. Não havia mais nada para ser feito. A conclusão deles é que ela provavelmente conseguiu documentos falsos.

Mesmo sem notícias, para me precaver, consegui uma liminar na justiça para impedir que ela saísse do Brasil, com o meu filho. Cada dia que passava meu coração se quebrava ainda mais, a única coisa que me arrependo na vida, foi de tê-la perdido. Passo horas imaginando como seria nossa vida, se eu tivesse sido honesto com ela desde o inicio. Imagino sua barriga grande com o nosso filho dentro. Fico preocupado sem saber se esta se alimentando direito, se tem um lugar para morar, como esta fazendo para sobreviver...

- Erick esta na hora.

Olhei para a porta e vi minha mãe arrumada para a singela cerimônia do meu casamento. Keylla só concordou em continuar com o noivado se nos casássemos antes das eleições. O quanto isso era irônico, no começo eu ditava as regras, agora era ela. Eu aceitei, meu pai fez o papel dele, agora eu cumpriria com o meu.

- Já estou indo. – levantei-me e terminei de me arrumar. A festa seria na minha casa, eu não quis um casamento convencional, ao menos isso a Keylla aceitou. Eu vivia em piloto automático. Fazia tudo que me pediam. Nada mais. Até o meu tesão por ela acabou, meu pau levantava, mas dificilmente eu sentia prazer.

Respirei fundo, abri a porta, e saí para dar continuidade ao meu pesadelo.

Chefe

Tive que pagar uma fortuna para meu amigo dar um jeito no problema que aquele infeliz me arrumou. Ela estava quase morta! Meu amigo levou-a para uma clínica clandestina e a tratou, mas ele não tinha esperanças. O que me deixava muito feliz, se ela ficasse viva por mais tempo isso iria me custar mais caro. Por quase cinco meses eu tenho custeado tudo. Agora que tudo estava calmo e ninguém veio procurar por ela eu poderia terminar com esse assunto de vez. Peguei o telefone, e liguei para o meu amigo.

- Sou eu. Alguma noticia?

- Nenhuma. Na mesma.

- Dê um fim nisso.

- Sigo o plano?

- Faça o que quiser, mas dê um fim nessa situação.

- Farei isso.

O plano era manda-la pra longe, outro estado, qualquer lugar. Fazer um prontuário com informações do seu estado clínico e só. Com registro e carimbo de médicos fraudulentos. Tudo se resume a isso, página virada, acabou o pesadelo.

CAPÍTULO 02

Cinco meses após a agressão...

Dr. Zen Kahil

Depois da correria no hospital eu só queria um banho e descansar. Essa pesquisa estava me sugando. Dirigi para o hotel depois de um plantão de 24 horas. Ficaria no Brasil apenas o tempo necessário para fazer essa pesquisa, achei desnecessário alugar uma casa, então aluguei um flat, para mim e minha Ualida (mãe) ficarmos. O flat era agradável, correspondia a todas as nossas exigências.

Eu não conhecia o Brasil, é a primeira vez que o visito, não gostei da cidade de São Paulo, o trânsito daqui era pior do que o de São Francisco. Fui obrigado a alugar um carro com GPS para ir do flat ao hospital, ficar esperando um táxi, nesse trânsito caótico, dava-me nos nervos. Estava chegando ao hotel, quando meu celular tocou.

- Zen Kahil.

- Olá, Dr. Zen, sou do hospital Santa Casa de misericórdia, o senhor está sendo solicitado para uma emergência.

- Qual a situação do paciente?

- Seu estado é grave, e instável Doutor.

- Atualização. – mais essa agora! Eu estava exausto, acabei de sair de um plantão. Essa pesquisa era minuciosa, o acompanhamento com os pacientes era fundamental.

- Traumatismo craniano grave com ruptura, costelas, perna e dedos quebrados, e dilacerações espalhadas pelo corpo.

- Minha nossa!

- A paciente está oscilando em seu estado Doutor.

- A paciente? É uma mulher?

- Sim senhor.

- Qual foi á causa? – Pelo seu estado um acidente. Carro, moto, ou até mesmo vítima de atropelamento, cansativo. Poderiam ter chamado um neurocirurgião do próprio hospital, não entendi por que estavam me chamando.

- Ela veio transferida. No seu prontuário diz que foi vítima de estupro, sem mais observações.

- Tudo bem. Estou chegando. – desliguei o celular e respirei fundo tentando me acalmar. Odiava com todas as forças, esse tipo de abuso, o caso dessa paciente parecia muito ruim. Dedos quebrados significavam: tortura ou luta. Isso vai depender de como os ossos foram quebrados. Seria uma longa noite.

Flávio

Esse silêncio era estranho. Como pode isso? Ela desapareceu há cinco meses! Ninguém da sua família veio procurar por ela. A polícia também não apareceu. Achei que aquele babaca do Erick, apresentaria uma queixa contra mim, que nada o cara era um tremendo idiota.

Ás vezes me pego pensando naqueles seios redondinhos, aquela bunda perfeita. Hum... Que tesão eu sinto ao me lembrar dela, se tivesse ficado comigo nada disso teria acontecido, mas as mulheres sempre escolhem o cara errado. Seu instinto protetor era aguçado, seu medo era visível quando me aproximava. Eu realmente gostava da situação: caçador e caça. Vigia-la me dava muito emoção. Nunca imaginei que ser voyeur poderia me proporcionar tanto prazer. Agora eu tinha que conviver com o babaca do Erick, e aquela mulherzinha detestável que era sua esposa, o cara jogou fora a Fabiana, para ficar com aquela vagabunda. Se ele soubesse as coisas que eu sei...

Erick

Cinco malditos meses! Como pode uma pessoas desaparecer assim? Fui até á casa que sua mãe morava, mas já havia outra família morando ali. No seu trabalho as meninas também estavam aflitas. Ninguém tinha noticia, era como se ela nunca tivesse existido. Mas ela existiu, eu sei por que meu coração sente falta dela todos os dias.

Muitas vezes penso no tempo que ficamos juntos, relembrando todos os momentos. Tenho ódio de mim mesmo pelo que fiz com ela, errei tantas vezes, enganei, menti a machuquei, e mesmo assim ela esteve ao meu lado. Estou perdendo o meu fôlego, a dor que sinto é sem precedentes. Fico me perguntando se meu filho já nasceu, se ela está bem, se o bebê é menino ou menina. Eu sonhei com tantos momentos, ele em meus braços, e a mulher que eu amo ao meu lado.

Mereço esse castigo, sei disso. Mas nunca imaginei a frieza dela, me tirar o direito de ser pai, foi cruel demais. Depois que me casei, peguei o apartamento ao lado do que a Fabiana morou. Esse edifício era da minha família, por isso nunca paguei condomínio. Keylla odiava o lugar, mas não dava muita importância para o que ela pensava. Esse lugar era sagrado para mim, queria ficar aqui o resto da minha vida. Ela tentou mudar a decoração, mas eu não permiti, não vou mudar nada do que a minha Fabiana gostava, ainda

guardo suas coisas. Vejo esse lugar como um refúgio. Sempre que posso venho aqui, às vezes até durmo.

Subi as escadas e deitei-me na cama. Olhei para o lado e vi a fotografia que havíamos tirado quando fomos à Pirinópolis. Ela estava tão radiante, mesmo depois de toda a briga da noite anterior, ainda sim ela estava feliz.

- Rick?

Por tudo que há de mais sagrado! Essa mulher era um carma na minha vida. Meu casamento forçado era trágico, eu mal conseguia ter uma relação com a Keylla, nunca mais fomos os mesmos na cama. No começo ela reclamava, mas agora não falava mais, ás vezes desconfiava que ela pudesse ter um amante. Se tiver, mato aos dois! Se hoje estou sofrendo, foi por culpa dessa sua paixão desenfreada. Foi ela quem pressionou os seus pais e os meus.

- O que quer Keylla? Já disse que não quero você aqui!

- Deixa de ser grosso Rick, estou aqui para avisar que seus pais estão lá em casa.

- Eu já estou indo! – levantei-me dando mais uma olhada no quarto. Suas roupas estavam do jeito que ela havia deixado. Eu pago uma pessoa só para limpar, mas sem tirar nada do lugar. Peguei sua blusa e inalei seu cheiro de pêssego. Como sentia sua falta. Deixei a blusa no mesmo lugar e desci para ver o que meus pais queriam.

Dr. Zen Kahil

Cheguei ao hospital o mais rápido que pude, o transito até aqui era caótico. Entrei e fui direto ao balcão de informações, eu não trabalhava nesse hospital, fui chamado apenas pela emergência. Dirigi-me até o balcão de informações, para me identificar e saber onde me aguardavam.

- Olá, boa noite! Eu sou o Dr. Zen Kahil. Fui chamado para atender uma emergência. – com toda a paciência do mundo a recepcionista olhou a informação no computador.

- Siga o corredor à direita pegue o elevador e vá para o quinto andar. Siga o corredor à esquerda e procure a sala dos médicos. Já estão aguardando o Doutor.

- Obrigado!

Segui o caminho que ela disse e peguei o elevador. Quando cheguei ao andar, procurei a sala dos médicos. Encontrei vários médicos sentados, conversando e tomando café. Esse tipo de situação me enojava, tantos pacientes precisando de atendimento e eles jogando conversa fora.

- Boa noite! Eu dou o Dr. Zen Kahil, chamaram-me para atender uma emergência. – Um senhor de meia idade, levantou-se para me cumprimentar.

- Boa noite, Dr. Zen. Eu sou o Dr. Franco, eu pedi para que chamassem um neurocirurgião. Sou amigo do Dr. Bittencourt, expliquei a ele a situação da paciente, e ele me passou o seu contato.

- Entendo. – O doutor Bittencourt, era o médico responsável pela pesquisa que eu estava fazendo. Talvez ele tenha achado o caso dessa moça, interessante para a pesquisa.

- O Dr. Já foi atualizado do estado da paciente?

- Sim. Porém, pelo seu estado, vamos dispensar qualquer apresentação, acredito que ela não tenha muito tempo. – Não queria fazer parte daquela roda de bobagens, as conversas eram sempre as mesmas.

- Ela está no CTI, me acompanhe.

Seguimos até o elevador e fomos para o sétimo andar. Eu não entendia o motivo, mas estava inquieto desde que fiquei sabendo do seu estado. Fiquei nervoso e irritado com o que aconteceu com ela, ainda chego ao hospital e vejo seis médicos conversando futilidades. Muito frustrante. Paramos na recepção do CTI e o Dr. Franco, falou com a enfermeira.

- Preciso do prontuário da paciente da ala cinco. Por favor.

- Aqui está Dr. Franco. Os exames estão prontos e os resultados já foram anexados.

- Obrigado enfermeira.

- Aqui está Dr. Zen, todos os exames que foram feitos estão prontos.

- Obrigado, mas quero vê-la e avaliar o seu estado, em seguida dou uma olhada.

- Vamos lá.

Andamos até o fim do corredor e entramos na ala. Peguei uma mascara e entrei em seu quarto. Seu estado era lamentável, eu poderia dizer com certeza absoluta que essa moça lutou muito contra o seu agressor. Lacerações infeccionadas, o corpo coberto por ataduras. Ligada a monitor cardíaco, respirador artificial, ela era uma bagunça. Aproximei para vê-la de perto. Ela estava bastante inchada, isso não era um bom sinal. Fitei seu rosto. Mesmo com tantas contusões era possível ver sua beleza, uma mulher muito feminina, com traços delicados.

- Seu estado é instável, sua pressão oscila, mal respira, acredito que não tenha chance se sobreviver.

- Vou olhar seu prontuário, e verificar o resultado dos exames.

- O Dr. Pode usar a sala da neurocirurgia, fica no fim do corredor á direita. Eu preciso ir, tenho alguns pacientes para visitar antes do meu plantão terminar.

- Minha equipe?

-Todos avisados. Estarão a postos assim que forem solicitados.

- Obrigado Dr. Franco

- Boa sorte!

Saiu deixando-me á sós com a paciente. Ela estava muito machucada, muitos ferimentos e cortes infeccionados. Pobre Azzah (jovem) o que fizeram com você? Sentei-me na cadeira ao lado de

sua cama e olhei seu prontuário. Não tinha nenhuma informação pessoal. Sem nome, idade, data de nascimento, família, absolutamente nada!

Olhei seus exames, e me surpreendi com a atrocidade que ela sofreu. Ossos quebrados, cortes, profundos, hematomas... Tirei os olhos dos exames e a observei, me perdi em sua beleza tão machucada. Naquele momento uma onda de proteção atingiu-me em cheio. Eu não me envolvo com pacientes, nem com seus problemas, mas essa garota tinha algo especial.

- Vou trazê-la de volta Azzah. Eu prometo isso!

Saí da sala e voltei para a recepção. Queria uma tomografia agora, minha equipe e o centro cirúrgico pronto imediatamente.

- Enfermeira Suzana, eu sou o Dr. Zen responsável pela paciente do CTI ala cinco. Eu quero que você avise a equipe que me foi disponibilizada, que todos se reúnam aqui o mais rápido possível.

- Vou providenciar isso agora mesmo Dr. Zen.

- Obrigado, avise que preciso da sala de tomografia pronta também.

- Agora Dr. Zen?

- Sim, imediatamente.

Voltei para a sala onde ela estava. Verifiquei sua frequência cardíaca, estava muito baixa. Sua pressão arterial era instável. Passei a mãos nos meus cabelos me sentindo cansado e dividido. Eu poderia esperar seu estado estabilizar e correr o risco dela não

aguentar aos ferimentos ou poderia arriscar a cirurgia e correr o risco dela não sobreviver a uma intervenção cirúrgica. Era uma decisão muito difícil. As duas me colocavam em uma situação extremamente delicada. Nunca perdi um paciente, e com toda certeza não queria que ela fosse a primeira.

- Dr. Zen? Eu sou Marcos, chefe da equipe do centro cirúrgico.

- Prazer Marcos. Quero uma tomografia craniana com contraste, já perdemos tempo demais e pelo seu estado dificilmente vamos conseguir reverter qualquer dano que os traumas tenham causado.

- No prontuário diz que ela está em coma há cinco meses. Foram feitos vários exames, inclusive uma coleta para análise do DNA do seu agressor.

- Cinco meses? Mas isso é impossível! Olha para todos esses machucados.

- Sim, eu entendo o que o Dr. Zen quer dizer. Seus raio-x também não são as melhores, todos os ossos que foram quebrados, não foram tratados adequadamente. Se ela sair dessa cirurgia viva, ela vai ter um longo processo de recuperação, entre cirurgias e fisioterapias.

Como seria isso possível? Onde ela esteve antes de vir para cá? Não tinha a menor chance de ter estado em um hospital, sendo medicada e ainda está nesse caos.

- Estamos prontos Dr. Zen.

- Podem leva-la.

Depois de preparada, iniciamos a tomografia, os resultados foram gravíssimos. Ela tinha uma contusão cerebral grave, a falta de um atendimento e medicação imediata deixaria muitas sequelas. Isso se ela sobrevivesse a cirurgia.

- Levem-na para o centro cirúrgico.

Fui para o bloco cirúrgico iniciar os procedimentos, eu sempre gostei de fazer cirurgias ouvindo musica, me deixava mais relaxado. Um procedimento como esse era longo, peguei meu cd e dei para a enfermeira coloca-lo. Entrei no centro cirúrgico e tudo já estava preparado, olhei para a enfermeira para quem tinha entregado o cd, e sinalizei para ela dar play no stereo. A música envolveu o ambiente, dei inicio a maratona de 8 horas em cirurgia, ouvindo de Florence + The Machine Never Let Me Go.

Erick

Depois que meus pais saíram voltei para o apartamento que viveu a Fabiana. Hoje eu estava pior, sentia uma angustia sem precedentes. A sensação era como se ela estivesse precisando de

mim. Entrei no apartamento, fechei a porta e fui para o quarto. Esse era o meu inferno.

Foi imperdoável o que eu fiz, não sabia mais o que pensar. Eu a tive em meus braços e a perdi. Deixei-a partir sangrando, machucada, sem ninguém para ajuda-la e pior, com um filho meu na barriga. Em meio á ganância do meu pai e a minha crueldade, eu parti o seu coração. Destruí seus sonhos e o seu amor por mim. Nunca chorei na minha vida, nem mesmo na morte do meu irmão, mas nesse momento eu não pude segurar mais e chorei. Chorei por tudo que a fiz passar, por tudo que eu passei e tenho passado. Hoje vejo o quão desesperada minha cunhada ficou sem meu irmão. A dor de perder quem ama é incalculável.

Todos esses anos desde a morte do meu irmão, procurei me manter longe de qualquer tipo de relação. Nunca fui de namorar, jamais senti essa necessidade, até casamento era uma relação fora dos meus planos. Isso tudo mudou completamente quando Biana, entrou em minha vida. No inicio eu lutei contra todos os sentimentos que eu pudesse está sentindo por ela, o quanto isso foi em vão. Ao invés de investir na relação, mantive-a presa a mim, e deixando-a de fora. Nunca conversamos sobre a minha família, nunca fiz planos com ela, nem mesmo depois que soube da gravidez, essa era a minha defesa, de não me apaixonar, não me envolver, e não adiantou muito, hoje sou completamente apaixonado e não a tenho comigo.

Olhei em volta do quarto com tudo que ela possuía cobrindo cada pedaço do lugar, seu cheiro de pêssego perfumava todo o ambiente. A dor que eu sentia era crua, talvez seja exatamente por isso que eu nunca quis me entregar a ninguém, perdi meu irmão que tornou-se uma dor constante, agora ela, que está tornando uma ferida na alma.

Dr. Zen Kahil

Depois de 7 horas de cirurgia, finalmente estava indo para casa. O estado clínico dela era razoável, ao menos ela resistiu a cirurgia. Tivemos alguns problemas com sua pressão, mas que foi

possível estabilizar. A cirurgia foi um sucesso! Agora era esperar ela estabilizar e começar a sessão de outras pequenas cirurgias, que ela teria que se submeter e finalizar com a fisioterapia, isso se ela não tiver nenhuma sequela, o que eu acho pouco provável.

O trânsito essa hora era tranquilo, segui para o hotel pensando na paciente, era uma moça tão jovem e cheia de vida, difícil acreditar que pudesse ter passado por uma atrocidade como essa. A vida muitas vezes era ingrata, tantas adolescentes passando por situações como essa, ou as vezes pior, por que não chegam a sobreviver ao seu agressor. Estacionei o carro e fui direto para o flet, não queria comer nada, tinha perdido completamente o apetite. Assim que entrei fui saudado por minha Ualida (mãe)

- Salamu aleikum (Que a paz esteja com você)

- Wa aleikumu Salam (E sobre você a paz)

- Ki deir? (Como você está?)

- Labas, alhamdulilah (Estou bem, graças a Deus)

- Meu Ibn (filho), parece cansado. Não vi você voltar pra casa ontem.

- Estava voltando quando fui chamado para uma emergência em outro hospital. Estou exausto, fiquei as ultimas 7 horas em uma cirurgia.

- Deu tudo certo? – minha mãe era uma mulher adorável, nos seus 60 anos, cheia de vida e linda de tirar o fôlego.

- A cirurgia foi muito bem sucedida Ualida. O que me preocupa é o seu estado e sua recuperação.

- O que houve com ela? – não entendi a pergunta, ela nunca me perguntava sobre meus pacientes.

- Por que a pergunta? A senhora nunca me pergunta sobre meus pacientes.

- Você parece bastante abalado. Eu conheço você meu Ibn, algo de muito grave deve ter acontecido a essa moça.

- Ela foi vítima de uma agressão séria e pelos seus ferimentos lutou muito contra o agressor. Eu não sei Ualida, eu tive um forte desejo de protegê-la. Uma vontade enorme de vê-la bem, não faço ideia do por que, mas não posso desistir dela. Quero que ela lute tanto quanto eu estou lutando para mantê-la viva.

- Qual o nome dela?

- Não sabemos, não há qualquer informação pessoal no seu prontuário. – eu não podia me envolver, isso seria muito ruim para mim e para ela, porém o problema é que eu não conseguia tira-la da cabeça. – Ualida eu vou tomar um banho, e dormir um pouco, estou exausto.

- Vai sim Ibn. Salamu aleikum

- Wa aleikumu Salam

Gosto muito de conversar com minha Ualida. Moro com ela desde que meu pai faleceu. Eles moravam em Marrocos e eu estudava em São Francisco, na Califórnia. Quando ele se foi, ela veio para a América ficar comigo. Quando decidi entrar na equipe de pesquisa e vir para o Brasil, eu a trouxe comigo. Não havia maneira de deixa-la sozinha em casa por um ano. Entrei no meu

quarto e fui para o banheiro tomar banho. Estava exausto e precisava descansar.

CAPÍTULO 03

Dois meses depois...

Erick

Minha vida era um inferno. Aquela mulher acabou com minha paz. Foi embora sem dar satisfação e ainda levou meu filho com ela. Foi fria e cruel, levou com ela meu coração.

- Bebendo novamente Erick?

- E o que você tem a ver com isso? - enchia a cara todos os dias, nada mais me importava, reduzi meus horários trabalhando somente dois turnos.

- Você está cada vez pior. Ela não vai voltar, deixou você! Coloque isso na sua cabeça e volte a ser um homem.

- Esse é o homem que você queria, agora aguenta. Não se esqueça dos votos querida. Na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe.

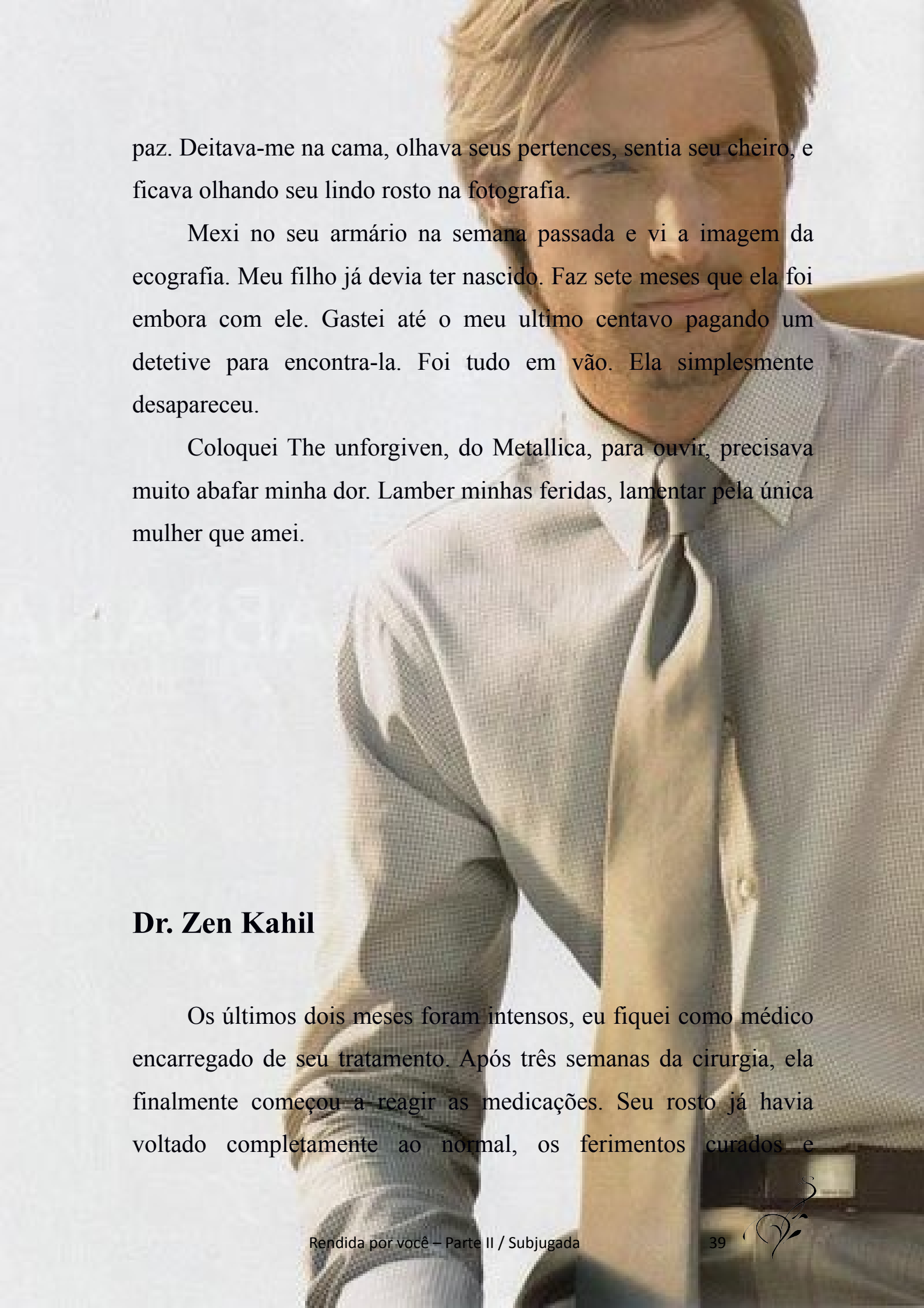
- Mas meus votos não consistem em ficar casada com um bêbado.

- Até que a morte nos separe! Agora larga do meu pé. Vai encontrar o seu amante e me deixa em paz.

- Erick!

- Vai de uma vez e me deixa. – continuei tomando meu vinho, enquanto ela saía pela porta. Vagabunda! Ela tinha um amante e eu ia descobrir, mataria aos dois.

Depois de duas garrafas, peguei a chave do apartamento onde minha pequena morava e fui pra lá. Era o único lugar que me dava



paz. Deitava-me na cama, olhava seus pertences, sentia seu cheiro, e ficava olhando seu lindo rosto na fotografia.

Mexi no seu armário na semana passada e vi a imagem da ecografia. Meu filho já devia ter nascido. Faz sete meses que ela foi embora com ele. Gastei até o meu ultimo centavo pagando um detetive para encontra-la. Foi tudo em vão. Ela simplesmente desapareceu.

Coloquei The unforgiven, do Metallica, para ouvir, precisava muito abafar minha dor. Lamber minhas feridas, lamentar pela única mulher que amei.

Dr. Zen Kahil

Os últimos dois meses foram intensos, eu fiquei como médico encarregado de seu tratamento. Após três semanas da cirurgia, ela finalmente começou a reagir as medicações. Seu rosto já havia voltado completamente ao normal, os ferimentos curados e

cicatrizados. Agora daríamos início as cirurgias para colocarmos os ossos da costela no lugar, já que estes haviam sido quebrados e colados de forma errônea.

Hoje seria a cirurgia com o Dr. Gabriel, ele é um ortopedista excelente. Eu não faço parte de sua equipe, mas acompanharia todo o procedimento. Entramos no centro cirúrgico e deram início aos trabalhos. Alguns ossos tiveram que ser quebrados novamente para cola-los de forma correta. A cirurgia demorou 6 horas e foi um sucesso! O fato de estar imóvel facilitaria o tratamento, a cura seria mais rápida.

Durante o ultimo mês, saímos e entramos de blocos cirúrgicos. Depois de todas as cirurgias reparatórias, demos início as cirurgias de reconstrução. Ela tinha ficado com varias cicatrizes. Algumas depois da plástica mal eram perceptíveis. Cada dia que se passava, mais bela ela ficava. Eu não via a hora de ver a cor dos seus olhos. Lutei todos os dias para trazê-la de volta, durante todo esse tempo não deixei de pensar nela um só momento.

Profissionalmente falando, seu caso era em partes um sucesso. Depois de cinco cirurgias e três plásticas ela ainda lutava por sua vida. Nunca foi provado se era possível os pacientes em coma poder ouvir, mas ainda assim, às vezes me pegava conversando com ela. Assuntos triviais, do dia a dia, todos os procedimentos de seu tratamento, e principalmente dizendo a ela que estava segura. Eu já tinha feito tudo que estava ao meu alcance para trazê-la de volta, agora só dependeria dela.

Fabiana

Tudo era escuro e silencioso, meu corpo estava pesado e não respondia aos meus movimentos. Eu passava dias tentando abrir meus olhos, ou me levantar, no entanto eu não conseguia. Era frustrante e exaustivo! Eu estava afundando, não estava desistindo, apenas me entregando.

Não sabia se havia passado, horas, dias ou meses. Mas sempre que eu tentava sair da escuridão ela voltava a me puxar. Eu queria gritar, me mover ou abrir meus olhos, estava começando a ficar angustiada. No entanto, meus esforços eram em vão, nunca conseguia e acabava voltando para as trevas.

Hoje despertei ouvindo uma voz, era um tom rouco e distorcido, eu não conseguia entender exatamente o que a pessoa dizia. Foram vários dias assim, a pessoa sempre voltava. Hoje percebi que era um homem, mesmo não entendendo o que ele dizia era reconfortante ouvi-lo. Dava-me paz, eu acabava dormindo ao som de sua voz e nunca mais voltei para a escuridão.

Acordei ouvindo a voz do homem que sempre falava comigo e de outra pessoa que eu não conhecia, nunca tinha ouvido aquela voz. Ouvi-lo novamente era a única coisa que me fazia sentir viva. Mesmo com toda escuridão, ele nunca me deixava sozinha, percebi que hoje ouvia melhor o que diziam. Suas vozes estavam mais claras, era possível identificar as palavras.

(...)

- Há quanto tempo?

- Cerca de onze meses.

- Sinais vitais?

- Estáveis

Que estranho...

Pareciam médicos...

Eu não entendia...

Então tive alguns...

Flashback de cenas difusas, tudo distorcido...

... O Erick ...

Um restaurante...

Comecei a respirar mais rapidamente com as lembranças que invadiam minha mente. A gravidez, o noivado, o medo e... Tentei gritar, Deus não! Por favor, não, não...

Comecei a chorar. Na verdade eram soluços por que não havia lágrimas, meu desespero fez meu coração disparar, não queria estar ali. Não queria que o dono desta voz que me trouxe tanta paz fosse o homem daquele dia. Aquilo não podia ter acontecido... Um bipe alto tocava ao meu lado, era irritante.

- Doutor!

- O que aconteceu?

- Os batimentos estão alterados, ela parece agitada.

- Ela deve esta acordada, dê a ela um sedativo e suspenda as outras medicações, vamos ver como ela reage.

- Sim, senhor!

Médico! Então estava em um hospital. Há quanto tempo estava aqui? E o meu filho? Deus não permita que eu tenha perdido meu bebê. Fui ficando sonolenta, mas não queria dormir, queria saber quem eram aquelas pessoas e o que tinha acontecido com o meu bebê. Minha luta foi em vão, em minutos voltei para a escuridão.

Dr. Zen Kahil

Acordada! Ela estava acordada! Finalmente! O que estou sentindo agora não tem precedente. Felicidade, entusiasmo, medo e uma paz enorme. Essa Azzah mexeu com todos os meus botões. Não podia me envolver, entretanto eu também não podia me afastar. Agora mais do que nunca, ela precisaria de mim e sem duvidas estaria ali para ajuda-la no que fosse necessário. Cheguei ao

apartamento e minha ualida estava pondo a mesa, tínhamos serviço de cozinha, mas ela sempre fazia nossas refeições. No começo fui contra, porém depois de um tempo se tornou inútil discutir.

- Salamu aleikum (que a paz esteja com você)

- Wa aleikumu Salam (e sobre você a paz)

- Ki deir? (como você está?)

- Labas, alhamdulilah (estou bem, graças a Deus)

- Você parece bem animado hoje. Posso saber de onde vem essa felicidade?

- Claro! Ela acordou, a paciente que estou tratando finalmente saiu do coma. – minha ualida era uma mulher muito perspicaz, me olhava de uma maneira que me deixava desconcertado.

- Mas que maravilha! É uma noticia muito boa. Como ela reagiu?

- Ainda não conversamos, ela acordou, mas estava agitada. Mandei que dessem a ela um sedativo e amanhã, vou saber de fato como ela está.

- Não vai ser fácil! Passar por tudo que ela passou e acordar depois de tanto tempo. Fico com um aperto no coração só de pensar.

- Vai ficar tudo bem. Ela é forte, eu sinto isso nela, tem vontade de viver ualida. Ela é uma guerreira.

- Insha Allah. (Se Deus quiser)

Jantamos juntos. Minha mãe é uma mulher muito agradável e de conversa fácil. Depois do jantar ela se recolheu, deixando-me a sós com meus pensamentos. Ultimamente a minha paciente era o

tema central deles, desde que comecei seu tratamento a vi tão desamparada, não sabia como podia um ser humano está meses em coma e não receber uma visita. Ninguém procurou por ela, estava completamente sozinha, mesmo tentando me manter afastado, eu não conseguia. Algo muito forte me chamava até ela, eu não sabia o que era. Talvez tenha sido somente o seu estado que me deixou atordoado, tenho quase certeza de que quando ela estiver sã e salva, toda esta necessidade de estar com ela, passaria. Fui para meu quarto, precisava descansar, o dia de amanhã seria longo.

Eu estava eufórico, passei uma noite terrível, pensei e sonhei com ela a madrugada inteira. Muito estranho. Não sabia nada sobre ela, nunca a tinha visto, mas ela tava lá, em todos os meus pensamentos. Saí mais cedo do que o habitual. Precisava saber como ela havia passado a noite, e como estaria hoje de manhã.

Cheguei ao hospital, deixei minhas coisas na minha sala, e fui direto para a UTI. Meu coração estava acelerado. Cada passo que eu dava me deixava mais próximo dela, cheguei ao seu quarto respirei fundo. Abri a porta e entrei.

CAPÍTULO 04

Fabiana

Despertei-me sentindo todo o meu corpo, porém ainda não conseguia me mexer. Fiz um esforço para abrir meus olhos, mas em vão. Há quanto tempo fiquei sem abri-los eu não fazia ideia, tentei várias vezes, era cansativo, porém quando finalmente consegui a claridade machucou-os forçando-me a fecha-los.

- Bem, olha quem está de volta.

Eu já estava familiarizada com essa voz. Era do homem que sempre conversava comigo. Sua voz tinha um tom rouco, como se ele fosse fumante há anos. Não conseguia responder, algo em minha garganta me impedia de falar.

- Preciso fazer alguns testes com você. Vou dar uma olhada em suas pupilas, pode ser um pouco desagradável, mas necessário.

Sua voz era tão calma. Senti seus dedos em minhas pálpebras e depois uma luz forte, tentei me mexer, mas é claro que não consegui.

- Pronto, desculpe-me sei que é desconfortável. Agora eu preciso saber se você me ouve, quero que tente apertar minha mão.

Precisei me concentrar ao máximo para fazer o que ele pedia. Nunca imaginei que fazer um movimento tão singelo poderia ser tão difícil. Com muito esforço movimentei minha mão, seu toque era quente e reconfortante.

- Muito bom. Eu sou o Dr. Zen Kahil. Sou o médico responsável pelo seu tratamento. Quero fazer algumas perguntas, então me responda com um aperto para sim, e dois para não. Tudo bem? – um aperto

-Você está sentindo dor? – dois apertos

- Consegue abrir os olhos? – um aperto.

- Pode fazer isso agora? – dois apertos. Eu conseguia abrir, mas a claridade machucava.

- Eu já volto.

Perdi o contato com sua mão, e mais uma vez estava sozinha. Essa coisa na minha garganta já estava me incomodando, eu tinha necessidade de respostas. Ficar nesse silencio me punha nervosa.

- Vou passar uma solução em seus olhos. Pode ser que facilite você abri-los.

A solução era gelada. Não gostei do cheiro, era enjoativo. Quanto desconforto! Odiava hospitais.

- Feito. Pode tentar novamente?

Não, eu não podia, estava claro, mas eu também não podia dizer isso a ele. Muito irritante essa situação! Ouvi o barulho da máquina, acelerar.

- Fique calma. Não há necessidade de ficar nervosa. Eu quero que você descanse, amanhã tentaremos novamente. Você teve um grande progresso hoje, se continuar assim poderá sair o quanto antes do respirador. Eu volto mais tarde para vê-la.

Ele se foi e eu fiquei na minha angustia, ela era uma companheira constante. Não gostava de ficar sozinha, isso me fazia lembrar-me do Erick, e de tudo que me fez passar. Quando o vi no restaurante sendo noivo daquela moça foi a gota d'água, não consegui segurar minha raiva. Fiz um papelão, odiava escândalos, mas ele extrapolou os limites me fazendo perder todo o bom senso. Eu amava-o, me entreguei a ele de corpo e alma. Fiz tudo que podia para mate-lo comigo, mas todo meu esforço foi em vão, ele nunca me amou. Eu sairia desse lugar outra mulher, não deixaria ninguém

mais me usar. Nunca mais daria espaço para o amor em minha vida. Caí na escuridão certa da minha decisão.

Muito tempo depois acordei, não sabia se eram horas ou dia. Que importância isso fazia? De qualquer forma não conseguia fazer nada, além de acordar e cair na escuridão. Forcei meus olhos abrirem mais uma vez, mas a merda da luz ainda dificultava mate-los aberto.

- Bom dia, senhorita.

Aquela voz novamente. Se pudesse estaria sorrindo, mesmo não o conhecendo, me sentia próxima a ele.

- Pode abrir os olhos? – sua mão segurou a minha. Seu toque me fez suspirar. Apertei uma vez, ele não entendia, eu conseguia, só não podia.

- Vamos tentar de outra forma. Você não sente dor e consegue abrir os olhos. Devido ao tempo que ficou com eles fechados pode ser a claridade. Estou certo? – ah graças a Deus! Dei-lhe um aperto.

- Muito bem. Vou apagar as luzes. – ele tirou sua mão da minha e voltou em seguida – Pronto, já pode abrir os olhos.

Muito lentamente abri meus olhos. A imagem diante de mim era de tirar o fôlego. Olhos dourados me encaravam com intensidade, atento as minhas reações. Meu coração acelerou, ao ver tanta beleza em um homem.

- Fique tranquila. Você esta segura, está em um hospital e eu sou o seu médico. Estou feliz em finalmente ver você se

recuperando. – um aperto, já que não podia falar, tirei minhas mãos das suas e tentei leva-las a minha boca.

- Não mexa. Você esta no respirador, por isso não consegue falar. Ainda é cedo para tira-lo. Assim que possível eu o farei. Se continuar reagindo bem e se recuperando como está, vai ser mais rápido do que imaginamos. – dois apertos.

Eu queria isso fora de mim agora! Eu podia respirar sozinha, essa coisa na minha garganta estava me machucando e irritando.

- Se continuar agitada, vou ter que seda-la. Fique calma e tente descansar. Vamos tentar amanhã, se estiver tudo bem, eu tiro você do respirador. Precisa confiar em mim, e deixar-me fazer o meu trabalho.

Absurdo! Ele não via que eu já estava bem? Que toda essa esperar só piorava ainda mais meu estado? Eu queria falar! Ficar aqui deitada entre a luz e a escuridão estava me deixando mais exausta do que se eu estivesse falando.

Dr. Zen Kahil

Eu queria rir, ela era muito teimosa, mesmo sem se mover, estava brigando pelo direito de falar. Sua tenacidade me deixou animado, isso quer dizer que não havia danos cerebrais na parte que controla suas emoções. Ela podia ver e ouvir. Movimentava muito sutilmente as mãos, mas ainda sim era melhor que paralisia completa.

Eu queria sorrir, gritar e abraça-la ao mesmo tempo. Nunca um paciente meu deu tanto êxtase, ela era diferente de tudo que eu já havia presenciado em minha carreira, e olha que eu estava na medicina há dez anos. Ela despertou em mim todas as sensações que nos ensinaram a deixar de fora desde o tempo da faculdade. Nunca se envolver com os pacientes, ou seus problemas, ou problemas com seus familiares. Para isso o hospital contava com psicólogos, terapeutas e a ajuda do conselho tutelar.

Cheguei ao flat e minha ualida estava dançando. Nossa! Que saudades eu tinha da minha terra natal. Eu amava Marrocos, mas foi impossível ficar lá. Meu pai era um homem honesto, mas tinha um coração duro, era frio, e muitas vezes, violento. Minha mãe passou momentos terríveis em suas mãos. Foi obrigada a aceitar outras esposas calada. Sofreu, e chorou em silêncio. Eu a idolatro, além de minha mãe é minha melhor amiga. Eu nunca me casei, sendo o primeiro filho fui prometido a um casamento arranjado. Evitei a

todo custo esse tipo de relação, eu jamais me casaria por arranjo, era a tradição do meu povo, mas não me sujeitaria a isso. Fui embora de casa para estudar na América longe de tudo. Meu pai nunca mais falou comigo, eu lamentava, mas era a minha vida e eu decidiria com quem iria dividi-la.

- Ibn! Venha, vamos dançar.

Eu fui. Era inevitável não render-se a musica e a sua felicidade. Adorava dançar com ela, ao som da música do meu povo. Dançamos três musicas e eu me rendi, estava cansado.

- Então, diga para sua ualida o motivo de tanta felicidade.

- Não é nada. Eu realmente gostei de chegar e ver você dançando. Foi contagiante e acabei aceitando o convite.

- Como esta sua paciente?

- Bem, suas reações hoje foram melhores que imaginei e estou feliz por que até agora não mostrou nenhum dano cerebral. – ela me olhava com um grande sorriso. Eu não entendi.

- O que foi?

- Não consegue ver Ibn?

- Ver o que ualida?

- Que está gostando dessa moça.

- De jeito nenhum! Você esta vendo coisas onde não existem, só estou feliz com o sua recuperação depois de quase um ano em coma, ela finalmente esta acordada. Nada mais.

- Tudo bem, então você pode passar os seus cuidados para outro médico, e voltar para sua pesquisa, afinal de contas foi isso

que você veio fazer aqui. – suas palavras me tiraram o ar. Um aperto doloroso tomou conta do meu coração.

- Não! Eu lutei por ela, estive acompanhando seu tratamento por todo esse tempo, de maneira nenhuma eu a abandonaria agora. – fiquei aflito, e seu estive apaixonado por ela? Não! Isso não aconteceu, eu só estava preocupado com o seu estado. Mas saber que outro médico tomaria meu lugar me deixava desesperado.

- Nem agora, nem depois Ibn. Ela é sua, Maktub.

- Não sabe do que está falando ualida.

- Eu sei, já vivi isso. Você pode lutar, mas se deixa-la ir nunca será feliz. Maktub ibn, Allah sabe o que faz. Vou me recolher. Salamu Aleikum

- Wa aleikumu Salam. – eu não estava apaixonado, eu provaria isso. Assim que terminasse minha parte eu a deixaria com os fisioterapeutas e psicólogos. Minha parte eu fiz, eu a trouxe de volta, não havia mais motivos para continuar sendo o seu médico. Levantei irritado por seu comentário ter acabado com toda a alegria que eu estava sentindo, e fui dormir.

Fabiana

Meus sonhos eram horripilantes. Eu não queria acreditar no que tinha acontecido comigo. Como pude ir do céu ao inferno em tão pouco tempo não entrava na minha cabeça. Hoje me manteria o mais calma possível, eu queria respostas. Se eu me agitasse ele me deixaria aqui por mais tempo. Desde que acordei não recebi uma visita, nem da minha família nem do Erick, isso me machuca muito. Como pode a mãe do filho dele esta hospitalizada e ele não aparecer para se quer fazer uma visita? Ele nunca se importou, nunca pensou em mim, nunca esteve apaixonado. Comecei a chorar, ficou mais difícil respirar, aquele maldito cano na minha garganta me impediu de respirar direito. Eu queria gritar. Deus! Que dor horrível, tira isso de mim, me liberta desse sentimento, eu quero que ele se dane. Que viva sua vida com a filha do pastor bem longe de mim.

- Minha jovem. Preciso que você fique calma. Tente respirar fundo. Procure se controlar, e pare de pensar em coisas que vão te trazer sofrimento.

Eu queria gritar com ele, esse estado estava me deixando doente. Como médico ele não via isso? Esse tubo na minha boca só servia para me irritar ainda mais. Olhei em seus olhos dourados tentando passar a ele tudo que eu estava sentindo. Eu sempre fui transparente. Todo mundo conseguia me ler, será que ele era o único que não podia? Ele ia virando as costas e segurei sua mão,

implorando com os olhos que tirasse isso de mim e me deixasse falar.

- Eu vou voltar. Preciso chamar uma equipe para tira-la do respirador. – apertei sua mão uma vez, e deixei transparecer o meu alivio. O sorriso que ele me deu me deixou perplexa. Era lindo! Dentes perfeitos, barba cerrada. Parei com esses pensamentos antes que ficasse corada. Soltei sua mão e deixei que fosse chamar as enfermeiras.

Olhei para o teto branco e inóspito. Eu me via como ele, sem cor, sem sentido, apenas existindo. Eu tinha que parar de lamentar e sair daqui. Daria a volta por cima. Mostraria para muita gente que eu tinha valor e amor próprio.

- Estamos aqui. Quero que você fique calma e respire fundo, isso vai ser desagradável. Relaxe sua garganta.

Fiz como me pediu.

Ahhh...

A sensação era horrível, me deu ânsia de vômito. Quando o tubo saiu tentei encontrar meus pulmões, respirei o mais rápido que consegui. Era assustador, eu estava afogando.

- Não entre em pânico. Respire fundo. Olhe para mim. Isso muito bom. Fica calma, respire lentamente. Expire e inspire.

No seu olhar havia tanta compaixão. Saber que ele se preocupava comigo me dava forças para continuar a seguir em frente. Ele era calmo e controlado, passava muito paz.

- Você está indo muito bem. Sua recuperação superou minhas expectativas. Agora tente falar.

- Oi. – minha voz saiu rouca de mais, minha garganta ardia.

- Acha que pode conversar?

- Sim. – teria que acostumar com o timbre da minha voz, parecia outra pessoa falando.

- Qual o seu nome?

- Fabiana.

- Olá, Fabiana, finalmente é bom me dirigir a você por um nome.

- O Doutor não viu meus documentos?

- Não. Na verdade você chegou aqui sem nenhuma identificação.

- Onde estou? Que hospital é esse? Há quanto tempo estou aqui?

- Calma Fabiana, muita informação. Por que não descansa um pouco e depois voltamos a falar?

- Preciso de respostas. Por favor?

- Vamos ter muito tempo para conversar. Amanhã eu volto e eu prometo responder suas perguntas.

- Posso tomar água? Minha garganta está ardendo.

- Claro, vou pedir as enfermeiras para trazer uma jarra de água. Até amanhã Fabiana.

Sozinha novamente, que estranho. Ninguém nunca veio me ver, por pior que minha mãe fosse eu em um hospital ela me faria

uma visita não é? Ou não? E o Erick? Ele sabia que eu não tinha ninguém. Poxa será que nunca significuei nada? Meu Deus! Que tomento. Quando é que tudo isso iria acabar? Dormi atordoada com tantas repostas não ditas.

Acordei cedo no dia seguinte. Abrir meus olhos e vi o Dr. Zen conversando com outra médica. Não gostei de vê-la aqui. Não queria ser tratada por outro médico, eu estava indo bem com o Dr. Zen, eu não confiava em outra pessoa. Pra mim não era fácil.

- Bom dia! Fabiana. Essa é a Dra. Elisa Macedo, ela é psicóloga, vem acompanhado o seu tratamento.

- Bom dia. Eu não preciso de uma psicóloga. Não quero falar com ninguém.

- Oi Fabiana, eu só quero conversar com você, sobre o tempo que você esteve aqui e sobre o que te trouxe aqui.

Meus olhos se encheram de lágrimas com as imagens de tudo que eu vivi. Não queria conversar sobre aquele dia, eu só queria minhas respostas e dar o fora dali o mais rápido possível. Eu não entendia por que não recebia visitas. A espera de alguém aparecer era dolorosa, no fim achei que ninguém se lembrava de mim, ou não deram conta do meu sumiço.

- Fique calma Fabiana, sei que pode ser doloroso pra você, mas precisamos conversar sobre isso e deixar a polícia prender o criminoso que fez essa atrocidade.

- Quero respostas. Estou farta de perguntas. – também estava cansada de ser aquela garota tímida e inocente que todos achavam que podia pisar e maltratar.

- O que você quer saber?

- Onde estou?

- Hospital Santa Casa. – eu conhecia o hospital. Saber que eu estava tão perto dele, e ele nunca aparecer para uma visita me deixava doente.

- Fabiana, onde está sua família?

- Estou me fazendo a mesma pergunta. Há quanto tempo estou aqui?

- Quase onze meses.

Soltei uma gargalhada que me doeu a garganta. Impossível! Eu me lembro de tudo que aconteceu, tudo que o Erick fez. Isso foi há que? Dois dias, três no máximo.

- O doutor está me dizendo que eu passei onze meses aqui e ninguém da minha família veio me ver e nem mesmo o pai do meu filho? Filho! Onde está o meu filho?

- Não sabemos do seu filho Fabiana, eu preciso que você fique calma.

- Você acabou de dizer que eu passei onze meses aqui, eu estava grávida de quase onze semanas, então, onde está o meu filho?

- Você não veio para esse hospital, grávida. Foi transferida de outro lugar sem nenhuma informação pessoal, ou de seu estado físico.

- Transferida? Onde estou? Que cidade é essa?

- Fabiana se acalme.

- Já chega! Eu estou cansada das pessoas me dizendo o que tenho ou não que fazer. E não me peça para ficar calma! O senhor não vê que é essa falta de resposta que esta me deixando nervosa?

- Eu vou ter que seda-la se continuar agitada, isso não faz bem para você.

- Faça como quiser! No fim as pessoas sempre acabam fazendo o que é melhor para elas ao invés do que é para mim. Saiam daqui! Não quero falar com ninguém. Enquanto não tiver minhas respostas eu também não tenho por que responder as perguntas. - fechei meus olhos fingindo que ia dormir, já que era impossível me virar para dar as costas para os dois. Odiava ficar nesse silêncio. Sem olhar eu os senti saindo do quarto. Para o inferno os dois!

Todo esse tempo fazendo tudo que as pessoas queriam. Eu precisava pensar em mim, já chega de pensar nas pessoas. Nunca imaginei que minha situação pudesse ficar pior do que já era, mas eu me enganei. Quanto mais o tempo passava, mais longe eu me afundava. A distância era enorme, eu nunca mais voltaria para superfície.

Pensei em um hino que era muito certo para o meu momento. Nunca senti falta da igreja, mas eu nunca permiti que abalassem a minha fé. Hoje ela é a minha única companhia. (Ressucita-me – Aline Barros)

Erick

Quanto tempo mais? Eu me perdi nos dias, horas e meses. Eu não sabia mais o que fazer, essa situação estava me enlouquecendo. Meu filho deve esta enorme. Será que ela esta conseguindo se sustentar e sustenta-lo? Ela deixou tudo para trás, com certeza ta passando necessidade. Eu implorei tanto para ela nunca sair sem me avisar, para não se afastar. Que angustia! Isso não passaria nunca.

Semana passada, vendi meu carro. Eu estava usando até o meu último recurso para tentar encontra-la. Eu já não tinha mais dinheiro, tudo que eu tinha, usei para pagar os detetives, mas as repostas eram sempre as mesmas, nenhum deles tinha se quer uma pista dela. Todos eles achavam que ela tinha feito documentos falsos. Mas eu conhecia a Fabiana, eu duvidava muito disso, ela era incapaz de cometer uma fraude, sem contar que ela não tinha condições financeiras para isso. Meu celular tocou, olhei no visor era o detetive.

- Alô?

- Senhor Erick? Aqui é o Machado.

- É ele, fale seu Machado, encontrou algo? - meu coração batia acelerado. Ele parecia tenso, sua voz demonstrava isso.

- Sim e não.

- Eu estou morrendo aqui, pode falar de uma vez?

- Encontramos a bolsa dela em uma casa abandonada.

- Me diz onde, eu estou indo aí. – eu paguei uma fortuna para saber qualquer coisa ao seu respeito. Ela não levou nada, faz sentindo invadir uma casa abandonada.

- É melhor o senhor não v...

- Não me venha com conversa, me passe agora o endereço!

Anotei o endereço que ele me deu, peguei o carro da Keylla, e fui até o local. Quando cheguei fiquei desesperado. Havia um cordão de isolamento e carros da polícia por todo o lugar. Deus! Não permita! Comecei a procurar o detetive Machado.

- Erick?

- Detetive, pelo amor de Deus, o que está acontecendo?

- A bolsa dela foi encontrada, e havia sangue por todo o lugar. – eu não aguentei e cai de joelhos, uma dor no peito atingiu me deixando sem ar.

- Ela está lá? – eu não queria ouvir, mas precisava saber, eu estava enlouquecendo aos poucos.

- Se acalme homem, ela não está lá. A casa esta vazia, e também não sabemos se o sangue é realmente o dela.

- Ela estava grávida, ela pode ter dado a luz aqui e depois ter ido ao hospital. Já procurou?

- Sim, ela não está em lugar algum, nem está morta. Sou detetive há 30 anos e nunca vi um caso como esse. Eu vou entrar em contato com alguns amigos, talvez eles possam ajudar de alguma maneira.

- Qualquer coisa, mas pelo amor de Deus encontre-a.

- Está certo disso? Vai custar caro.

- Não importa. Eu vou pagar o que for necessário.

- Tudo bem.

Saí do local sem poder levar sua bolsa. A situação agora virou caso de polícia. Até que em fim eu teria ajuda desses miseráveis.
(Set Fire To The Rain – Adele)

Dr. Zen Kahil

Fiquei decepcionado com sua atitude. Eu já sabia que ela era tenaz, mas daí a agressão eram coisas totalmente diferentes. Comecei a ficar preocupado, pode ser que haja uma sequela, algum distúrbio emocional. Mais ainda é muito cedo para analisar dessa forma. Ela veio de uma experiência traumática e está perdida. O fato de que estivesse grávida me deixou ainda mais preocupado, ela chegou ao hospital em estado lastimável, mas não veio grávida. Lembro-me perfeitamente de terem feito uma coleta para exames de DNA, que deu negativo, não havia sêmen, mas grávida? Não, isso eu tinha certeza. A pergunta nesse momento era: onde ela esteve até chegar aqui? Foram cinco meses anteriores citado no prontuário medíocre, que veio junto com ela, quando foi transferida.

Tive uma noite de cão, essa mulher era um enigma. Deixa-me desconcertado ficar em sua presença. A vontade que eu tinha era de coloca-la no colo e abraça-la até tirar todos os seus demônios. Eu não dormia, e estava sem paciência para falar com minha ualida. Eu precisava descobrir tudo sobre ela, só assim ficaria em paz comigo mesmo. Depois de tudo isso a deixaria com os demais tratamentos. Toda essa minha confusão iria passar, assim que eu a desvendasse.
Cheguei ao hospital e fui falar com a Dra. Elisa Macedo, ela foi a psicóloga solicitada para cuidar do caso da Fabiana. Entrei na sala dos médicos e a vi.

- Bom dia, a todos. – recebi um coro de bom dia dos médicos que ali estavam presentes.

- Bom dia. Dr. Zen.

- Podemos conversa Dra. Elisa? – ela me olhava como se eu fosse comida. Pura perda de tempo, eu não tinha relacionamentos. Nunca quis esse tipo de compromisso, ia a clubes saciar meu desejo primitivo, nada mais. Não queria me casar, estava focado na minha carreira. A mulher que eu escolheria para mim teria que ter um mais... Não sei como explicar, eu sou um romântico apaixonado. Ainda acredito que a mulher certa para mim, chegaria a minha vida colocando-a de pernas para baixo.

- Claro Dr. Zen.

Abri a porta para que ela pudesse passar. Sim, eu também era um homem a moda antiga, a minha mulher seria tratada como realmente deve se tratar uma mulher. Ela sorriu com todos os dentes, encantada com o meu gesto. Ela era bonita, mas tinha o cabelo muito curto, eu prefiro mulheres de cabelos longos. E também não era o meu estilo de mulher, magra demais, eu gosto de ter onde pegar.

- Dra. Elisa, eu estou indo ver a paciente Fabiana, mas gostaria de fazer isso sozinho.

- Dr. Zen, não acho aconselhável.

- Não importa. Eu quero estar com ela a sós, se eu não conseguir convencê-la então a deixarei em suas mãos.

- Tem certeza disso?

- Tenho. Assim que terminar com ela, vou à sua procura.

- Tudo bem, mas eu preciso que você me mantenha informada.

- Certo. Até mais.

Caminhei em direção ao seu quarto. Eu falaria com ela, porém se não desse certo, daria a minha parte por encerrada em seu tratamento. Fiz tudo que podia para ajuda-la. Seu caso clínico da minha parte foi bem sucedido, agora cabia a ela, se ajudar ou não. Cheguei ao seu quarto bati na porta e entrei. Meu coração parou quando a vi, ela estava sentada e com os cabelos trançados. Allah! Ela é linda.

- Bom dia! Você parece melhor hoje.

- Não se engane doutor, sou a mesma de ontem!

Isso não seria fácil, ela estava dura e muito rude. Eu não gostei desse seu lado. Eu tinha que falar para ela quais eram suas opções.

- Fabiana, eu preciso muito falar com você e queria que você colaborasse. Podemos conversar?

- Isso vai depender... Se eu tiver minhas repostas, eu posso pensar em responder as suas perguntas.

- Não é um acordo muito justo. – ela era teimosa. Será que ela não via que eu estava aqui apenas para ajuda-la?

- Eu não faço acordos. Todos os que usaram essa “palavra” comigo, não cumpriram com sua parte. Diga-me Dr. Zen por que o senhor seria diferente?

- Por que sou seu médico.

- Não esta ajudando.

Ela era irritante! Teimosa e completamente irritante. Eu queria virar as costas e deixar seu caso para os profissionais da área, mas meu coração não queria desistir dela, ainda não.

- O que você quer saber?

- Onde estou?

- No hospital Santa Casa.

- Em que cidade?

- São Paulo. – seus olhos lacrimejaram. Ela colocou a mão na boca para abafar seu choro. A dor que vi em seus olhos era crua, uma ferida aberta, me partiu o coração vê-la nesse estado.

- Fabiana...

- Como vim parar aqui?

- Não sabemos. O seu prontuário veio incompleto, não havia nenhum dado pessoal, ou familiar.

- Meu bebê?

- Você também não chegou aqui grávida. Veio transferida sabe-se lá de onde já em coma há cinco meses.

- Então, perdi meu bebê. Deus o que foi que eu fiz para merecer isso?

- Fabiana, colabore comigo, me diga onde está sua família?

- Eu não tenho família.

- Você com certeza tem mãe, irmão, pai, tios, primos, algum familiar.

- Já disse doutor, eu não tenho.

- Você se lembra de onde veio?

- Sim, de Goiás.

- E o pai da criança? Ele deve ser importante para você.

- Recebi alguma visita doutor? O Senhor alguma vez viu alguém procurando por mim?

- Você acabou de dizer que era de outro estado, pode ser que não saibam onde você está. – ela tinha um ponto aí, de fato ninguém procurou por ela, nem mesmo a polícia esteve á procura de alguém com seus traços.

- Acredite em mim Doutor Zen, não há no mundo, alguém que se preocupe comigo.

- Deixe-me ajuda-la. Colabore com a equipe.

- O que querem?

- Sua cura. Que você se abra e nos deixe saber o que aconteceu com você. Sabemos pelos exames que você foi brutalmente abusada sexualmente. Traumas psicológicos são comuns com esse tipo de agressão.

- Escute Dr. Zen, eu realmente espero que me ouça dessa vez. Não há nada no mundo que me faça falar sobre aquele dia.

- Eu entendo o seu medo Fabiana, mas você precisa tentar. Isso pode ajudar você, e a polícia encontrar o agressor.

- Não sei quem é. Não vi o seu rosto, estava escuro. Como cheguei aqui doutor?

- Não sabemos de qual hospital você veio. Na verdade eu não trabalho aqui, fui chamado especificamente para atender o seu caso.

- Não, quero saber como era o meu estado.

- Isso não importa, não...

- Eu decido o que é importante para mim doutor. Eu quero saber exatamente qual era o meu estado.

- Costelas, dedos e perna quebrados, contusões e lacerações inflamadas e uma concussão grave. – nenhuma reação. Ela não expressou nada. Fria e vazia, sua reação me assustava. Mas o seus olhos diziam muito. Geralmente olhos castanhos são vazios e rasos. Os dela havia uma profundidade envolvente. Mesmo que suas feições não diziam nada, seu olhar falava por ela, emoções transbordavam deles.

- Fabiana...

- Já chega Doutor, já teve suas perguntas respondidas. Não vou falar sobre aquele dia. Poupe sem tempo, sou um caso perdido.

- Fique bem Fabiana. – saí do quarto atordoado e frustrado. Ela estava sofrendo muito, a falta de apoio familiar só deixava a situação pior. Minha participação encerrava aqui. Infelizmente eu não consegui fazer com que ela se abrisse.

CAPÍTULO 05

Fabiana

Era mais doloroso falar em voz alta do que lembrar. Faz com que a situação seja quase real. Coloquei a mão na minha boca tentando abafar meus gritos. Eu não permitiria que eles me dessecassem. Seria minha morte relembrar de tudo aquilo, eu só queria sair daqui e voltar para Goiás. Todo esse tempo aqui, sem notícia de nada, sem vida, apenas deitada inerte nessa cama. Eles pagariam por isso, cada um deles iria pagar pelo que fizeram comigo.

Nos próximos dias a Doutora Elisa, me visitou diariamente para falar comigo. Ela era insuportável. O doutor Zen, nunca mais apareceu. Acho que desistiu de me tratar. Ela insistia em me fazer falar, mas eu não falaria, nem para ele nem para ninguém. Eles querem me tratar ouvindo sobre a minha desgraça, tripudiar na minha dor me enchendo de drogas, achando que isso poderá me curar. Meu abuso não tem cura, ficou selado em mim, eu vi, senti, e presenciei todos os minutos. Não há droga no mundo que apague isso da minha memória.

Depois de duas semanas, comecei aos tratamentos de reabilitação. Fazia fisioterapia todos os dias. Eu fiquei com um

problema na perna. Eu podia andar, mas nunca mais poderia fazer qualquer tipo de atividade física. Pra mim era melhor que ficar aleijada. Os médicos não entendiam a minha falta de reação as sequelas, mas o que eu poderia fazer? O que aconteceu não pode ser mudado. Incomodava-me? Sim! Não vou negar. Mas precisava lutar por mim, por que certo como o nascer do sol que ninguém o faria.

Não vi mais o doutor Zen. Confesso que sentia sua falta, era a pessoa mais próxima que eu tinha. Lembrava-me de quando conversava comigo, ele me acalmava muito. Eu precisava da sua companhia, mas o preço que ele me cobrou por ela era muito alto, eu não estava disposta a contar o que aconteceu comigo, era vergonhoso demais. Eu poderia ter evitado tudo isso se eu tivesse ido com a Luciana. Eu agi de forma imprudente, deixei minha raiva e revolta me dominarem e acabei causando a morte do meu filho. Nada do que eles dissessem me faria sentir melhor.

Era minha culpa!

Minha máxima culpa!

Passei um mês inteiro andando de um lado para o outro nesse hospital. Eu já estava bem, sem sequelas graves. A perna me deixava com dor, mas não ia reclamar, eu merecia isso. Meu corpo ficou coberto de cicatrizes, eu não me lembrava dos cortes. Eu não tinha roupas, ou documentos, a minha maior preocupação era como voltaria para Goiás. Parei de caminhar quando vi a Dra. Elisa.

- Fabiana, que bom ver você fora do quarto.

- Dando umas voltas, é entediante ficar sem fazer nada.

- Entendo. Eu tenho uma notícia para você.

- Boa ou ruim? – era só o que me faltava essa mulher inventar uma terapia, nunca abri minha boca para dizer a ninguém o que havia acontecido. Eu passei os últimos dois meses fazendo fisioterapia e uma bateria de exames. Não aguentava mais ficar aqui.

- Isso vai depender de você.

- Me diga.

- Você recebeu alta. Pode voltar para casa.

- Eu não tenho casa. Mas vou voltar para minha terra. – foi um choque, mas eu não demonstraria isso a ela. Eu queria ir embora, só não sabia como chegaria lá.

- Precisa de ajuda?

- Vai querer o que em troca?

- Nada. Não precisa ficar armada Fabiana, estou aqui apenas para ajuda-la.

- Sei, já ouvi isso antes e olha onde eu estou.

- Vou providenciar umas roupas. Espere-me no seu quarto, eu não demoro.

- Obrigada Dra. – ela também já tinha desistido, melhor assim, não queria que ela continuasse a insistir.

- De nada. Eu já volto.

Voltei para o quarto, eufórica. Eu queria muito sair daqui. Não sabia o que faria quando estivesse lá fora, mas daria um jeito. Pegaria uma carona, faria qualquer coisa, mas voltaria para minha

terra. A Dra. voltou com algumas roupas, não eram do meu tamanho, mas eu não reclamaria. Pelo menos eu tinha o que vestir.

- Ficaram enormes, mas era o que tinha para doação.

- Está muito bom, obrigada.

- Aqui está sua alta. Eu quero que você continue com a fisioterapia assim que chegar ao seu estado. Não deixe de seguir as instruções do fisioterapeuta. E aqui tem alguns remédios, caso sinta dor. Boa sorte Fabiana.

- Obrigada Doutora.

Assinei os papeis do hospital e me despedi das enfermeiras. Fui em direção as portas do hospital. Meu coração batia descontrolado. Eu não tinha para onde ir, e nem a quem pedir ajuda, atrás daquelas portas estaria uma liberdade que eu jamais conheci. Eu sou um animal selvagem, dentro da cidade grande.

Flávio

Então acharam a bolsa dela... Eu precisava dar o fora daqui, a polícia bateria na minha porta assim que o Erick fizesse uma acusação contra mim. Ela tinha medo de mim e o Erick viu naquele dia. Aquele babaca está pagando caro pela forma que me tratou. Agora fica lá no apartamento enchendo a cara e chorando. O cara é muito patético. Saí do banho e fui arrumar minhas coisas. Não levaria muito, só ficaria fora por alguns dias...

Ah que merda! Quem será a essa hora? Não recebi ligação do Antonio, dizendo que alguém me procurava. Só podia ser o cachaceiro do Erick, o cara tomava uma todo dia, além de corno era um bêbado.

- Flavio Venturini?

- Sim, você quem é?

- Eu dou o detetive Calheiros, podemos conversar?

- Sobre o que? E por que o meu porteiro não anunciou você?

- Essa visita é só uma cortesia. Se você preferir eu posso voltar a delegacia e pedir um mandado.

- Entre, eu vou por uma roupa.

Quer merda! Eu estava ferrado, o que eu faria agora? Vou reclamar para a síndica, o Antonio não pode deixar ninguém subir sem anunciar antes. Coloquei uma roupa e voltei para a sala.

- E então, o que o senhor quer?

- Posso me sentar?

- Claro. – isso seria mais demorado do que eu imaginava.

- O senhor conheceu a moça que morou no 904 no ano passado?

- Se você estiver falando da Fabiana, então sim, eu a conheci.

- Quem a apresentou ao senhor?

- O namorado dela, o Erick.

- Depois desse dia teve algum contato com ela?

- Sim, eu a vi chegando num domingo, quando estava de saída. – ele não pararia ai, eu tinha certeza que este filho da puta queria me ferrar com essas perguntas.

- Foi só desta vez que a viu?

- E uma vez quando eu pedi um pouco de açúcar para ela.

- Você não a viu mais então?

- Não senhor.

- Consegue lembrar onde esteve no dia 15 de abril do ano passado?

- Faz muito tempo, não sei...

- Certo. Você soube do desaparecimento dela?

- Não. Eu soube que ela foi embora. – ele não me pegaria com essa pergunta, todo mundo sabia que ela foi embora, não que ela desapareceu.

- Como soube?

- Eu sou o vizinho, é difícil ignorar os gritos e choros do Erick.

- Conhece o Erick á muito tempo?

- Cerca de 10 anos. Mas o que isso tem a ver com a Fabiana?

- Como era o relacionamento dos dois?

- Eu que vou saber? Nunca falei mais que boa noite para ela e o Erick não me queria perto dela. – merda! Eu e minha boca grande. Porra! Esse cara estava me deixando nervoso.

- E porque ele não o queria perto dela?

- Isso o senhor vai ter que perguntar para ele

- Tudo bem. Eu vou te deixar o meu cartão caso você se lembre de algo que possa ajudar na investigação. Ah e faça o favor de não deixar a cidade.

- E por que não? Eu não fiz nada.

- Eu não disse que fez, mas você pode ser intimado para depor.

- Eu estava pesando em visitar a minha mãe nesse fim de semana.

- Adie. Não saia da cidade sem avisar a polícia.

- Até logo.

- Adeus. – que cara babaca, eu estava encrencado. A situação estava ficando feia. Precisava pensar e agir rápido.

Erick

Essa demora estava me enlouquecendo. Os resultados dos testes de DNA ficaram prontos. O sangue era da minha Fabiana, ela realmente esteve naquela casa abandonada. Só conseguimos fazer uma comparação, por que ela fez o teste de gravidez na clínica e eles ainda tinham uma amostra do seu sangue. O problema agora eram as digitais. Foram encontradas algumas, mas o processo de reconhecimento estava muito lento. Eu não tinha mais dinheiro, não podia molhar a mão de ninguém. Meu pai como deputado poderia intervir, para alguma coisa teria que servir esse posto. Falaria com ele, eu precisava de ajuda, iria apelar pelo seu neto essa ajuda. Ao chegar na sua casa, minha mãe veio me saudar.

- Meu filho, como você está?

- Eu estou bem, preciso falar com o papai, ele está?

- Sim. Erick tem certeza que você esta bem? Parece tão abatido.

- Sim, eu preciso falar com o papai. Até mais. - minha mãe nunca mudaria. Achei que depois de casado ela me largaria de mão, me enganei, ela continuava do mesmo jeito.

Entrei na sala e não vi meu pai, fui para o seu escritório, mas a porta estava trancada. Bati e esperei ele atender. Isso era estranho, eu não me lembro de nunca ter encontrado essa porta trancada. Esperei, mas ele não abriu, eu chamei dessa vez.

- Pai? Sou Erick, preciso falar com você. – bati mais uma vez, a porta se abriu e a Keylla saiu de lá de dentro.

- O que faz aqui? - ela estava com o rosto vermelho. Será que veio chorar para o meu pai? Que absurdo! Essa mulher não tinha limites.

- Vim falar com seu pai, quem sabe ele coloca um pouco de juízo na sua cabeça.

- E o que veio dizer? Que eu não fodia mais você? – ela levantou o braço me dando uma bofetada. Que cadela!

- Seu cretino!

- O que esta acontecendo aqui?

- Não é nada pai. Minha queridíssima esposa esta dando mais um de seus espetáculos. Não é querida?

- Vai para o inferno Erick!

- Não estou longe dele querida. – saí de sua frente, não foi com ela que vim falar, eu precisava do meu pai agora. – Pai preciso falar com o senhor.

- Essa não é maneira de falar com sua esposa Erick.

- Tanto faz, eu vim aqui para falar com você. Podemos conversar?

- Entre. Até mais Keylla.

- O que quer Erick?

- Ajuda. O DNA deu positivo, o sangue era da Fabiana.

- Isso é fantástico! Já sabe onde ela está? E o meu neto?

- Calma, pai, é por isso que estou aqui, a polícia forense achou algumas digitais, mas esta demorando muito com os resultados.

- E você quer que eu ajude nisso?

- Por favor, pai? É o seu neto, meu filho, me ajude nisso. – eu tinha que apelar, eu não tinha mais nada para me desfazer, eu precisava do seu apoio.

- Tudo bem. Vou falar com alguns amigos e vamos ver o que podemos fazer.

- Obrigado! É importante para mim. Eu não consigo mais pensar em outra coisa.

- Mas deveria, sua mulher anda se queixando de você.

- Nunca quis me casar com ela, fiz isso por sua campanha.

- Então separa.

- De jeito nenhum, é a vez dela pagar por tudo que me fez passar. Ela queria casamento, agora vai ter o casamento que ela tanto desejou. – de maneira nenhuma daria a ela a liberdade, ela pagaria tudo que me fez passar.

- Isso não é papel de homem Erick.

- Também não era o que eu fiz para me casar com ela. Troquei o casamento pelos votos.

- Já chega!

- Claro. Eu te ligo para saber notícias. Até mais pai.

Sai da casa deles, e fui direto para o bar. Encheria a cara e depois voltaria para casa. Hoje a Keylla, teria uma grande surpresa. Eu daria a ela, supriria toda essa falta de sexo que tanto ela reclama

Vou amarra-la e deixar seu corpo todo vermelho. Por um vibrador naquela boceta e deixa-la gozar por horas. Aposto que depois de hoje, tão cedo irá reclamar por falta de sexo. Mas eu nunca mais a tocaria, de mim ela não teria mais nada.

Zen Kahil

Ela não saia da minha cabeça. Quase dois meses que eu não há via. Estava ficando desesperado. Queria estar com ela ajudando em sua recuperação. Fiz uma escolha ruim, foi a pior da minha carreira. Enganei-me achando que seria possível ficar longe dela. Minha Ualida tinha razão, eu gostava dela, mais do que médico\paciente. Só que eu não podia voltar, e não podia mais me envolver. Estava ficando aflito, angustiado.

- Ibn?

- Oi ualida. – eu amava minha mãe, muito. Se ela soubesse meu desespero tentaria me confortar de todas as formas.

- Você não está bem. Quer conversar?

- Não, eu estou bem. – o que diria? Que eu fui tolo? Que deixei a mulher que virou meu mundo ir embora?

- Vá atrás dela, ainda há tempo. Não sofra meu filho, você pode ajuda-la.

- Não posso. Ela já tem outros médicos, a minha parte eu já fiz, não dá para voltar atrás e reassumir o seu caso.

- Vai como visitante. Não tem que...

- Só um minuto ualida. Preciso atender a essa ligação.

- Zen Kahil.

- Dr. Zen. Aqui é a Dra. Elisa, a terapeuta da paciente Fabiana, a moça que voltou do coma.

- Eu sei de quem se trata. Aconteceu alguma coisa? - Meu coração parecia querer sair pela boca. Depois de tanto tempo finalmente uma informação ao seu respeito.

- Eu não sei o motivo que me levou a fazer essa ligação, mas achei que deveria avisa-lo. Ela recebeu alta hoje.

- A que horas?

- Agora mesmo, cerca de dez minutos. – precisava correr, eu tinha que encontra-la, antes que eu a perdesse.

- Obrigada Dra. Elisa. Fez muito bem em me avisar. Até mais.

- Boa sorte com ela.

Desliguei o telefone, e peguei as chaves do carro.

- Ualida, peça á Allah que eu ainda a encontre, eu vou busca-la.

- Que Allah o proteja.

- Obrigado.

Nunca andei tão rápido pelas ruas de São Paulo, mas eu precisava chegar até o hospital o quanto antes, eu tinha que vê-la. Meu coração estava apertado, era muito dolorosa essa angustia. Sinais fechados, trânsito parado, o caos instalado. Allah! Eu nunca vou chegar a tempo.

Demorei trinta minutos para chegar até a Santa Casa. Sai do carro e fui para a recepção, perguntei a moça se ela tinha visto a Fabiana, mas é claro que não, eles nunca veem nada. Fui até o guarda, mas ele também não viu. Andei todo o hospital, nada, nem sinal dela, eu estava ficando desesperado. Era impossível ninguém

vê-la. Voltei para o estacionamento peguei o carro e comecei a dar voltas nas ruas próximas ao hospital. Por horas fiquei rodando por ali, tentando encontra-la, mas nada, nem sinal.

Voltei para o hotel mais derrotado do que uma vez me senti. Agora era definitivo, eu nunca mais a veria de novo. E minha ualida tinha razão, eu seria assombrado por sua imagem o resto da minha vida. Neguei a mim mesmo o que sentia por ela, fui um completo idiota. Eu estava confuso, eu não queria me envolver, mas eu já estava envolvido, o fato de nega-la tanto ou negar o sentimento que eu tinha fez-me perde-la, e dessa vez para sempre.

CAPÍTULO 06

Fabiana

Andei por várias horas. A dor em minha perna era excruciante, nunca havia sentindo tanta dor. Parei em um bar e pedi um copo d'água, para que pudesse tomar o remédio. Perguntei ao atendente, se havia algum posto de gasolina próximo dali, eu pegaria uma carona até Goiás. Com certeza alguma alma caridosa me daria uma carona.

- Olha moça, você ta longe da rodovia dos bandeirantes. Você teria que pegar uma condução até lá

- Rodovia dos bandeirantes?

- A moça não vai para Goiás?

- Sim. Eu saí do hospital hoje, e preciso voltar.

- É perigoso a moça pedir carona na estrada.

- Eu realmente preciso voltar, obrigada por sua ajuda.

Saí do bar decepcionada. A viagem até a tal rodovia seria longa, nem sei se conseguiria chegar lá ainda hoje. Foi uma péssima ideia sair do hospital. Estava começando a me arrepender da caminhada, eu deveria ter ficado ...

- Moça?

- Sim? - o senhor do bar estava me chamando. Será que ele me ajudaria?

- Meu filho vai leva-la até lá. É mais seguro. Venha, vou lhe preparar uma refeição.

- Eu não tenho dinheiro para pagar ao senhor. – meu estômago roncou de fome, eu estava faminta.

- Cortesia da casa. Vamos, minha esposa vai preparar um PF para você.

- Obrigada senhor. – eu o segui até o bar.

Sua esposa era uma senhora muito educada e simpática. Mas de pouca conversa, o que me deixou aliviada, não queria falar para ninguém o que havia acontecido comigo. Ela me deu janta e ainda preparou um lanche para o café da manhã. Eu agradeci e me despedi dela. Seu filho me levou até a tal rodovia, mas uma parte dela estava interditada, então tive que caminhar o restante a pé. Eu agradeci e caminhei até o posto que ele indicou-me.

Cheguei ao posto, exausta e com uma dor excruciante. Nunca me senti tão só como agora. Tudo na minha vida dava errado. Sentei-me no banco gemendo de dor e chorei. Desde que acordei, essa foi a primeira vez que me deixei levar. Permiti-me chorar pela morte do meu filho, meu bebê tão pequeno e inocente. Quanta maldade meu Deus, que fizessem a mim, mas não a ele. Chorei pelo ódio que eu sentia pelo Erick, me fez de palhaça todo esse tempo, mentiu e me enganou. Não, na verdade eu permiti que ele me

enganasse. Deixei-o entrar na minha vida, e fizesse dela o que bem quisesse.

- Ei moça?

- Que susto! - Nem chorar em paz eu podia.

- Não quis assusta-la. Ta a fim de ganhar uma grana?

- Ganhar uma grana? – Não gostei desse cara, o que ele queria dizer com isso?

- Ah, vamos lá, não seja tímida.

Se alguma vez eu senti medo, nada era pior do que agora, eu não queria passar por aquilo novamente, eu não seria vítima de novo de uma atrocidade como aquela.

- Eu não sou o que você esta pensando. – eu precisava sair daqui. Não podia ficar a vista dessa maneira.

- Eu não vou demorar muito, estou de partida daqui a pouco. Estava pensando em uma chupadinha por vintão, o que acha?

- Não obrigada, eu preciso ir.

- Ei sua puta, vai negar 20 pila? Tá podendo hein vagaba.

Não disse nada, comecei a andar em direção ao restaurante. Ali dentro eu tinha certeza que estaria segura. Passei por vários motoristas e fui até o banheiro. Olhei-me no espelho e o reflexo que aparecia ali, era de uma garota doente. Sem brilho, sem rumo, sem casa ou família, completamente perdida. Nunca em minha vida me senti tão derrotada. Tranquei a porta da cabine e me sentei no vaso, e peguei no sono assim.

Acordei toda dura com o barulho de gente batendo na porta. Consegui passar a noite toda ali dentro, graças a Deus! Estaria segura durante o dia. Abri a porta e dei de cara com a moça da faxina.

- O que faz aqui? O restaurante ainda ta fechado! Vou chamar o segurança.

- Não. Por favor? Eu não tinha onde dormir, e acabei pegando no sono, estava cansada, por favor moça, acredite em mim, eu não sai daqui, a única bolsa que eu tenho é essa você pode olhar. – Não podia ficar pior, eu só queria um lugar para dormir. Quando ficava nervosa começava a divagar, mas eu não podia ser presa.

- Tudo bem moça, mas agora dê o fora daqui, antes que você me arrume encrenca.

- Obrigada! Muito obrigada. – Sai do banheiro antes que ela desistisse de me ajudar.

Corri todo o estacionamento do posto, perguntando para vários motoristas quem ia para Goiás. Estava muito difícil, a maioria deles tinha destino diferente do meu. A minha má sorte ainda me acompanhava. Antes do almoço me sentei no banco que tinha no estacionamento e abri o lanche que esposa do atendente havia arrumado para viagem. Comi o pão com mortadela que ela preparou e tomei água. Eu matei a minha fome hoje, mas amanhã eu não teria nada pra comer. Meus olhos se encheram de lágrimas, eu as limpei, eu não poderia deixar me abater, tinha que continuar lutando.

No fim da tarde eu estava morrendo de fome. Minha perna estava inchada, e eu sentia muita dor. O estacionamento do posto estava lotando aos poucos, mas para todos que eu perguntava me diziam que não tinham Goiás como destino.

Quando a noite chegou, o estacionamento do posto estava lotado, eu teria alguma chance aqui, alguém com certeza teria Goiás como destino. Caminhei ao longo do estacionamento e vi uma moça vestida com roupas extravagantes, ela me viu encarando e veio falar comigo.

- Ei nega, quem é o seu cafetão?

- Eu não tenho cafetão, eu... eu.

- Você tá fazendo ponto aqui sem um cafetão?

- Não... Não... Você me entendeu errado.

- Escuta aqui bonitinha, esse ponto aqui é meu! Agora se manda! Rala peito, malandra.

- Não moça, me escute eu não tenho... – Ela virou as costas deixando-me sozinha. Deus! Que mundo de loucos, nada pode aqui. Desnorteada, fui para o meu banco. Hoje estive andando pelo posto e achei um local atrás da borracharia, acho que daria para passar a noite ali sem ser vista.

- Ei bonitinha?

A moça vinha em minha direção com um rapaz. Ah por Deus do céu! Eu jamais teria paz na minha vida.

- Ei gata. Você esta fazendo ponto aqui?

- Não, ela não me permitiu explicar. Eu estou procurando uma carona, eu moro em Goiás, mas nenhum caminhoneiro até agora seguiu esse rumo.

- Está precisando de grana?

- Eu... na verdade eu...

- Tá ou não tá?

- Estou, mas o que...

- Olha gatinha, você é toda timidazinha e os homens adora isso, então por que você não trabalha para mim?

Comecei a ficar nervosa. Primeiro nenhum dos dois deixava-me terminar uma frase, eu não conseguia concluir um só pensamento. Agora ele me oferecia emprego?

- Que tipo de emprego? É que eu estou com um proble...

- Você tem alguma doença?

- O senhor, não vai me deixar falar? - Que coisa mais desagradável isso.

- Seguinte gata: aqui você não fala. Você trabalha. Vou arrumar alguns clientes para você e dividimos os lucros, meio a meio.

- O que tenho que fazer? – Muito ruim, eu trabalharia e ele ficaria com a metade? Folgado!

- O que eles quiserem.

- Onde é o serviço? Eu posso lavar e cozinhar, eu cozinho super bem. Se eu tiver que lavar os caminhões também posso lava-los. Eu só preciso de dinheiro suficiente para voltar para casa. – Sua

gargalhada me deixou em pânico, esse homem me dava medo e era totalmente desagradável.

- Não bonitinha. Você vai trabalhar como puta.

- De maneira nenhuma! Passo fome, mas não me vendo. Agora se o senhor me der licença, eu preciso arrumar uma carona. – Sai de perto de sua figura desagradável e estava indo para o posto quando meu cabelo foi puxado.

- Escuta bem o que vou dizer vadia. Esse é o meu posto, e o ponto das minhas mulheres. Você vai trabalhar para mim e ganhar um bom dinheiro. Homens adoram mulheres metidas a virgenzinha.

- Me solta! Eu vou fazer um escândalo se você não me soltar.

– Vou mostrar a você, como agimos aqui.

Vi sua faca antes mesmo dele encosta-la ao meu rosto. Meu medo me fez fazer xixi nas calças, eu comecei a tremer, na verdade estava entrando em colapso nervoso. Ouvi seu rugido de nojo, mas estava paralisada, tudo que aconteceu voltou mais rápido do que a velocidade da luz. Ganhei duas bofetadas na cara, e sua mão torceu meu cabelo me fazendo encara-lo.

- Vadia! Você sujou meu sapato! Escuta bem. Nina, ira leva-la para se trocar, e eu vou preparar seu primeiro cliente, se você vacilar eu mato você. Entendeu bem?

- Leve-a, coloca uma roupa bonitinha nela, se ela tentar fugir derrube-a e venha me chamar.

- Certo chefe.

Desisti de viver naquele momento. Tudo que eu sempre sonhei acabou de ser destruído. Essa seria minha vida a partir de agora. Discutir ou tentar fugir seria impossível. Minha perna não aguentaria uma corrida. Coloquei a roupa extremamente vulgar que a moça me deu. Entrei em piloto automático, e sai para atender meu primeiro cliente.

Zen Kahil

Meu estado desde sua partida era deprimente. Voltei ao hospital nos últimos três dias seguidos, andei por todas as ruas, mas nada de encontra-la. Ninguém sabia dela. Deixei todos os meus telefones de contato caso ela ligasse para o hospital e procurasse por mim. Quão ridículo isso pode ser? Eu duvido que ela lembre-se de mim. Minha ualida tinha razão, eu jamais devia tê-la deixada sozinha. Nunca mais vou me perdoar por isso, eu era o seu amigo além de seu médico, era meu dever como ser humano está ao seu lado.

- Ibn, não se torture.

- Não consigo para de pensar nela ualida. Todas as vezes que penso no que ela pode esta passando agora, eu tenho vontade de me esganar.

- Ficar desse jeito não vai adiantar. Eu sempre acreditei nas escrituras. Maktub! Se for para ser seu, vai ser. Você precisa acreditar.

- Bobagem ualida, a essa hora ela já esta longe. Eu nunca mais a verei, eu não posso ter esperanças de que ela volte, por que ela não vai voltar.

- Não diga isso. O mundo é cheio de surpresas, quando menos esperar, ela estará ao seu alcance.

- Obrigado ualida, vou me recolher. Salamu Aleikum

- Wa Aleikumu Salam

Fui para meu quarto completamente irritado com minha mãe. Eu queria acreditar nela, como não fiz da outra vez, mas para que? Do que adiantaria minhas esperanças se eu tinha certeza que ela nunca mais voltaria? Isso só serviria para me deixar ainda mais angustiado. Tomei meu banho e fui me deitar. Amanhã é sábado, talvez eu dê um pulo em Vinhedo, preciso ficar sozinho, me disseram que a cidade tem vinhos maravilhosos, isso me fará melhorar. Eu sentia falta de casa, São Francisco tem praias belas. Ir à Santos não era uma opção, ao invés de melhorar em faria ficar mais nostálgico. Talvez ir à Vinhedo era exatamente o que eu precisava.

Rolei na cama a madrugada inteira. Tive pesadelos horríveis com ela. Passei a noite inteira com uma sensação de que ela precisava de mim. Seu pedido de socorro era angustiante. Levantei ás seis da manhã e fui para a piscina do hotel, eu precisava limpar a minha mente, definitivamente seria o melhor locar para fazer isso. Nadei por horas, várias voltas na piscina, e quanto mais passava o tempo, mas angustiado eu ficava. Eu tinha um pressentimento muito ruim em relação a isso. Desisti de nadar e voltei para o apartamento, precisava falar com minha ualida.

Quando cheguei ao apartamento minha mãe estava rezando, eu já tinha perdido esse habito. Fui para o meu quarto tomei um banho e voltei para falar com ela.

- Ibn! Meu filho quanta angustia.

- Não sei mais o que fazer ou que pensar, eu acho que vou enlouquecer. Passei uma noite ruim, eu sinto em meu coração que ela precisa de mim, mas não sei como encontra-la. Estou nervoso, angustiado e de mão atadas.

- Faça uma viagem. Aproveite o fim de semana, vai ser bom para você.

- Eu estava pensando em irmos para Vinhedo, aproveitar o fim de semana. O que a senhora acha?

- Não ibn. Eu sinto que essa viagem você precisa fazê-la sozinho.

- Não vou deixa-la aqui sozinha.

- Deixa de ser bobo, eu já sou bem crescida, e será só um fim de semana. Agora vá meu ibn, talvez você encontre o que tanto necessita nessa viagem. – o que ela queria dizer com isso? eu não fazia a menor ideia, na verdade eu não queria pensar mais, estava me correndo pensar tanto.

- Obrigado ualida. – Fui para o meu quarto arrumei uma pequena bolsa, não precisaria de muita coisa. Despedi-me de minha ualida e fui para Vinhedo.

Minha angustia só aumentava. O trânsito estava fluído, peguei a rodovia dos bandeirantes rumo a meu destino. Parei em um posto de gasolina para abastecer o carro, e aproveitei o momento para comprar algumas besteiras, não queria parar na viagem.

Quando sai do restaurante a cena que presenciei me deixou enojado. Vi uma moça sendo jogada para fora de um caminhão. A

pobre azzah bateu contra o chão duro, e não se moveu. A altura da queda pode tê-la machucado. O médico em mim agiu rápido, corri em sua direção e a virei para ver seu rosto e poder falar com ela. O que eu vi me deixou perplexo. Nunca em minha vida, eu imaginei que viveria para presenciar essa cena. Minha Fabiana! Allah! O que fizeram com ela?

- Fabiana?

- Me deixa!

- Sou eu Fabiana, o Doutor Zen.

- Doutor Zen? – Ela olhou-me e soltou um lindo sorriso, meu coração deu uma batida acelerada, nunca a tinha visto sorrir, ainda mais pra mim.

- Vou ajuda-la, fique quieta, eu já volto - Corri para o meu carro, paguei o frentista, e arranquei estacionando ao lado dela. Eu custava acreditar que a tinha encontrado. Acertaria minhas contas com esse desgraçado, mas agora ela era a minha prioridade.

- Você consegue andar?

- Sim, mas Zen ele vai mata-lo, você precisa ir embora.

- Xiiii, se acalme querida, vou leva-la daqui, e nada ruim vai acontecer. – Ajudei-a a entrar no carro, quando coloquei o sinto vi seu rosto machucado. Uma raiva sem precedentes me atingiu. Afivelei o sinto fechei aporta e bati na cabine do caminhão, o canalha não teve tempo de perguntar, derrubei-o no chão da mesma forma que havia feito com ela. Desci uma série de socos em sua cara descarregando nele, toda a minha raiva e frustração. Eu nunca

briguei, sempre achei a violência um ato de covardia, mas nesse momento eu não queria ser coerente, eu só queria acabar com o cretino que machucou a minha princesa. Um dos motoristas segurou-me, me separando do canalha.

- Desgraçado! Nunca mais ouse bater em uma mulher! – livrei-me do cara que me segurava e voltei para o carro, era ela quem me preocupava.

- Fabiana? Você está bem?

- Sim, só com dor na minha perna.

- Vou leva-la para o hospital.

- Não! Chega de hospitais. Por favor? Eu só quero ir para casa.

Fiz a volta rumo á São Paulo. Eu daria a ela uma casa, e se ela me deixasse, também lhe daria uma família. Se ela ficasse comigo teria tudo de mim. Nunca mais sentiria falta de nada. Peguei o telefone e liguei para minha ualida.

- Preciso de sua ajuda. Eu a encontrei

- Graças a Allah!

- Preciso que vá a uma loja e compre roupas para ela, e todas essas coisas que mulher precisa.

- Eu farei isso agora, mas que tamanho eu compro?

- Ela está muito magra, talvez um PP. Faça isso por mim ualida.

- Eu farei meu ibn. Estou feliz que a tenha encontrado.

- Até mais.

- Até.

Queria conversar com ela, saber o que aconteceu, mas duvido que ela fale. Cheguei ao hotel, peguei-a em meus braços e a levei para o flat. Em meus braços estava o meu bem mais precioso, tão machucada, tão exausta. Pela primeira vez em minha vida tive o desejo de chorar. Essa moça que deixou minha vida de pernas para o ar é hoje o ar que eu respiro. A partir de agora eu viveria para ela e por ela.

Levei-a ao meu quarto e coloquei-a deitada. Fui para o banheiro e liguei a banheira, deixei a água em uma temperatura agradável e voltei para busca-la.

- Fabiana? Vou tirar suas roupas e te dar banho. – Ela não respondeu, apenas acenou. Seu estado era horrível, estava suja e com um mau cheiro. Tirei suas roupas e peguei seu pequeno corpo, e levei-a para a banheira. Laveis seus cabelos suavemente, e depois ensaboei todo seu corpo. Sua perna estava muito inchada, eu iria medica-la e alimenta-la.

- Ibn?

- Aqui ualida, no banheiro.

- Trouxe pouca coisa, apenas o essencial, para alguns dias.

- Obrigada ualida, quando ela tiver melhor vocês podem ir às compras juntas.

- Como ela está?

- Exausta. Estava muito suja e com mau cheiro. Pelo seu estado acho difícil que tenha comido ou feito higiene de forma adequada.

- Vou preparar uma sopa de legumes para ela.

- Faça isso, eu vou precisar medica-la, sua perna está inchada, ela deve estar sentindo dor.

- Ela vai ficar bem ibn, não se atormente mais.

- Eu sei ualida. Alcance-me á toalha. Por favor? – peguei a toalha de suas mãos e levantei minha pequena da banheira, enrolei-a na toalha e a deitei em minha cama.

A satisfação que eu senti em tê-la em minha cama, e em meus braços era imensurável. Sequei todo o seu corpo, segurando a minha libido, ela não estava em seu melhor estado, não queria pensar nela dessa forma enquanto ela estivesse sobre meus cuidados. Eu tinha certeza que demoraria e muito para ela confiar em mim, eu já havia deixado-a uma vez, ela não confiaria em mim tão facilmente. Terminei de secar seu corpo e a vesti com uma camisola que minha ualida havia trazido. Sequei o seu cabelo e o escovei. Seu estado era catatônico, nem dormindo, nem consciente. Fui até a minha maleta e peguei um anti-inflamatório. Eu aplicaria uma injeção, faria efeito mais rápido que o comprimido.

- Fabiana, você está com dor? Como está se sentindo?

- Estou com dor na perna, e também estou com fome.

- Minha ualida está preparando uma sopa para você. Vou aplicar uma injeção para aliviar sua dor. Tudo bem?

- Sim. Dr. Zen?

- Sim? – enquanto conversava com ela apliquei a injeção. – Chame-me apenas de Zen, não há necessidade do doutor.

- Obrigada, por me salvar pela segunda vez.

- Eu tentei fazer isso antes, mas eu não a encontrei quando ganhou alta.

- Como?

- Quando cheguei ao hospital você já tinha ido embora. Eu lamento ter me atrasado. Perdoa-me Fabiana, quando soube de sua alta fui o mais rápido que pude.

- Está tudo bem. Eu já desisti de tentar lutar. Estou muito cansada Zen, eu vou apenas deixar a vida me levar. Vou dançar conforme a música.

- Não! Eu estou aqui. Vou ajuda-la, você vai ser recuperar. Não vou deixa-la desistir.

- Eu não quero te dar trabalho.

- Não é trabalho algum. Você vai se alimentar e depois descansar. Quando acordar vai sentir-se melhor. – Eu não a deixaria desistir, não havia maneira, de deixa-la ir, e eu mostraria isso a ela.

- O que é ualida?

- Desculpe-me é minha mãe.

- Percebi pelo seu sotaque que você não é daqui.

- Não. Eu sou marroquino, mas moro em São Francisco, na Califórnia.

- O que faz no Brasil?

- Uma pesquisa em neurocirurgia.

- Fiz parte do seu estudo?

- Não. Você foi uma emergência, mas não vou negar que seu caso foi avaliado.

- Fico feliz em ajudar.

- Você quer conversar sobre o que aconteceu? – Eu queria saber o que houve com ela nesses quatros dias, mas se ela não quisesse falar, eu não a forçaria. Sei bem o quanto ela é resistente.

- O que você quer de mim Zen?

- Eu quero te ajudar.

- Eu já ouvi isso Zen, e olha onde eu terminei.

- Eu vim para fazer essa pesquisa, mas trouxe minha mãe comigo. Ela é uma senhora com idade avançada. Você seria uma grande companhia pra ela, você me ajudaria e eu te ajudaria. O que acha?

- Ninguém nunca me ofereceu nada, sem querer algo em troca.

- Você esta certa, mas eu sou honesto, Fabiana, eu quero algo em troca. Uma companhia para minha mãe. Eu vou pagar um salário pra você, e te darei casa e comida. Vai ser possível você juntar dinheiro para voltar para casa. – Eu esperava profundamente que conseguisse mudar sua cabeça e ela aceitasse ir conosco para a Califórnia.

- Mas... E se eu quiser ir embora antes disso?

- Você não será uma prisioneira, poderá sair quando quiser. Mas pense bem Fabiana, você vai está segura aqui. – Eu a manteria

comigo, não desistiria antes de lutar. Eu precisava dela, assim como ela precisava de mim.

- Promete?

- Sim, eu prometo.

- Então eu vou aceitar, eu não tenho para onde ir. Mesmo voltando pra Goiás, eu não teria onde ficar sem dinheiro.

- Obrigado Fabiana, estou feliz por te aceitado.

- Sua mãe fala só árabe?

- Não. Ela fala em inglês.

- Isso é bom, eu sei falar inglês.

- Sério?

- Sim. Eu sou sozinha Zen, mas nunca fui burra. Estudei inglês por três anos, e fazia faculdade de administração antes de acontecer toda essa tragédia.

- Não quis chama-la de burra. Desculpe-me. – Fiquei chocado com sua forma de pensar, ela estava tão destrutiva que acabava torcendo tudo que eu falava.

- Mas que bela Azzah! Vamos querida sente-se, deixe-me alimenta-la.

- Fabiana essa é minha mãe, seu nome é Alima.

- Olá, senhora Alima. Deixe-me, posso comer sozinha.

- Não azzah, você está fraca e debilitada. Quando tiver melhor você mesmo pode fazê-lo, até lá eu faço.

- Não vai adiantar discutir. Ela é mais teimosa que você. – Ela fechou a cara. Sorri, foi inevitável, ela não gostava quando dizia que era teimosa.

- Tudo bem. Mas só hoje.

- Não discuta azzah, vou cuidar de você até sentir-se melhor.

- O que é azzah?

- Significa jovem.

- Só hoje. Amanhã eu mesma posso me alimentar.

- Eu vou pedir ao hotel para providenciar outra cama. Até mais. – Saí do quarto deixando as duas sozinhas. Minha mãe saberia como trata-la. Tenho certeza que seriam grandes amigas.

Fabiana

Acho que isso é um sonho e vou acordar. Nunca em minha vida imaginei que o veria novamente. Vê-lo foi como um dia quente em pleno inverno. A sua presença era reconfortante. Quando aquele monstro me jogou para fora do caminhão achei que estaria acabada. Não queria pensar nesses últimos quatro dias. Era torturante. Agora eu estava de banho tomado, roupas novas e limpas e sendo alimentada pela mãe do meu anjo protetor.

- Você está bem querida?

- Sim, senhora. Obrigada pela sopa, esta maravilhosa. – Ela continuou alimentando-me como se fosse uma criança de dois anos de idade. Tomei toda a sopa, estava faminta.

- Você é bem vinda querida. Agora descanse, você está precisando. E me chame se precisar.

- Obrigada. Vou dormir um pouco, acho que a medicação fez efeito.

- Durma bem.

Ela saiu do quarto deixando-me sozinha. Eu tinha tanto o que pensar, eu poderia finalmente conseguir dinheiro de uma forma descente e honesta para voltar para Goiás. Lá era a minha vida. Quando chegasse voltaria a trabalhar, procuraria um lugar para morar, voltaria a fazer inglês. Teria minha vida de volta. Ajeitei-me

na cama, para dormir. Precisava descansar, ficaria aqui como ajudante e não como paciente.

CAPÍTULO 07

Na manhã seguinte não consegui me levantar. Todo o meu corpo estava dolorido. A dor na minha perna era intensa, fazendo-me suar frio. Eu não queria atrapalhar, ou dar trabalho, mas eu precisava urgente da medicação do Zen. Levantei-me da cama para ir até ele e pedir um remédio, mas quando levantei da cama acabei caindo no chão gemendo de dor. Minha perna estava vermelha e inchada. Deus! Ela seria o meu calvário. Olhei para o meu corpo coberto de hematomas. Manchas vermelhas e roxas se espalhavam por toda parte. Eu estava pasma, não tinha visto isso antes.

- Fabiana? Você está bem?

- Zen, Por favor? Entre. – muito constrangedor, além de me trazer para sua casa, me dar banho, ainda teria que ficar me cuidando o tempo todo, isso me deixava desconfortável.

- Fabiana? O que houve? Por que está no chão?

- Ajude-me Zen, eu não consigo me levantar. Eu estou com muito dor e meu corpo está coberto de manchas roxas. – Seu estado era de puro choque. Ele não deve ter notado as manchas ontem quando me deu banho.

- Acalme-se pequena. – Pegou-me no colo levando-me para cama. – As manchas são da queda de ontem, mas a sua perna me preocupa, você me deixaria leva-la ao hospital?

- Não, sem hospitais.

- Eu preciso que um ortopedista dê uma olhada em sua perna, posso ao menos solicitar uma visita médica?

- Visita médica? Isso custa uma fortuna! De maneira nenhuma, não tenho como pagar isso.

- Ele é meu amigo. Será um favor.

- Não Zen eu...

- Já chega! Estou pedindo a você algo que como médico não seria necessário. Não vou discutir com sua teimosia, o que quer? Perder sua perna?

- O que eu quero nunca conta, então tanto faz.

- Não vou dar nenhuma medicação a você até ele chegar. Se você me der licença, tenho que fazer uma ligação.

Ele saiu batendo a porta. Eu não queria voltar ao hospital. Ele não vê que aquele lugar me traz lembranças ruins? Nada do que ele fizesse adiantaria, eu queria morrer, sumir, ir para um lugar onde ninguém me conhecesse. Ficar sozinha e esperar a morte, não, na verdade eu já estava morta. O que tinha aqui era um corpo lutando para a vida, mas a minha mente e meu coração já tinham partido. Eu morri junto com o meu filho, para mim tanto faz ficar ou não sem perna. Pensei no quanto minha vida havia mudado desde o momento em que o Erick, apareceu na minha formatura. Minha vida era miserável, mas eu tinha tudo sobre controle. Eu trabalhava, estudava, fazia meu cursinho, era virgem! E agora? Nada! Não tenho nada. Ele foi como um tsunami. Arrasou tudo o que construí

com muito esforço e trabalho. Tirou de mim minha liberdade, meu amor próprio e o meu filho. E o pior de tudo é que ainda penso nele.

- Fabiana, estamos entrando. – Oh meu Deus! Ajeitei-me na cama da melhor forma possível e me cobri com a colcha.

- Pode entrar. – Zen entrou com outro homem no quarto. Ele era apresentável, acho que isso é mal de médicos, quase todos naquele hospital eram lindos.

- Fabiana esse é o Dr. Gabriel, ele é um ortopedista muito competente. Foi ele quem fez sua cirurgia.

- Olá Fabiana.

- Oi Dr. Gabriel, eu já vou logo dizendo que a iniciativa de tirar o senhor do seu dia de descanso foi do Zen.

- Não tem problema. Somos médicos. Não temos horários nem dias para descanso. Mas vamos deixar de conversa e me deixe ver sua perna.

Tirei a coberta de cima da perna machucada, mas tapei a outra. Era desconfortável ficar seminua na frente dos dois.

- É uma luxação.

- Mas você fez a cirurgia.

- Sim, mas é provável que ela tenha feito esforço extra, não tem feito fisioterapia e aposto que não fez um repouso adequado.

- Eu tive que caminhar muito, e não pude ter o repouso necessário. – Grande! O que ainda não aconteceu comigo? Não quero pensar no quanto minha vida pode piorar.

- Vai precisar de uma intervenção cirúrgica?

- Não. Eu vou receitar alguns remédios, além de repouso absoluto.

- Quanto tempo?

- No mínimo quatro semanas e fisioterapia por aproximadamente dois meses.

- Absurdo! Não vou ficar nessa cama por quatro semanas. – Eles me ignoravam completamente. Como se eu não fosse a paciente ou não estivesse no mesmo ambiente.

- Eu vou colocar uma tala, para evitar os movimentos, e receitar alguns remédios.

- Espere! Se você colocar a tala, eu vou poder caminhar não é?

- Depois que desinchar e de no mínimo quatro semanas de repouso.

- O senhor não está me entendendo. – Não me respondeu. Colocou a tala, receitou os medicamentos e fechou a maleta.

- Até mais Fabiana. Eu volto para vê-la em breve, cuide-se.

Hã? Como assim? Isso só pode ser coisa do Zen, como eu ficaria deitada por quatro semanas? Por que não me ouviam? Deus! Que desastre eu sou. Nunca tive a oportunidade de fazer escolhas. Sempre tive que fazer o que queriam e quando queriam. Eu odiava isso, e depois diziam que era teimosia, mas ninguém via que eles não me deixavam escolher. A verdade era essa, eu nunca tive escolhas.

Zen voltou para o quarto e sentou-se em uma cadeira. Não disse uma palavra, nada, só ficou me olhando. Ele era lindo, tinha

olhos e cabelos dourados. Eu nunca tinha visto alguém com a cor dos seus olhos, era muito incomum. Ele era magro, alto, por sua camiseta era possível ver seus músculos. Eu o olhava com a mesma intensidade que ele, mas eu analisava também sua beleza, barba serrada, nariz reto a boca bem desenhada. Ficamos um bom tempo assim, olhando um ao outro. Todo aquele constrangimento que eu sentia quando era pega em flagrante eu perdi. Eu perdi muito de mim, eu sei disso, mas ele não precisava saber. Ninguém precisava.

- Você está enganada.

- Sobre o que Zen?

- Vale a pena lutar.

- Não vale.

- Sempre vale. Você é jovem tem uma vida inteira pela frente.

- Esteve lá Zen? Passou pelo que passei? – Eu tinha ódio dessa psicologia barata.

- Não. Também não vou dizer que faço ideia do que você passou, porque eu não faço. Mas afastar as pessoas que tanto querem ajuda-la não vai resolver o problema.

- Eu não tenho problema Zen. Eu já disse estou aqui só de passagem.

- Bobagem! Fugir da sua dor, ocultar o que você sente só vai torna-la uma mulher amarga. É isso o que quer para você, para sua vida?

- O que eu quero nunca fez diferença Zen. Não tente. Isso só vai frustra-lo. – Pensei em minha mãe, ela era uma mulher amarga,

talvez eu estivesse pagando a minha língua. Falei tanto dela que estou me tornado igual.

- Nem sempre o que queremos é o melhor para nós. Somos seres humanos que erramos e tentamos aprender com nossos erros. Suas escolhas podem não ter sido as melhores, mas ajudou você a crescer.

- Já chega Zen! Estou cansada de psicologia barata. Nada do que você me disser vai mudar o que eu sinto ou o que aconteceu.

- Você está certa. Eu não vou mudar o que aconteceu, mas posso mostrar a você como viver melhor. Deixe-me ajuda-la, quero fazer isso de coração. Vamos procurar uma ajuda profissional, você precisa de terapia.

- Eu preciso que você saia e me deixe sozinha. – Se ele dissesse mais alguma palavra eu sairia daqui, com ou sem perna boa.

- Você está com fome?

- Não. Eu só quero ficar sozinha. – Seu olhar era doce e suave. Ele não ficou chateado. Isso me deixava com mais raiva. Eu não precisava da sua pena, não queria que sentisse pena de mim. Ele saiu do quarto e eu chorei. Ninguém jamais me entenderia. Eu estava tão confusa e perdida. Odiei ser comparada com a minha mãe. Não queria ser como ela, mas no fundo eu começava entende-la. Não somos nós que nos tornamos frias por escolha, é a vida que nos força a isso.

Zen Kahil

Parte-me o coração ver uma moça tão nova desistir. Eu não aceitaria isso, lutaria junto com ela contra os seus demônios. Eu precisava de um conselho. Alguém que pudesse me ajudar a dirigir essa situação. Entrei no meu quarto e peguei o telefone para ligar para a Doutora Elise.

- Dra. Elise.

- Olá Dra. Sou eu o Dr. Zen.

- Dr. Zen?

- Sim. Estou atrapalhando? Eu posso ligar outra hora.

- Não. Pode falar.

- Estou com a Fabiana aqui em casa, mas ela continua a mesma. Na verdade eu acho que ela está em um estado profundo de depressão. Ela não quer falar sobre o assunto, esta agressiva e muito amarga.

- Eu sei que ela não está nada bem. Eu só não entendo por que está me ligando. Eu fiz tudo o que pude para ajuda-la, mas ela bloqueou todos do lado de fora.

- Ela se nega a falar sobre qualquer coisa. Mas eu quero tentar uma abordagem diferente.

- Como o que?

- Esperava que pudesse me ajudar com isso. – Sorri com a situação. Os médicos tentando achar uma maneira de ajudar a mesma paciente que se nega ajuda desde o inicio. Que confusão!

- Eu não sei que tipo de abordagem quer fazer Zen. Isso é pessoal?

- Não. Isso é um ato humano. Eu quero apenas que você me direcione, eu não sei que caminho tomar com ela. – Não era da conta dela o que eu sentia pela Fabiana, jamais iria expor a minha vida pessoal para alguém que não fosse de minha confiança.

- Seja seu amigo Zen. O tempo que passarem juntos pode aproximar os dois e talvez ela comece a confiar em você. No caso dela vai ser a única solução. O seu problema emocional é antigo, veio bem antes da agressão. Mas vou logo dizendo, você tem que ter paciência, se ela descobrir não voltará a confiar em você.

- Eu vou tentar. Eu tive que agir de forma inadequada hoje para chamar um médico. A perna dela está inchada e vermelha. Ela se nega a ir ao hospital, eu não tive alternativa.

- Zen, eu conversei muito pouco com ela. Na verdade foi mais um monólogo, mas eu consegui ver algumas nuances nela. A Fabiana tem sérios problemas com insegurança, o que é normal na idade dela e no caso dela. Uma mulher que teve que amadurecer muito cedo e sofreu grandes perdas. Ela é uma mulher, mesmo de baixo de toda essa frieza, ao invés de impor algo, tente saber o que ela deseja. Amigos fazem isso, pergunte antes de dar opiniões.

- Muito obrigado Elisa, ajudou-me muito essa conversa.

- Espero que ajude Zen, boa sorte.

- Obrigado, até mais.

- Tchau.

Muito bom. Eu começaria agora com o almoço. Fui para o quarto dela e bati na porta antes de entrar. Fui bem educado pela minha mãe e mulheres adorava essa educação.

- Fabiana, sou eu. Posso entrar?

- Entre.

- Você está com fome? – Eu queria ser seu amigo, mas não desistira dela como minha mulher.

- Estou.

- O que quer comer?

- Está me perguntando?

- Sim, estou. – Interessante... Ponto para a Dra. Elisa.

- Posso escolher qualquer coisa?

- Claro. O que você quiser. – sentei-me ao seu lado na cama. Podia ser um passo em falso, mas ela não disse nada.

- Eu não sei...

- Deixe-me ajuda-la. Podemos comer hambúrguer, batata frita, refrigerante, milk shake...

- E se eu quiser tudo isso?

- Combinado, vou providenciar. – Sua felicidade era contagiante. É impressionante como coisas simples a deixa feliz.

- Está falando sério?

- Claro, e também estava pensando... O que acha de assistirmos um filme?

- Eu vou poder sair do quarto? Mas achei que não podia andar.

- Eu carrego você. Podemos assistir na sala, na TV a cabo.

- E sua mãe? Ela gosta de comer esses lanches?

- Ela saiu. Foi almoçar fora com umas amigas que ela fez aqui no hotel.

- Tudo bem.

- Quer se trocar? Ou vai ficar de pijamas? – Era bonitinho seu pijama, apesar de preferir vê-la em seda. Talvez uma camisola preta, ou vermelha, combinaria muito bem com o tom da sua pele.

- Vai ser difícil colocar um short com essa tala.

- Deixe-me ajuda-la. – eu tinha que frear meus pensamentos se quisesse uma amizade real com ela, se continuasse assim colocaria tudo a perder. Fui até a bolsa que minha mãe trouxe e não achei nada confortável, ou que fosse possível colocar com a tala.

- Você tem razão. Importa de por uma camiseta minha?

- Zen! Vai ficar enorme, olha seu tamanho e olha o meu.

- Sim, mas resolveria a situação. Ficara como um vestido.

- Sua mãe não vai achar ruim? Eu colocar uma camiseta sua, pode não pegar bem para ela.

Eu tive que rir, ela era muito ingênua. Eu amo minha mãe, mas jamais a deixaria comandar ou decidir por mim, minha vida. Fui até o meu quarto e peguei a camisa da universidade de Stanford. Acho

que ela gostaria dessa, eu gostava. Voltei para o quarto dela levando a camiseta.

- Aqui, vista essa. Vai precisar de ajuda?

- Uau! Stanford?

- Sim. Fiz medicina lá.

- E veio fazer pesquisa aqui no Brasil?

- Sim, o mentor da pesquisa estudou em Cuba. Ele é o melhor na minha área, fui convidado para participar e não pude negar. É uma excelente oportunidade.

- Legal, agora me dê á camiseta.

- Certo, enquanto você se veste, eu vou fazer o pedido dos lanches. Eu já volto para te pegar.

- Tá.

Fabiana

Coloquei a enorme camiseta do Zen. Realmente ficou um vestido, mas tinha o cheiro dele. Hum... Era bem masculino, com certeza importado. Gostei dele ter vindo aqui, estava ficando chateada de ficar trancada nesse quarto sozinha. Não merecia pela maneira como o tratei, eu não queria machuca-lo, ele estava me ajudando e eu seria eternamente grata por isso.

- Vamos? Uou... Olhe para você, está formidável.

- Para Zen! É só uma camiseta, no meu caso, ela se parece com um lençol.

- Que nada, ficou muito bem em você. Agora vamos para a sala, eu já fiz o pedido da comida.

- Estou com fome. – Suas mãos me levantaram da cama com muito cuidado. Eu podia sentir os músculos rijos do seu braço nas minhas costas. – Zen?

- Sim?

- Desculpe-me por tê-lo tradado daquela maneira. – Eu estava envergonhada de ter sido mal educada, queria de qualquer forma reverter essa situação.

- Vou pensar no assunto.

- Vai pensar?

- Sim, eu vou.

- Oh!

Fiquei sem ação com sua resposta. Não me importava de pedir desculpas quando estava errada, mas não ser desculpada foi a primeira vez. Não sei como me sentia, acho que constrangida. Fomos para o sofá da sala, ele ligou a TV e sentou-se ao meu lado.

- Então, o que vamos assistir?

- Eu não sei. Estou desatualizada.

- Do que você gosta?

- Hum... o que acha de comédia romântica?

- Vamos ver o que temos aqui

Ele passou pelos canais da TV procurando um filme. Fiquei chocada por ele aceitar assistir uma comedia romântica. Homens geralmente gostam de ficção ou ação. Por que ele estava aceitando tudo o que eu falava sem questionar nada?

- Zen, você gosta de comédia romântica?

- Sim. Por quê?

- Por nada. – A cara que ele fez foi hilária. No mínimo ele achava que o achava menos homem por assistir filme de mulher

- O que?

- O que, o que? – Tive que sorrir. O jeito dele era muito engraçado.

- Do que você ta rindo?

- De você

- De mim?

- É. – Não aguentei e caí na gargalhada. Ele ficou pasmo, e sem ação. Coloquei a mão na boca tentando segurar os risos.

- Ah sua pestinha!

Meu Deus! Suas mãos vieram para minha cintura me fazendo cócegas. Eu ri muito, estava ficando sem ar, ele estava sentado em minha cintura, me impedindo de sair. Presa! Literalmente, eu não aguentava mais, acabaria fazendo xixi. A campainha tocou, mas ele não parou, suas mãos eram insistentes. Comecei a gritar que ia fazer xixi, ele por fim teve piedade de mim. Graças a Deus!

- Você se livrou dessa.

- Eu... Eu vou... – Não conseguia responder, estava sem ar até pra falar. Ele ia pagar caro!

- Pestinha, a comida chegou. Quer comer aqui ou na cozinha?

- Aqui.

- Já escolheu o filme?

- Não, eu estava sendo atacada. – ele me deu um sorriso e uma piscadela, ele era lindo.

- O que acha de assistirmos é... Amizade Colorida com Justin Timberlake?

- É comédia?

- Sim. Posso iniciar o filme?

- Claro. – Ele deu inicio ao filme e sentou-me no chão ao lado da mesa para comermos o lanche.

O filme era maravilhoso, rimos muito e comemos todo o lanche que ele comprou. No fim resolvemos fazer uma maratona de comédia romântica. Alima chegou ao final da tarde e juntou-se a nós. Eu nunca tive um momento familiar como esse. Minha família

era totalmente diferente, nunca tínhamos um tempo juntos para assistir um filme, ou tomar um chá no fim da tarde. Eu sentia muito a falta dos meus irmãos, nossas vidas eram tumultuadas, mas o amor fraterno sempre esteve presente.

Na manhã seguinte, Alima veio ao meu quarto me acordar para tomar o café da manhã com ela. Ajudou-me a levantar da cama e fazer minha higiene. Eu estava desconfortável com essa situação, mas eu entendia que era para o meu bem. O problema é que eu fui contratada para fazer o que ela estava fazendo, era eu quem tinha que cuidar dela.

- Você parece preocupada.

- Não, eu estou bem.

- Sabe minha bela azzah, a vida é muito difícil. Passamos por situações ruins, mas todas elas nos trazem uma lição. Eu sei que para uma moça jovem e cheia de vida como você, essa situação é um tanto desconfortável, mas isso vai passar querida, não há mal que perdure.

- Obrigada Alima, é muito gentil de sua parte.

Conversamos muito durante o dia, ela era uma mulher muito agradável, e extremamente inteligente. Contou-me historias do Zen quando pequeno, e suas travessuras. Eu fico pensando em minha mãe, será que algum dia ela falou de nós assim, com tanto carinho para outras pessoas? Eu duvidava disso, ela sempre dizia que éramos indisciplinados para todo mundo. Provou isso nas surras que ela nos dava. Eu queria tanto saber como estava meu irmão, minha

irmã, se o seu bebê já havia nascido. Tantas perguntas e duvidas que eu não sabia mais o que pensar.

Eu passei uma semana inteira sem ver o Zen, eu estava sentindo sua falta. Não queria ser ingrata, eu gostava muito da Alima, mas ficar sem vê-lo por tanto tempo me deixava tensa. Eu não fazia ideia do que tinha acontecido. Eu perguntaria para Alima por ele. Levantei-me pulando de um pé só, e fui para o banheiro, fiz minha higiene e voltei para o quarto. Levei o maior susto quando o vi deitado na minha cama. Eu não sabia dizer o que eu estava sentindo, mas uma paz tomou conto de mim no momento que nossos olhos se cruzaram.

- Sentiu minha falta? – Ele abriu o seu belo sorriso, fazendo-me sorrir de volta.

- Sim. Achei que pudesse ter feito algo errado, você não apareceu mais.

- Vem aqui, sente-se ao meu lado. – fui dando pulinhos para sentar-me ao seu lado. – Eu senti sua falta. Eu cheguei muito tarde essa semana, mas mesmo assim não deixei de vir vê-la. Mas sempre a encontrava dormindo.

- Muito trabalho? – Nunca vi ou o ouvi entrando no quarto. Não sabia o que pensar sobre isso.

- Ei não cheguei a entrar, só abri a porta, precisava saber se você estava bem.

- Para ser honesta, eu não sei o que pensar sobre isso.

- Eu quero que você seja sempre honesta. Sempre Fabiana, nunca minta para mim.

- Eu não vou, também não gosto de mentiras.

- Como foi sua semana?

- Chata. Desculpe-me não quero parecer ingrata, mas não gosto de ficar trancada.

- Eu te entendo. O que acha de sairmos?

- Não vai trabalhar hoje? – Eu queria muito sair. Precisava respirar o ar fora desse apartamento.

- Não trabalho nos fins de semana

- Aonde vai me levar?

- Segredo

- Como assim segredo? – Lembro-me perfeitamente da ultima vez que me levaram para um lugar dizendo que era segredo.

- Deixa o passado para trás Fabiana. Viva o presente, recupere as rédeas de sua vida e volte a viver.

- Você prometeu Zen. – Ele também sabia me ler, isso era muito constrangedor.

- Tudo bem. Quando quiser sair me avise. – Levantou-se da cama e saiu do quarto.

Droga! Por que tudo isso acontece comigo? Por que eu não consigo parar de pensar no Erick e nas coisas que fazíamos juntos? Por que tudo tinha que ser tão complicado? Eu não conseguia me libertar dessas lembranças. Tudo era tão recente, ainda doía tanto. Era uma ferida aberta, machucava muito. Eu não queria brigar com

o Zen, eu queria ser uma amiga de verdade para ele, mas eu não conseguia deixar o passado.

Abracei o travesseiro e comecei a chorar. Que outra solução eu tinha? Eu estava com saudades do Zen, das suas brincadeiras, da sua voz. Eu estava tão confusa. Eu não tinha mais forças para brigar contra mim mesma, era uma luta inútil, quanto mais eu pensava em uma solução pior a situação ficava. Tudo era contraditório. Será que algum dia eu poderia dar uma chance a mim mesma de ser feliz? A resposta para essa pergunta hoje seria não, eu jamais poderia ser feliz, por que amava um homem que acabou com a minha vida. Eu não conseguia tirar o Erick da minha mente, por mais que tentasse. Ele era uma erva daninha sempre crescendo. Mas... Mas eu nunca tentei não é? Fiquei lamentando o que aconteceu comigo, abraçando minha dor, não me permiti viver, ou tentar pelo menos. Nunca me deixei vencer, não faria isso agora. O Zen tinha razão, eu precisava viver. Lutar por mim. Mas a que custo? Que preço eu teria que pagar por isso? O passado faz parte de quem eu sou, é a minha história. O que me causaria deixar para trás tudo o que eu vivi para recomeçar? Abracei forte meu travesseiro e deixei as lágrimas caírem.

Zen Kahil

Paciência! Eu precisava muito disso. O problema é que eu trabalhei a semana inteira até tarde, eu estava louco para falar com ela. Quando chegava em casa, ela já estava dormindo. E hoje louco para vê-la e leva-la para sair, ela pensa no passado. É impressionante como os olhos dela dizem tudo. Ela é um livro aberto. Machuca-me saber que não significo tanto, ou que quando ela esta comigo se permite pensar no outro. Eu já não sabia mais o que fazer, estava tentando de tudo e nada dava certo. Eu tinha prometido que não tocaria no assunto do seu passado, mas me irritava vê-la pensando.

Não ficaria em casa, eu precisava limpar minha mente, tive uma semana exaustiva, e tudo que eu queria era sair com ela, almoçar fora, ir ao parque, fazer qualquer programa, desde que estivesse ao meu lado, qualquer coisa serviria. Agora estou sem vontade de sair e muito irritado com ela.

- Zen? – O som da sua voz me causava arrepios. Isso me deixava ainda mais irritado por que eu não queria reagir a ela assim, não sabendo que eu jamais teria um lugar na sua vida.

- O que foi Fabiana? – Não fui educado, o tom saiu brusco. Ela percebeu isso por que se encolheu toda.

- Me desculpe. Eu não queria...

- Não queria, mas fez. Anda pedindo muitas desculpas ultimamente.

- Estou tentando Zen.

- Então precisa tentar mais, não é bom o suficiente. – Não ia ser agradável, se ela insistisse iria ouvir coisas que não gostaria.

- O que você quer que eu faça Zen?

- Viva. Deixe eu te ajudar, procure a ajuda de um profissional.

- Eu não posso.

- Você pode, só não quer fazer. – não voltaria atrás. Eu corria o risco de perdê-la. Mas jamais aceitaria tê-la pela metade

- Você não entende.

- Tente. Faça-me entender. Por que eu não consigo sozinho!

- Não me force Zen, não faça isso, eu não consigo falar sobre isso agora.

- Eu estou cansado Fabiana. Se você me der licença, eu preciso espairecer. Até mais. – Eu iria enlouquecer. Sempre a tratei com respeito, não sou um moleque, vou fazer 38 anos, e essa garota de 20 me deixa completamente fora de mim.

- Por favor? Não me abandone também. Você e sua mãe são meus amigos, são as únicas pessoas que tenho.

- Você vai continuar sozinha Fabiana. Mas a culpa é sua. Você quem afasta as pessoas de você. – Sai fechando a porta. Eu precisava de um tempo para mim. Uma boa dose de verdade e realidade não faria mal a ninguém, nem mesmo a ela.

Andei pela cidade por várias horas, eu queria passear, mas com ela junto. Meus planos foram todos por água baixo com sua tenacidade destrutiva. O que eu queria que ela entendesse, é que ela mesma fazia mal para si própria. A minha intenção de fazê-la falar, era que ela se perdoasse, colocasse para fora sua dor, que deixasse alguém ampara-la. Mas não, ela não confiava em ninguém, mesmo depois de tudo que já fiz e provei para ela, sua confiança em mim era pouca.

Quando cheguei em casa, as duas já haviam se recolhido. Não fui ao seu quarto como fiz a semana inteira. Desta vez não sucumbiria a minha tortura diária. Nunca entrei em seu quarto, mas a observava da porta. Ela tinha um sono muito agitado, rolava na cama de um lado para outro. Doía-me muito ver a mulher por quem eu sou louco ser atormentada por seus demônios. Mas ela quis assim, a decisão foi só dela, eu estaria aqui quando ela precisasse de mim. Mas eu a queria por inteiro.

Fui para o meu quarto tomei um banho e deitei. Sentia-me exausto emocionalmente. Quando pensava na mulher da minha vida, sempre imaginava que ela apareceria colocando meu mundo de pernas para o ar, porém nunca imaginei que seria no sentindo literal da palavra. Estava quase pegando no sono quando ouvi seus gritos. Esperei para ver se não era algo do meu subconsciente. O grito veio novamente, levantei-me às pressas e sai do quarto encontrando minha ualida no corredor.

- Deixe-me ualida, volte a dormir. Cuidarei dela.

- Não tem feito um bom trabalho.

- Do que você está falando?

- Sumiu a semana inteira e hoje também. Não me decepcione Zen. Não criei um homem para ser fraco.

- Não sabe o que esta falando, o problema não sou eu. É ela.

- Ela é jovem, sofrida, precisa de pessoas que a entendam, não que a pressione. Ela precisa de um amigo, não de um médico.

- Preciso vê-la. Boa noite ualida.

Entrei no quarto, para vê-la. Ela estava gemendo e se contorcendo. A cena era dolorosa, cheguei perto dela e falei em seu ouvido, mas sem toca-la.

- Fabiana? Acorde querida. É só um pesadelo, você está segura.

Repeti a frase várias vezes até que ela se acalmasse e acordasse.

- Zen?

- Xiii... Você estava tendo um pesadelo. Como se sente?

- O que faz aqui?

- Acalme-se. Repire fundo. Você estava tendo um pesadelo, ouvi seus gritos do meu quarto e vim vê-la.

- Obrigada Zen, já estou melhor.

- Tem certeza?

- Tenho sim. Obrigada.

- Boa noite!

- Boa noite Zen!

Voltei para o meu quarto, mas não irritado com sua distância, eu estava preocupado. Pesadelos não eram bons. No seu caso era pior, isso a atormentaria deixando-a depressiva. E a depressão é uma doença grave. Muitas pessoas a tem, mas não se dão conta do problema, até que seja tarde de mais.

Na manhã seguinte acordei e coloquei um calção de banho, eu iria para piscina e a levaria comigo. Peguei meu telefone e liguei para o Gabriel, ela me deu carta branca para leva-la, era exatamente isso que eu faria. Fui até o seu quarto e bati na porta. Nada. Bati novamente e ela me permitiu entrar.

- Fabiana? – Não há vi na sua cama, entrei mais um pouco e fui recebido com uma travesseirada na cabeça.

- Mas o que é isso?

- Isso? É por você ter me deixado ontem.

Ela pegou o travesseiro e veio mancando atrás de mim com o maldito travesseiro. Ela gargalhava com a brincadeira, entrei na dança e peguei um para mim. O caos se instalou rapidamente. Eram penas para todos os lados, os quatro travesseiros tinham sido completamente destruídos. Ela estava cansada, e suada. Tinha penas grudadas em todos os lugares do seu corpo, inclusive em seu cabelo. A cena me tirou o fôlego, não me contive em fotografa-la assim como estava.

- Fique aqui, eu já volto. – Corri para o meu quarto e peguei a máquina fotográfica. Quando voltei ela tirava as penas do cabelo. – Não! Deixe-as assim

- O que vai fazer?

Não respondi, bati varias fotos dela, de vários ângulos. No começo ela estava tímida, mas depois começou a fazer varias poses e caretas. Foi o melhor momento que já tive com ela. Eu guardaria essas fotos para o resto da minha vida. Seria uma lembrança dela para mim, se eu não a tivesse comigo.

- Já chega Zen. Eu estou cansada.

- Tudo bem. Antes de eu ser atacado estava pensando em ir para a piscina, quer vir comigo?

- Você já me desculpou?

- Ainda não... Mas sempre há tempo para isso. – Seu sorriso morreu. E ela estava séria novamente.

- Venha aqui, eu quero falar com você.

- Estou aqui.

- Eu não vou prometer quando, mas eu vou falar com você. Eu só não posso falar disso agora. Tente me entender, é... só muito novo para mim, as coisas na minha cabeça não é de um ano atrás. Para mim é como se tivesse acontecido semana passada. Eu ainda consigo sentir algumas coisas daquele dia. É uma tortura Zen. Consegue me entender?

- Consigo sim. Eu vou esperar, se você me prometer. – Seu olhar era torturado, agora eu conseguia entende-la, muita coisa poderia ter sido evitada se ela tivesse tido essa conversa comigo antes.

- Eu prometo. Eu juro para você que eu vou falar, só não consigo agora.

- Vem aqui, me dê um abraço. – Ela veio sem jeito, mas eu peguei-a pela cintura, colocando-a em meu colo. Era esse o seu lugar. Ela era tão pequenina, eu tinha 1,96m de altura e ela não passava de 1,60m. Coloquei a minha cabeça na sua e fiz carinho em seus cabelos. Ficamos assim por um bom tempo, até ela lembrar-se da piscina.

CAPÍTULO 08

Fabiana

Finalmente consegui ajeitar a situação entre mim e ele. Eu odiava ser do jeito que era, mas ninguém entendia que tive que passar a vida inteira levantando muros ao meu redor. Com a criação que tive não era fácil para mim, confiar nas pessoas. Tive que trabalhar muito para isso e no fim, a única pessoa em quem confiei me traiu de forma mais cruel que poderia imaginar. Eu daria a ele esse voto de confiança, não contaria tudo, mas começaria do inicio, de onde tudo começou.

Fomos para a piscina. Eu não sabia nadar, mas adorava ir para os acampamentos da igreja e também para a vila dos oficiais. Eu entrava na piscina, mas sempre me agarrava na borda, ou na escada, nunca me aventurei ir para o meio sozinha. Zen tirou sua camiseta e seu calção, ficando só de sunga. Oh! Ele tinha um corpo maravilhoso, absolutamente escultural. Músculos bem tonificados definiam seu belo corpo.

- Fabiana?

Seu sorriso deixou obvio que ele me pegou olhando. Meu rosto todo ficou quente nesse momento.

- Você está corando? Gosta do que vê?

- Hum... – Não falaria mais nada. De maneira nenhuma diria o quanto achava atraente.

- Vamos para a piscina. Sabe nadar?

- Não. Eu gosto, mas todas as vezes que fui, fiquei na escada.

- Vem, vai ser uma ótima fisioterapia para sua perna, e você ainda aprende a nadar.

- Zen, não vai me deixar afogar não é?

- Não vou deixa-la afogar. Venha eu ajudo você.

Ele caiu na piscina e voltou para a borda. Seu cabelo molhado, os olhos dourados, o reflexo do sol sobre seu corpo bronzeado deixou a imagem de tirar o fôlego. Definitivamente ele era um homem espetacular.

- Fabiana, você está bem? Se não quiser vir, podemos ir para a hidro, ou a sauna.

- Não. Esta tudo bem, eu quero ir para piscina.

- Venha, eu te seguro.

Suas mãos vieram para minha cintura, segurando-me e descendo para a água. Surpreendi-me com a temperatura da água.

- É quente!

- É aquecida. Gosta?

- É diferente.

Suas mãos ainda me seguravam enquanto me levara para o meio da piscina. Sem notar coloquei meus braços em seu pescoço, eu estava com medo. Esse ato fez com que o meu corpo se aproximasse do seu. Ondas de eletricidades passaram entre nós

Seus olhos encontraram os meus hipnotizando-me. Eu não sei por quanto tempo ficamos nos olhando. Eu senti essa sensação apenas uma vez na minha vida, e daquela vez o medo era predominante, mas agora, com o Zen, eu sentia paz, uma tranquilidade muito grande. Desviei meus olhos dos seus tentando colocar meus pensamentos em ordem. Ele jamais olharia para mim como uma mulher.

- Você quer ouvir a verdade, ou prefere que eu fique calado?

- Acho que não é o momento. – Não é que eu queria que ele fosse interessado em mim. Mas saber e ouvi-lo dizer eram coisas totalmente diferentes. Eu ficaria mais decepcionada se soubesse que eu não sou o seu estilo. Quer dizer eu nem sei por que estou pensando nisso, na verdade eu nunca pensei nele além de um amigo. Nossa! Que confusão.

- Está tudo bem Fabiana, vamos nadar. Foi para isso que viemos aqui.

- Tudo bem. O que devo fazer? – queria tirar a minha mente dessa confusão, era melhor realmente me concentrar em nadar.

- Vou segurar você, quero que bata os pés.

- Certo. – Zen era um excelente professor. Fiz exatamente como ele me dizia. Em pouco tempo me arrisquei a fazer sozinha, é claro que tomei alguns caldos, mas ele disse que era normal.

Tomamos nosso café da manhã na piscina. Eu estava me sentindo uma rainha. O Zen era um perfeito cavalheiro. Um homem inteligente, carinhoso, afetuoso, atencioso e muito sexy. Aliás, mais

do que isso, Zen exalava sensualidade e poder pelos poros. Eu não gostava da forma como comecei a vê-lo, eu acabaria sofrendo e isso não seria bom para nossa amizade.

Depois do café Zen me chamou para irmos para á hidro. No começo fiquei sem ação, eu conheci uma hidro apenas e acabei transando dentro dela.

- Quando você fica com os olhos distantes, esta pensando nele não é?

O tom doloroso da sua voz, me fez agir rápido, eu realmente não queria analisar aquilo de perto.

- Vamos para hidro. – Não queria falar com ele com tanta gente em volta, correndo o perigo de ser ouvida. Ele não discutiu e fomos para a hidro.

O lugar era aberto, mas tínhamos privacidade, já que a hidro só cabiam duas pessoas. Sentei-me e ele fez o mesmo do outro lado, colocou suas pernas ao meu lado e puxou o meu pé para o seu peito. Tentei puxar de volta, mas ele não largou.

- O que está fazendo?

- Relaxa pequena, quero apenas te fazer uma massagem.

- Certo. - Suas mãos eram mágicas. Encostei minha cabeça no aparador da banheira e fechei os olhos. Pensei em vários assuntos que eu poderia falar com ele, decidi começar pelo caminho menos doloroso.

- Eu tive uma infância, muito ruim. Meu pai era um homem instável. Ele e minha mãe separaram-se quando eu ainda era uma

criança. Ele sempre a amou, do jeito dele, mas a amava. Ela tornou-se uma mulher fria e cruel. Eu e minha irmã passamos muitos momentos ruins com ela. Era muito agressiva quando queria. Meu irmão foi o privilegiado da prole. Ela nunca encostou suas mãos nele. Nunca o tratei de forma diferente só por que ela fazia. Se alguma vez ela demonstrou amor por alguém, foi por ele. – Senti suas mãos pararem com a massagem e abrir meus olhos ele me olhava com intensidade, mas não disse nada. Deu continuidade a massagem. E eu voltei a fechar meus olhos.

- Quando eu conheci o Erick, eu tinha 15 anos. Eu não sei explicar para você, como eu me senti na época, mas atraída serve para o momento. Logo depois ele foi o meu professor na escola. Mas ele nunca fez contato nenhum comigo. Eu tive dois namorados, ele e o Marcelo, duas escolhas muito ruins. Os dois se provaram serem meus piores pesadelos. Quando namorei o Marcelo, eu era muito nova, tinha 15 anos, levei uma surra da minha mãe que eu jamais vou esquecer. Alguns anos depois, três na verdade, eu voltei a rever o Erick, eu era adulta e ele também. Eu deixei me levar. Meu primeiro homem, primeiro amor. A nossa primeira noite provou ser a melhor que eu já tive. Depois que tudo acabou, provou ser a pior delas. Fui tratada por ele como lixo.

Abri meus olhos e o olhei novamente. Fixei meu olhar no pôr do sol que eram a cor dos seus olhos.

- Sempre fui tratada pelo Erick como segunda opção. Eu nunca fui sua namorada. Ele presenciou minha mãe me bater, tirou-me de

casa levando para o seu loft. Aparecia quando queria ou quando ele dizia que era possível. Ficávamos juntos... – Eu queria achar uma palavra que não fosse tão vulgar quanto foder.

- Vocês transavam.

- Sim. Mas depois que tudo terminava ele ia embora. Ás vezes quando eu estava dormindo, e outras ele nem esperava, se vestia e ia sem me dizer nem mesmo tchau. Passei por essas humilhações durante meses. Certa vez eu o vi de carro com uma mulher, mas ele jurou para mim que não estava com ela. Pouco antes de descobrir que estava grávida, eu o vi com ela novamente. Ele apareceu lá em casa, mas eu estava péssima, sentia-me muito mal, eu achava que era dos nervos, por saber o quão canalha ele estava sendo comigo. Na manhã seguinte eu fui ao médico. Eu estava pior que no dia anterior. E o médico nos deu a noticia de que eu estava grávida. Conversamos sobre o assunto, ele estava tão assustado quanto eu, mas ele também queria o bebê.

- Lamento o que aconteceu com você. Não gostava desse cara, mesmo antes de saber a história. Agora gosto muito menos.

Ignorei seu comentário, por mais que eu tentasse ainda sim não saberia como definir a situação. Não fazia ideia do por que ele sentia-se assim

- Depois que soubemos da noticia fomos para casa. Meu estado era péssimo, eu sentia dentro do meu coração que aquele momento era uma despedida. E foi. Ele assumiu estar com ela por um negócio. Eu não quis saber e pedi para ele ir embora. Voltou

dois dias depois. Completamente mudado. Eu acreditei Zen, eu o amava, acreditei que eu finalmente consegui fazê-lo se apaixonar por mim. Nunca estive tão errada na minha vida, eu nunca tive um lugar na vida dele. Primeiro era a política, a tal mulher, e depois o nosso filho. No dia que tudo aconteceu tínhamos combinado de jantar juntos. Ele me ligou na hora que havíamos marcado dizendo que tinha um jantar político, mas que me encontraria assim que tudo terminasse. Eu disse a ele que não poderia esperar por que estava com fome. No fim, deu a coincidência de estar no mesmo restaurante que ele, no momento em que ele pedida a mão dela em casamento.

- Cretino miserável! Isso não é papel de homem. Esse cara nunca mereceu você Fabiana. Ele nunca foi digno do seu amor.

- Vamos voltar para o apartamento? – Eu não queria mais falar sobre o assunto. Não importa mais o que ele fez. Isso faz parte do passado. Talvez, algum dia eu deixe de pensar nele.

- Não se torture mais, não vele a pena. Você acreditou, amou fez o seu papel, não se machuque por um cara que não valha a pena ser lembrado.

Voltamos para o flat em silêncio. Cada um perdido em seus pensamentos. No fundo eu sabia que o Zen tinha razão, eu tinha uma vida inteira pela frente. Eu poderia voltar à faculdade, fazer meu inglês que eu adorava, e voltar a trabalhar. Falar com ele sobre como fui criada e minha relação com o Erick, não foi ruim, pelo contrario, me deixou mais leve.

- Quer almoçar fora? Podemos ir a um restaurante e depois esticar á tarde no Ibirapuera.

- E minha perna? Você não pode me carregar por todos os lados.

- Se eu te arrumasse uma muleta. Você usaria?

- Se eu conseguir me equilibrar nela, sim. Mas Zen, isso vai custar caro não é?

- Não, eu vou pedir a do Gabriel emprestada.

- Ele usa? Eu não percebi

- Ele usava, mas não mais.

- Sua mãe?

- Ela vai junto conosco, tudo bem para você?

- Claro! Eu adoro Alima. Você tem muita sorte Zen, tem uma mãe adorável e uma amiga de verdade.

- Não fique assim Bia...

- Bia? – Pensei no apelido, e gostei do som. Eu preferia esse á Fabi, ou Biana. Eu adorava ser chamada de Biana, pelo meu irmão, mas até isso o Erick conseguiu sujar.

- Não gosta?

- Ninguém nunca me chamou de Bia. Mas sabe? Até que eu gostei. – Dei uma piscadinha para ele. Estava ficando mais a vontade em sua presença.

- Se você preferir posso te chamar de pestinha.

- Muito abusadinho. Senhor encrenca.

- Encrenca eu?

- Ohh. – Suas mãos voltaram para minha cintura me fazendo cócegas. – Para Zen! Não estamos em casa, eu vou cair com essa perna assim. – Ele cessou o ataque olhando-me nos olhos. Suas mãos vieram para o meu rosto tirando meu cabelo da boca. A eletricidade voltou com força total. Pude ver suas pupilas se dilatarem enquanto me olhava. Ele também sentia a eletricidade. Muito lentamente ele baixou os olhos para a minha boca, e passou a língua nos lábios. Eu senti sua aproximação e fechei meus olhos, eu queria esse beijo, mesmo não tendo a certeza do que estava acontecendo ou do que sentia. A campainha do elevador tocou anunciando nossa chegada. Fui arrancada da nossa bolha pela voz de Alima.

- Allah! Vocês demoraram tanto. Já estava descendo para procura-los.

Olhei para o Zen, que ainda me olhava. Eu não sabia o que responder. Mordi meus lábios a procura de ajuda. Que situação constrangedora! Quando vi que ele ainda não havia notado Alima, lhe dei um cutucão.

- Zen! Sua mãe.

Completamente atordoado olhou para sua mãe.

- Oi ualida. Nós perdemos a hora. Vamos almoçar fora hoje, e depois irmos ao Ibirapuera. Quer vir conosco?

- Claro! Se não for incomodo.

- Não é Alima, adoraríamos ter sua companhia.

- Vamos querida, você precisa se trocar.

- Claro. – Olhei para o Zen mais uma vez e fui me trocar para o almoço.

Zen Kahil

Contei até mil para não perder a compostura. Na verdade minha vontade era de apertar o botão de fechar as portas do elevador para ficarmos juntos. Ela me queria! Estava em seus olhos. Perdi-me completamente quando se entregou a mim fechando os olhos, ela queria tanto quanto eu. Foi quase... Estive ali... E minha amada ualida aparece. Eu estava muito frustrado, estava louco para beijar seus lábios, sentir o seu sabor, poder toca-la como desejava. Eu precisava ficar com ela á sós novamente. Sai do elevador e fui me arrumar.

Antes de sairmos do hotel eu passei no quarto do Gabriel para pedir a muleta emprestada. Ela conseguiu andar com elas, foi até divertido de vê-la tentar se equilibrar. Fomos para um restaurante perto do Ibirapuera. Ela era incrível, a conversa fluía com muita naturalidade, eu nunca vi a Bia mais a vontade do que hoje, brincava, soltava até algumas piadas, parecia outra pessoa.

Depois do almoço fomos ao parque. Ela pegou o jeito da muleta e caminhou bastante. Visitamos diversos centros culturais, museus, a bienal e a oca. Sentamos frente ao lago, demos comida para alguns patos, andamos pela ponte e depois nos sentamos na grama. Minha mãe adorou o parque. Estou há oito meses no Brasil, e nunca a trouxe para passear aqui, isso me fez pensar o quanto estou negligenciando minha mãe. Eu mudaria isso, não por que a

Bia esta junto, mas por que esse passeio de hoje me fez abrir os olhos. Minha ualida era meu tudo. Depois de saber como era a vida e a mãe da Bia, tive que agradecer a Allah, pela mãe que eu tenho, e aprender a dar mais valor na pessoa que me deu a vida e ainda zelava por mim.

Fomos embora á noitinha. Chegamos em casa exaustos, nos despedimos e fomos dormir. Passei a noite pensando em tudo que a Fabiana tinha me contado sobre sua vida e seu relacionamento com aquele canalha. Eu observei duas coisas nela. A primeira era que ela não o amava mais, ela podia pensar nele, mas não em forma de carinho e amor, mas como única referencia que ela tinha de relacionamentos e sentimentos. A segunda era que ela era uma submissa. Sua timidez não vinha somente da vergonha, mas pelo fato de ser submissa. Eu não sei como me sentia em relação a isso, é claro que eu preferia uma submissa, mas o que me preocupava era se essa sua submissão vinha dos abusos que ela sofreu na sua infância por seus pais, ou se isso vinha da relação do Erick. Eu não queria nenhuma das duas opções, eu queria que ela fosse, por que isso fazia parte de quem ela era. Não do que queriam que ela fosse.
Acordei cedo no dia seguinte para trabalhar. Quando cheguei na sala, minha ualida já havia preparado o café.

- Bom dia, ualida.

- Bom dia, ibn.

- Como você está? Acordou bem?

- Claro que sim, inb. Por que a pergunta?

- Sente-se aqui, quero falar com a senhora. – Eu precisava falar para ela tudo o que eu sentia. A vinda da Bia estava me mudando também, para melhor. – Eu acho que eu nunca tive a oportunidade de dizer a senhora o quanto eu a amo, o quanto sou orgulhoso de ter a senhora como ualida, o quanto eu a agradeço pela educação que me deu e por ajudar a me tornar o homem que eu sou hoje.

- Oh meu ibn. Eu sou uma mulher muito orgulhosa por ter você como filho. Você é um grande homem. Eu tenho certeza que fiz o meu melhor para educa-lo e torna-lo o homem que é hoje.

- Obrigado ualida. – Engoli o nó da minha garganta, eu não iria chorar na frente dela. Homem chora, ele só não faz isso quando tem plateia.

Fui para o meu trabalho pensando na Fabiana. Eu precisava de tempo para estar com ela. Mas eu sentia que meu tempo estava acabando. As pesquisas que estávamos trabalhando já estavam quase concluídas. Restava muito pouco para se fazer. Meu visto de permanência no Brasil era de um ano e meio, ou seja, só me restava sete meses. Eu começava a achar que não seria tempo suficiente para ficar com ela. Não tendo que passar o dia inteiro fora, durante cinco dias da semana.

Cheguei ao laboratório, e já estavam todos a postos, inclusive o doutor Bittencourt. Ele era um medico renomado. Havia estudado em Cuba, e se tornou um neurocirurgião muito conceituado e um dos melhores na área. Era brasileiro e começou a desenvolver

algumas pesquisas que iriam revolucionar a cirurgia cerebral. Quando alguém conhece seu trabalho, jamais deixa de aceitar o convite para participar da sua equipe. Foi exatamente isso que eu fiz. O que provou ser a melhor escolha da minha carreira e para a minha vida pessoal. Aqui no Brasil, eu conhecia a mulher que mudou minha vida, e que eu rezava para que fizesse parte.

- Atenção senhores! Eu quero agradecer a grande equipe que consegui reunir aqui, grandes mentes e excelentes médicos. Eu quero anunciar a vocês que a nossa pesquisa se encerra antes do previsto.

Eu já imaginava que essa bomba chegaria logo. Os avanços foram surpreendentes. Um deles foi o caso da Fabiana, que contribuiu bastante para a pesquisa.

- Daremos por encerrada a pesquisa essa semana. Eu agradeço a todos os médicos que se dispuseram a vir de seu país para fazer parte desse grupo. Bom, é isso, vamos dar continuidade ao nosso trabalho.

Sai do trabalho no fim do dia desanimado. O que eu faria agora? Eu tinha apenas uma semana para conseguir que ela confiasse em mim suficiente para ir para outro país comigo. Ela não iria, eu não precisava conhecer a Fabiana por anos, para saber que ela jamais iria comigo. Cheguei em casa e minha ualida, estava na sala.

- Salamu aleikum

- Wa aleikumu Salam

- Ki deir?

- Labas, alhamdulilah

- Não parece bem. O que aconteceu inb?

- Onde está a Fabiana? - Eu não queria que ela ouvisse a conversa que teria com a minha mãe.

- No quarto.

- As pesquisas terminaram antes do previsto.

- Mas isso é maravilhoso! Eu não estou entendo sua aflição

- Fabiana não vai aceitar ir embora conosco. Ualida, tente-me entender, eu não posso deixa-la, ela é minha vida.

- Por que não ficamos? Podemos nos dar ao luxo de ficar aqui por mais alguns meses.

- Mas e a senhora? Não quer ir para casa?

- Minha casa é onde você estiver. Então não importa se estou aqui, ou lá.

- Oh minha ualida, a senhora não tem ideia do quanto estou aliviado. Eu a amo e não posso deixa-la.

- Isso é muito nobre meu filho. Vocês passaram por muitas provações, mas serão muito felizes.

- Obrigado. Preciso vê-la, como foi o dia de vocês?

- Ela está entediada de ficar dentro daquele quarto.

- Mas e as muletas?

- Vá vê-la e ela mesma o dirá.

- Até mais. – Dei um beijo em sua testa e fui atrás da minha pestinha. Era definitivo: essa mulher virou minha vida de pernas para o ar.

CAPÍTULO 09

Erick

Perdi toda a minha esperança de encontra-la. Meu pai falou com varias pessoas, pediu ajuda a muita gente, mas ninguém descobriu seu paradeiro. As impressões digitais não deram em nada. Eram inconclusivas, digitais apenas parciais, impossível achar no banco de dados do sistema brasileiro. Agora eu vivia sem rumo. Depois de tanto tempo longe, meu filho já deveria esta enorme. Isso me machucava ainda mais, ela prometeu nunca tira-lo de mim, e foi exatamente o que ela fez.

Trabalhava dois turnos, tarde e noite. Mas depois que eu saia do trabalho sempre parava em um bar para encher a cara. Ajudava anestesiar a dor que eu sentia pela falta do meu filho e a raiva que eu estava criando dela. Eu tinha perdido todo o dinheiro que eu havia guardado, vendi o meu carro para pagar aos detetives. Meu último recurso foi vender um terreno que eu tinha. Com o dinheiro foi possível eu terminar de pagar o Machado, e comprar outro carro. Estive pensando muito sobre o meu casamento com a Keylla, não havia mais motivo algum continuarmos casados. Esse foi um dos grandes motivos do qual eu não bebi hoje, queria voltar para casa, sóbrio, e conversar com ela.

Quando cheguei ao apartamento, não chamei por ela. Entrei e segui direto para o quarto. Assim que entrei no corredor ouvi sua voz. Na verdade pareciam gemidos. Parei para ouvir um pouco mais.

- Ahhhh... Assim...

- Gosta assim safadinha.

- Sim, meu garanhão, faça gostoso.

Eu conhecia essa voz, eu só não estava ligando o nome á pessoa. Parei para pensar um pouco, mas nada vinha a minha mente. Até que...

- Mete gostoso vai...

- Você tá faminta hoje...

- Muito... O frouxo do meu marido não tem me dado assistência.

Eu mataria essa desgraçada e seu amante. Faria picadinho dos dois por estarem na minha casa e na minha cama. Entrei no quarto e a cena que presenciei meu deixou perplexo. Nunca na minha vida achei que viveria para ver isso. Fiquei enojado com a situação. Eu reconhecia a voz, mas não queria acreditar. Eu mataria aos dois.

- Que porra é essa!

Fabiana

Não esperei o Zen, chegar. Estava me sentindo angustiada. Passei o dia pensando no que eu estava sentindo por ele. Eu sabia que ele não queria nada comigo, seria impossível depois de tudo que aconteceu. Ninguém iria querer uma garota com a bagagem emocional como a minha. Ainda mais um homem como ele. Lembrei-me da forma que fui encontrada por ele, jogada de um caminhão, com aquelas roupas horríveis e fedendo. Um desespero sem tamanho tomou conta de mim. Abracei meu travesseiro e comecei a chorar. Lembro-me perfeitamente de cada coisa que fui obrigada a fazer. Sentia-me completamente desesperada. Estava começando a ficar histérica. Tentei abafar meus gritos com o travesseiro. A dor era pungente. Eu jamais conseguiria sair disso, não havia maneira de esquecer o que aconteceu.

- Fabiana?

- Vá embora!

- Não vou a lugar algum.

- Por favor? Deixe-me sozinha. – Ele não ouviu. Deitou-se atrás de mim, puxando-me para seus braços. Era reconfortante tê-lo tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe. Esse homem estaria mais longe do que nunca, quando ouvisse tudo que eu tinha para falar. Comecei a falar tudo muito rápido, quanto mais cedo eu terminasse com esse tormento, melhor seria para mim.

- Eu vagava pelo posto procurando carona para Goiás, mas todos os motoristas que eu perguntava, seguiam caminhos diferentes. Eu estava exausta, com fome e com muita dor. A noite apareceu uma mulher que me confundiu com uma garota de programa. Ela me disse que eu estava tomando o seu ponto. Tudo aconteceu tão rápido. Ela trouxe seu cafetão e ele obrigou-me a me prostituir. Disse-me que o posto era seu, e que se eu não fizesse o que ele queria ele me mataria. Eu juro que eu não queria isso Zen. Ele me brigou, me bateu e ainda apontou uma faca no meu rosto. – Parei de falar, eu não sei se conseguiria continuar, mas eu precisava, eu sabia que uma hora ou outra precisava colocar tudo isso para fora. Ele abraçou-me mais apertado, trazendo meu corpo junto ao seu.

- Acabou pequena, você está segura agora.

- Você quer que eu continue?

- Eu sempre vou ouvir você. Não importa a história. Sempre vou estar com você minha pequena.

- A garota arrumou uma roupa para mim, a mesma que estava vestindo quando você me encontrou. Ele exigia a metade de tudo que eu ganhasse. Eu não queria Zen, eu juro para você que eu não queria.

Fechei meus olhos com força, não queria olha-lo, ver a repulsa nos olhos dele me fariam ficar pior do que eu já estava, não sabia o motivo, no entanto eu queria muito que ele não desistisse de mim.

- Eu sei pequena. Eu não estou aqui para julga-la, muito menos para culpa-la.

- Por que está aqui Zen? Por qual motivo quer ouvir tudo isso?

- Porque quero te ajudar a superar tudo isso. Sou seu amigo, e posso ser muito mais se você permitir.

Não sabia o que dizer. Guardaria essa informação para analisar depois. Precisava continuar contar tudo a ele, e mesmo depois de saber tudo se ele ainda me quisesse aqui, eu lutaria por mim. Voltaria a viver.

- Meu primeiro cliente queria sexo oral. A garota me disse para usar camisinha, mesmo sendo oral. O que eu ganhava mal dava para eu comer, a camisinha era muito cara no posto, mas eu preferi compra-la ao invés de comer. Foi tudo tão horrível Zen, a maioria deles fediam, eram sujos e grosseiros. – Respirei fundo tentando acalmar-me. Era muito doloroso, sentia nojo de mim mesma. - O cliente que eu atendi depois desse, queria algo diferente, ele não gostava de sexo convencional... ele... hum... queria que eu ... o fodesse.

- Merda! Eu lamento muito você ter passado por isso baixinha.

- Eu tive que fazer. Coloquei uma camisinha do dedo e o penetrei. Eu não tenho palavras para expressar o que eu senti, ou que ainda sinto quando penso nisso. Durante esses dias eu vivi coisas completamente bizarras, mas eu sempre me cuidei. Usava a camisinha para tudo. No dia em que você me encontrou, aquele cliente queria sexo anal. De maneira nenhuma eu aceitaria aquilo.

Começamos a discutir e ele me jogou para fora do caminhão, exatamente da forma que eu me sentia, como um lixo. – Parei de falar e voltei a chorar, as imagens de tudo que eu vivi eram assombrosas. Chorei e gritei em seus braços. Eu não sabia por que estava pedindo, mas eu queria que ele me limpasse, eu queria voltar a ser limpa novamente. – Eu quero me lavar Zen, eu quero me limpar, estou tão suja, está tudo tão grudado em mim. Por favor! Limpe-me Zen, tire essa sujeira de mim! – Comecei a me esfregar tentando tirar a sujeira de mim, arranhei meus braços com minhas unhas.

- Pare com isso, você não está suja. Acredite em mim pequena, não faça isso.

- Eu quero tirar isso! Quero essa sujeira longe de mim. Tira! Por favor?

- Eu vou encher a banheira, mas pare de se arranhar. – Assim que ele saiu, livrei-me de minhas roupas, eu estava suja, tudo que eu tocava virava pó. Eu não era digna de estar aqui, não era digna da sua atenção.

Comecei a me limpar com as mãos, tentando arrancar de mim aquela angustia e todo aquele pesadelo. Passei a mão pela minha boca tirando todo o rastro e o cheiro de outros homens que me forçaram a fazer todas aquelas coisas que me dava nojo.

- Para com isso! Venha aqui, a banheira já esta cheia.

- Me solta!

Zen Kahil

Nunca em minha vida vi tanta miséria e tanto sofrimento. Ela lutava comigo, se arranhando, se machucando... Seu desespero era monstruoso. Segurei suas mãos e a peguei no colo, levando a para o banheiro. Entrei na banheira junto com ela. Eu não sabia mais o que fazer, estava começando a ficar preocupado. Fabiana precisava de ajuda médica especifica. Traumas eram muito comuns depois de sofrer tantos abusos. Eu a sentei em meu colo peguei a esponja, o sabonete, e comecei a lava-la de uma forma muito suave, sua pele estava toda vermelha e em alguns lugares com arranhões de suas unhas. Pensei em dizer várias coisas para ela, mas como a Dra. Elisa, disse antes de qualquer coisa ela era uma mulher, mesmo que sofrida e debaixo de todo esse trauma, existia uma mulher guerreira e era nisso que eu tinha que focar para tentar ajuda-la.

- Eu não posso imaginar o que você tem passado princesa. Mas eu me sinto honrado por conhecer alguém como você. Uma mulher que sempre lutou pelos seus direitos e por tudo que sonhou. Que teve pedras em seu caminho, mas que ainda resiste e tenta lutar.

- Tudo que eu toco vira pó. Não sou digna de ser amada. Nunca tive amigos, não tenho família. Você não vê Zen? Não há por que lutar.

- Eu e a minha mãe, não significamos nada para você?

- Vocês significam o mundo para mim Zen. Os dois são tudo o que eu tenho.

- Para nós você também é importante. Você agora faz parte da nossa família. Sei que é só eu e minha mãe, mas temos muito amor e carinho aqui para você.

- Você não me acha suja Zen? Você não me acha fácil? Não acha que fiz por onde merecer?

- Ei. Pode ir parando. Eu não acho nada disso. Você quer saber como eu te vejo? – Eu falaria para ela agora, tudo o que eu sentia por ela, queria que ela soubesse exatamente o quanto ela era importante para mim.

- Estou com medo Zen, acho que não estou preparada para ouvir.

- Tudo bem. – Ah Allah! Eu juro que queria ser paciente, mas estava ficando com pouco tempo, e eu a queria comigo, na minha vida. Ela era a minha alma.

Precisava sair da banheira, mas tê-la em meu colo, era muito bom. Peguei o xampu para lavar seus cabelos. Comecei a massagear seu couro cabeludo, e ela começou a gemer. Ah merda! Eu não era de ferro, podia ter paciência, mas ouvir seus gemidos estando com ela seminua no meu colo, não daria boa coisa. Trinquei meus dentes para tentar segurar minha libido. Era muito difícil, eu tinha que sair daquela banheira antes que eu perdesse meu controle. Enxaguei seu cabelo tirando todo o xampu, desliguei a água e a levantei.

- Chega pequena, já esta tarde e eu preciso dormir cedo.

- Zen, eu posso te pedir uma coisa?

- Claro. – Eu faria qualquer coisa por ela. Tentei olhar diretamente nos seus olhos, mas o fato de ser mais alto que ela, me dava uma visão privilegiada do seu corpo. Ela tinha engordado um pouco, mas precisava de mais, eu teria que falar com a minha ualida sobre isso.

- Dorme comigo essa noite?

Por essa eu não esperava. Ela não fazia ideia do quanto eu desejava dormir com ela, não necessariamente dormir, eu tinha outros planos, mas eu faria qualquer coisa para tê-la em meus braços uma noite inteira. Nem que seja só dormir.

- Você está certa disso?

- Oh! Não... quer dizer... não é isso que você esta pensando. Eu... só... eu só...

- Relaxe Fabiana, eu entendi. – Isso foi como o balde de água fria, mesmo já sabendo que ela não queria fazer amor comigo, ouvi-la dizer, era bem pior. Olhei para a pequena mulher que estava na minha frente. Estava louco para beijar aqueles lábios, lamber cada parte daquele corpo, ouvi-la gemer enquanto a penetrava. Perdi o controle com os pensamentos que invadiram minha mente. Coloquei minha mão em seu queixo e baixei minha cabeça. Eu fui lento, queria que ela soubesse exatamente o que eu ia fazer. Pude sentir o cheiro de pêssego que vinha dela. Seu halito quente...

- Ibn? Você tem visita.

Fabiana se assustou dando um passo para trás, e eu tentei desviar a atenção, do seu corpo. Respirei fundo para não acabar matando a minha mãe.

- Eu já vou. – Olhei para a minha mulher, sim, porque agora ela era minha e tentei dar uma explicação pelo que tinha quase acabado de acontecer. Eu dormiria com ela, sem duvidas nenhuma faria ela minha essa noite.

- Fabiana...

- Tudo bem Zen. Falamos depois.

Não forcei a situação, quando eu voltasse nós iríamos conversar. Ela mal olhava para mim. De repente ficou envergonhada e pegou a toalha escondendo a bela visão do seu corpo.

- Isso não terminou aqui. – Saí do banheiro todo molhado, de pau duro e muito frustrado. Quem seria a essa hora? Fui para a sala, da forma que eu estava. Deparei-me como doutor Bittencourt.

- Olá Dr. Zen. Desculpe-me por ter vindo, eu tentei falar com você, mas não obtive resposta.

- Me desculpe Dr. Bittencourt. Por favor sente-se.

- Eu não tenho muito tempo. Estou voltando para Cuba, amanha de manhã. Eu encerrei as pesquisas hoje.

- Hoje? Mas não ficaríamos até o fim da semana?

- Sim, mas não haverá mais necessidade. Mas não foi por isso que eu vim até aqui.

- Por favor, então me diga a que veio.

- O hospital vai precisar de um neurocirurgião, para ocupar meu lugar até eu voltar de Cuba. Não é um cargo definitivo. Então pensei em você para ocupar o cargo. Você não mora aqui, mas ainda tem o visto para mais alguns meses. Quero saber se gostaria de ocupar a vaga até que eu volte?

- É uma excelente noticia! Pode contar comigo doutor Bittencourt. Eu ficaria no Brasil, de qualquer maneira. Trabalhando vai ser melhor ainda.

- Excelente! Você sabe onde fica minha sala. Minha secretária o colocará a par de tudo. Obrigado mais uma vez. Desculpe-me a pressa, mas eu realmente estou com pouco tempo. Tenho que resolver algumas coisas antes da minha partida.

- Sem problemas. Até mais.

- Até Zen. Boa noite senhora!

- Boa noite Doutor.

Despedi-me da minha mãe, e fui para o meu quarto. Tomei meu banho, coloquei um pijama, e voltei para o quarto da Fabiana. Toquei na maçaneta para abrir a porta e ela estava trancada. Eu não sabia o que pensar, na verdade foi uma grande decepção, já que o convite tinha partido dela. Voltei para meu quarto sentindo-me frio. Eu mudaria de tática com a Fabiana. Vamos ver como ela agiria com a minha distância.

Fabiana

Deixei me levar pela emoção, isso não aconteceria novamente, era uma loucura sem tamanho. Eu estava em conflito comigo mesma. Eu queria, mas não podia. Ele iria embora, e depois? Como eu ficaria? Sozinha de novo. Não! Já chega de passar por isso. Eu não suportaria, já sofreria com sua partida e a da Alima, se me envolvesse com ele seria muito pior. Fui para a porta depois de tanto brigar comigo mesma e a tranquei, eu nunca tinha feito isso, hoje eu precisava. Não ia conseguir dizer não. Fui dormir com o meu corpo aceso. Cheia de desejos por ele, e com a cabeça tumultuada de tantas emoções conflitantes.

Nas próximas duas semanas eu quase não vi o Zen. Alima me disse que ele tinha aceitado um cargo provisório no hospital e que estava trabalhando muito. Eu acreditava nela, mas duvidava que o Zen não tinha tempo para falar comigo, ele estava chateado desde do dia do quase beijo. Passei esses últimos dias pensando em várias formas de abordar o assunto com ele. Mas eu não tinha coragem, e se eu levasse um fora? Ou pior, se o que eu pensava que poderia acontecido era fruto da minha imaginação? Minha cabeça estava em parafusos. Eu estava confusa, minha mãe dizia que cabeça vazia era coisa do diabo. Estava na hora de começar a trabalhar. As quatro semanas pedida pelo Dr. Gabriel, já passaram, amanhã daria início ao meu trabalho como empregada da casa.

Na manha seguinte acordei cedo e fiz um rabo de cavalo no meu cabelo, ele estava enorme, precisa de um corte urgente. Fui para cozinha preparar o café. Eu não sabia o que eles tomavam, mas ia preparando a minha maneira até receber as ordens da dona Alima. Não acordei tão cedo como imaginava. Zen estava acordado e lendo um jornal, Alima, estava arrumando seu jaleco e a mesa para o café já posta, morri de vergonha.

- Bom dia, me desculpe dormir até tão tarde, prometo acordar mais cedo amanhã. – Zen parou de ler o jornal e olhou-me.

- Bom dia, você não dormiu demais, é natural se perder na hora, você vai levar algum tempo para voltar a se adaptar.

- Não vai acontecer novamente. – Detestava sua frieza, mas se ele preferia assim, eu aceitaria.

- Bom dia Azzah, não se preocupe, ouça seu médico, ele sabe o que está dizendo. – não ia discutir com a minha patroa, aceitei calada.

- Venha Fabiana, tome seu café, vocês duas terão um dia longo.

- Vou fazer o meu melhor, eu sei passar, cozinhar, lavar roupa...

- Não Fabiana. Você está aqui como acompanhante da minha ualida. O seu serviço e fazer companhia a ela.

- Hoje iremos ao shopping querida, vamos fazer compras. Você está precisando de tudo.

- Eu não posso pagar por isso. - De maneira nenhuma eu teria como custear todas essas coisas. Eu já estava irritada pela forma que ele estava me tratando, não deixaria me dar nada.

- Fabiana, precisamos conversar.

- Zen, eu realmente preciso do dinheiro, roupas, calçados, essas coisas são gastos que eu não posso me dar.

- Vou lhe pagar um salário, mas tudo o que você precisar eu vou custear. – Eu iria me impor, mas ele me cortou antes que eu pudesse seguir com minhas objeções.

- Me deixe terminar, minha mãe sai bastante, adora passear pela cidade e isso vai exigir de você mais roupas do que as que minha mãe trouxe. Vai ser bom pra ela ter uma companhia e eu vou me sentir melhor em saber que ela estará acompanhada.

- Você vai descontar as roupas do meu pagamento? Não sei se posso pagar isso e economizar o dinheiro que vou precisar.

- Não, nada que for de nossa exigência, e necessidade da minha mãe será descontado de você.

- Eu concordo. – Ele não sorriu, mas seu olhar expressava surpresa. Eu acho que ele esperava uma guerra da minha parte, mas se era parte do meu trabalho, então aceitaria.

- Quero que você tenha um celular, minha ualida cuidará disso pra você.

- Eu não preciso de um celular, não tenho pra quem ligar.

- Mas eu preciso ligar pra você. Quero saber como vão ás coisas por aqui, e saber da minha ualida. Ela não sabe mexer com celular é cabeça dura de mais para aprender.

- Tudo bem. – Comi meu café sem saborear. Ele era exigente e não me deu alternativas. Muita coisa era um luxo desnecessário.

- Você está com dor?

- Não. Estou bem. – eu não estava mentindo. As quatro semanas de repouso fizeram muito bem a minha perna.

- Se você voltar a sentir dor me avise. Bom, eu preciso ir. Aproveitem o dia, até mais tarde.

Antes de sair, beijou o rosto da sua mãe. Nunca na minha vida, minha mãe deu ou recebeu esse tipo de afeto. Como era estranho ver essa relação mãe\filho. Eu nunca tive o afeto da minha, era bonito observar os dois.

Saí com Alima e fomos ao shopping. Inútil dizer que perdi essa batalha, por mim compraria minhas roupas em loja de departamento. Andamos por várias lojas, por fim até que estava aproveitando, ela era muito agradável, uma pessoa fácil de conversar. Ajudou-me escolher minhas roupas, um guarda roupa completo. Vestiu-me dos pés a cabeça, e até escolheu minhas peças íntimas. Ela tinha um gosto excelente e até sexy. Também fomos ao salão, ela não queria que eu cortasse meu cabelo, mandou o cabeleireiro apenas aparar as pontas.

- Fabiana, o cabelo de uma mulher é o espelho de sua alma. Um longo deixa os homens loucos, meu Zen adora cabelos longos, o seu pai também gostava.

- Onde está seu esposo? – O que ela queria dizer com o Zen gosta? Eu não queria ficar do jeito que ele gostava, ele mal olhava para mim.

- Allah o levou para o paraíso.

- Desculpe-me eu não queria ser indiscreta.

- Não foi querida. Está tudo bem, eu já aceitei sua partida.

Acho que ela não sabia o que tinha acontecido conosco. Fico feliz pela descrição do Zen, isso diz muito ao seu respeito. Além de cortar as pontas do me cabelo, eu também fiz minhas unhas. Desisti de tenta argumentar com ela, nada adiantava, bem como Zen disse, ela era cabeça dura. Alima era uma mulher atraente, e chamava muita atenção pelo seu modo de vestir. Suas roupas a tampavam da cabeça aos pés, e usava várias joias, eu teria medo no lugar dela, andar com tantas joias.

Almoçamos no shopping em um restaurante. Ela ainda queria bater perna, eu estava cansada, mas fui sem reclamar. Entramos em quase todas as lojas, ainda bem que ela não entendia nada sobre celular, peguei o mais simples que tinha, não queria causar problemas com pessoas que tanto estavam me ajudando.

Entramos em uma loja que vendia vestidos belíssimos. Eu nunca tinha visto algo tão lindo, pareciam vestidos da festa do Oscar. Fomos saudadas pela vendedora assim que entramos na loja.

- Boa tarde. Em que posso ajuda-las?

- Quero ver um belo vestido para uma bela dama.

- Desculpe-me eu não falo inglês.

- Ela quer olhar um vestido para mim.

- Certo. Eu vou chamar uma vendedora que fale em inglês para melhor atende-las. Com licença.

- O que foi Fabiana?

- Ela não fala inglês, foi chamar uma vendedora que fale.

- Bom, melhor assim.

Nas próximas duas horas eu entrei e sai do provador mais vezes que poderia contar. Nada do que eu vestia ela aprovava. Havia vestidos lindos ali, mas ela não aprovou maior parte deles. As últimas peças que tinha para o meu tamanho a vendedora já havia trazido, eu estava experimentando o último vestido. Terminei de coloca-lo e saí do provador para Alima ver.

- Maravilhoso! Por favor. Eu preciso de sandálias, com saltos bem altos.

A pobre da vendedora trabalhou mais hoje do que em toda sua vida, eu estava me sentindo desconfortável por ela. No fim Alima, aprovou o vestido e comprou. A roupa que eu vestia ela jogou no lixo me fazendo colocar o vestido que compramos. Eu adorei, ele era lindo! Na cor azul Royal. Sandálias pratas altíssimas, completavam o look.

- Alima, podemos ir agora? Acho que tenho roupa suficiente para uma vida.

- Você está bem?

- Eu só estou cansada. Não temos mais nada para comprar. Isso tudo já foi um grande exagero.

- Você merece ser mimada, aliás todas as mulheres merecem. E ainda não fomos a uma joalheria.

- Você prometeu! Sem exageros. – Deus! Ela levaria o shopping inteiro. Eu não queria joias, já estava mais que suficiente as roupas.

- Toda mulher precisa de brincos, você não seria diferente. Agora vamos.

Não adiantava, com ela era inútil. Eu era cabeça dura, mas Alima me ganhava em sua tenacidade.

Zen Kahil

Cheguei cedo, a emergência não era tão grave, achei que as encontraria em casa, mas não tinha ninguém. Provavelmente minha ualida estava se divertindo. Sempre quis uma filha mulher pra fazer com ela esse tipo de programa. Eu me surpreendi com a Fabiana, achei que ela seria menos receptiva, mas ela estava indo muito bem. Bem até demais, já estava ficando com medo do meu plano não dar certo. Achei que ela sentiria a minha falta, mas ela estava absolutamente fria no café da manhã. Sentia-me atordoado, sem chão. Essas duas últimas semanas foram as piores. Eu não a vi, e também não entrei em seu quarto, como sempre fazia. Segurei-me ao máximo, mas eu não aguentava mais de saudade. Ela ainda tinha pesadelos, eu podia ouvi-los do meu quarto, eram menos intensos, mas ainda estavam lá. Por várias vezes eu quase fui ao seu quarto, mas se eu encontrasse a porta trancada, eu não mediria minhas ações. Então esperei para ver o que aconteceria. Olhei as horas e comecei a ficar preocupado, já era hora do jantar. Ouvi um barulho na porta. Finalmente!

- Onde estavam até essa... – Me calei quando vi Fabiana. Nunca em minha vida vi uma mulher mais graciosa. Estava elegante e muito sexy. Esse vestido lhe caia muito bem. O azul destacava sua linda pele branca, sandálias altíssimas torneavam suas pernas deixando-as mais longas. Eu sabia que minha ualida faria

exatamente como combinamos. Seu cabelo foi cortado, mas não muito, apenas dando uma vida, gostei disso, adorava mulheres de cabelos longos. O seu parecia uma seda caindo por suas costas, maquiagem leve. Ela estava de tirar o fôlego!

- Vamos Zen, nos ajude com as sacolas. - Minha ualida me tirou dos devaneios, feliz por isso, provavelmente estava babando de boca aberta como um adolescente. Essa fase ficou para trás á anos, eu não era tão novo assim, tinha 38 anos e precisava me comportar como a idade exigia.

- Claro, desculpe-me. Estive preocupado com a demora de vocês duas, compraram o celular?

- Sim, compramos o tal celular. Não gosto desse robô falante – Quando ouvi sua risadinha a olhei para ver seu belo sorriso... Ela ficava ainda mais linda quando sorria. Devo ter sido inconveniente por que seus olhos desviaram dos meus e sua face adquiriu um lindo tom de rosa. Ela era a mulher mais sedutora que já vi e sem fazer esforço algum. Era absolutamente natural.

- Zen o que achou da Fabiana? Está linda não acha? – minha mãe não se cansava. Mas eu tinha que ir devagar. Fabiana era exatamente a mulher que eu sempre procurei, ela era linda, meiga, ingênua, sexy, sedutora, e inteligente. Meus instintos por ela era absolutamente protetores e meus sentimentos era de verdadeira adoração. Eu já me cansei de tentar achar respostas para o que eu sentia por ela. Não havia nada que explicasse, então deixei de tentar e preferi sentir.

- Sim, ela está muito linda. – Senhor me ajude, estava ficando excitado só de olhar para seu rosto corado, precisava me acalmar rapidamente ou ficaria em uma situação constrangedora.

- Por que não vamos jantar fora hoje? Chegamos tarde e estamos exaustas, vamos para o restaurante aqui mesmo do hotel.

- Claro, vamos Fabiana, eu ajudo a colocar as compras no quarto. – Eu as levaria para jantar. Seria uma honra acompanhar a minha mãe e a minha mulher. Sim, por que ela era minha, ela só não sabia, ainda.

- Vocês podem ir, eu prefiro ficar, estou cansada e...

- Não... Vamos todos juntos. Ah minha azzah você está tão linda! Seria um desperdício ninguém ver tamanha beleza.

- Tudo bem, mas Zen, eu vou precisar de um remédio, estou sentindo dor.

- Claro. Eu te ajudo com as sacolas, aproveito e pego o remédio.

Seguimos para o quarto, e eu não pude deixar de olhar para o seu corpo. Ela tinha curvas delicadas, pernas longas, mesmo sendo baixinha, tinha um corpo escultural. Não era uma boa ideia ficar analisando-a assim... Deixei as sacolas na porta e sai de lá, fui para o quarto de hóspedes, que agora era meu. Precisava me acalmar. Que Allah não permitisse que ela usasse aquele vestido novamente. Eu não conseguiria manter meu controle, muito sexy, malditamente sensual. Eu tinha que parar, não me ajudava em nada pensar nela naquele maldito vestido. Respirei fundo, e fui até o banheiro lavar o

rosto para aliviar minha tensão. Peguei o remédio e voltei para o quarto dela.

Chegamos ao restaurante do hotel, com minha mãe de braços dados comigo, nada me fazia mais orgulhoso. Ela era uma mulher de 55 anos, mas se passava por 40 tranquilamente, bem cuidada e muito sofisticada. Tinha um coração do tamanho do mundo e uma pessoa muito humilde. Fabiana estava ao lado da minha mãe, que neste momento se afastava e ia para o outro lado deixando Fabiana no meio. Seu cheiro de pêssego atingiu-me em cheio... Maravilhoso! Na minha cabeça veio imagens de seu corpo escultural todo perfumado com sabor de pêssego, era muito frustrante essa ansiedade.

Fomos levados para uma mesa localizada no centro do restaurante, eu queria algo mais reservado, mas o lugar estava lotado. Todos os homens olhavam pra Fabiana. Sorrisos predatórios mal intencionados. Era muito desagradável. Senti o seu desconforto só de olhar o seu encolher de ombros. Abaixei-me para falar em seu ouvido.

- Se acalme, estou aqui com você, nada vai te acontecer.

- Por que estão todos olhando pra mim?

Inocente demais, ela não se via, não sabia do seu poder de sedução, não me enganei. Ela não fazia esforço algum para ser sensual. Eu só fico pensando como seria se realmente ela quisesse jogar seu charme, estremeci só de pensar no pobre homem que fosse

alvo do seu poder de sedução. Na verdade não seria necessário o esforço, eu já estava de quatro por ela, e sem esforço algum.

- Você está linda Fabiana, eles estão apenas apreciando.

Ela ficou pálida, isso não era um bom sinal. Aparentemente não estava acostumada com elogios. O garçom nos interrompeu trazendo os menus, ela não olhou o dela. Parecia tão perdida, cabeça baixa e ombros caídos, isso me dava um ódio mortal. Como queria pegar o monstro que fez isso a ela, tão linda e tão machucada.

- Fabiana, pegue seu menu e escolha sua refeição. Já falamos sobre isso, achei que tínhamos entrado em um acordo.

- Certo, me desculpe.

A sua timidez, o seu medo de errar, me deixava chateado. Eu queria saber tudo sobre ela, desvendar cada um dos seus segredos, descobrir cada um dos seus desejos, ela jamais deveria ter sido tratada como foi. Se ela aceitasse ser minha seria tratada como uma rainha. Nunca pensei em uma mulher como objeto. Passei a minha vida vendo minha mãe sendo escrava dos caprichos do meu pai, jamais trataria uma mulher como minha mãe e ela foram tratadas. Já tive mulheres em meus tempos de faculdade, mas nunca encontrei a 'especial' aquela que eu quisesse realmente ficar com ela, ter um "mais", então desisti, me sentia vazio depois de cada transa. No inicio era compulsório, agora me enojava ver a maneira como os homens tratavam as mulheres. Estou com idade de me aquietar, ter uma companheira, alguém pra dividir minha vida. Cuidar, proteger, dar amor, carinho e paparicar...

- Ibn você está bem?

- Sim ualida. – sorri para a mulher que eu mais amo, a que me ensinou a ser um homem honrado, por ela, eu seria o melhor marido do mundo para minha esposa, eu só esperava que a mulher escolhida fosse digna de tudo isso.

O restante da noite foi agradável, conversamos, bebemos um vinho, percebi que a Fabiana não bebia muito, achei que não tinha gostado do vinho.

- O vinho não está de seu agrado?

- Está ótimo, eu não sou de beber muito. – acertei novamente. Desvenda-la estava sendo um jogo pra mim, estava ficando bom em estudar sua nuances. Terminamos o jantar, mas queria esticar a noite. Ela passou tanto tempo em coma, e depois trancada no apartamento. Queria leva-la pra dançar, mas estava sem coragem de convida-la, não tinha medo do seu não, mas da sua reação, não estávamos indo muito bem, e depois da porta trancada minhas investidas diminuíram.

- O que acham de sairmos para dançar? – vi o brilho em seus olhos, ela gostava só esperava que isso fosse algo positivo.

- Estou cansada ibn, vou me recolher, mas você e Fabiana podem ir, tenham uma boa noite. – eu amo essa mulher, vi minha ualida entrar no elevador e me virei para a mulher que tinha me tirado o sono e todo o meu senso.

- Então, quer ir dançar? Achei que seria uma boa depois de tanto tempo trancada. Vai te fazer bem se divertir um pouco.

- Eu gosto de dançar, mas ...

- Se quiser ficar, tudo bem. – Era isso que eu não queria. Não conseguiria segurar minha frustração por mais tempo.

- Eu estou com medo, não me sinto confortável vendo tantos homens me olhando.

- Vai ter que confiar em mim para proteger você. – Agora eu a entendia, estávamos avançando nesse ponto, ela esta receptiva e mais aberta para me dizer ás coisas.

- Eu não sei...

- Olha por que não tentamos? Se seu desconforto for muito podemos voltar, sem problemas.

- Tudo bem... Vamos. - Seu sorriso encheu-me o coração. Olhei a de cima a baixo, e quase pedi pra ela tirar aquele maldito vestido. Isso chamaria a atenção de todos os homens, mas fiquei com medo dela desistir, então fomos assim como ela estava.

CAPÍTULO 10

Fabiana

Eu estava empolgada. Fiquei muito tempo em um hospital, e em cima de uma cama, queria ver tudo, dançar me divertir, eu tinha certeza que estaria protegida pelo Zen, eu confiava nele. Fomos de táxi para uma boate muito bacana. O ambiente era moderno, a música pulsava, o DJ levantava a galera, meu corpo entrou no balanço da música, olhei para o Zen que sorria e dançava junto comigo. Ficamos assim por quase uma hora, paramos quando ele me perguntou se eu queria algo pra beber, acenei e nos dirigimos até o bar, o ambiente estava lotado, pessoas bem descontraídas, mulheres linda e bem vestidas.

- O que quer tomar?

- Água. – Ele se virou e pediu sua bebida, um uísque e minha água.

- Você dança muito bem, dançava muito?

- Ás vezes. Eu não tinha muitos amigos para sair, ficava com vergonha de ir sozinha.

- Entendo, mas agora você tem um amigo, e sempre que quiser podemos sair, mesmo que não seja para dançar.

- Jura? – Eu não entendia essa mudança do Zen, uma hora ele me ignorava completamente, e depois me levava para sair.

- Claro, onde gostaria de ir?

- Não conheço nada aqui, além do Ibirapuera onde você me levou. Mas li muito sobre o museu do Ipiranga. Adoraria conhecer.

- Só o museu?

- Santos... Não conheço o mar, meu pai sempre nos levava para viajar, mas nunca fomos ao litoral, então sim, adoraria ir à praia.

- Estou de folga esse fim de semana, gostaria de ir?

- Esta falando sério? – Ir para Santos com o Zen, sozinhos? Eu queria, só não sabia se estava preparada para estar com ele de outras formas, quer dizer se caso ele quisesse. Na verdade Zen era uma incógnita para mim.

- Não se sinta envergonhada, eu a levarei para conhecer o mar. Agora chega de conversa e vamos dançar.

Dançamos até de madrugada, agora sim eu sentia meu corpo todo dolorido, meus pés estavam cheios de calos e bolhas, ele cumpriu com o prometido, me protegeu a noite inteira e não saiu do meu lado. Ele era sexy, as mulheres babavam em cima dele, não gostei de ver aquilo, na verdade irritou-me muito. Toda aquela atenção que ele recebeu me deixou de mau humor. Disse a ele que queria ir embora e ele aceitou. Fomos para fora esperar um táxi. As mulheres na rua não paravam de olhar para ele e dar sorrisinhos. Um ciúme violento tomou conta de mim. Eu não sabia por que estava sentindo isso, ele não era meu, eu não tinha esse direito. Não como namorada, mas será que um amigo poderia sentir ciúmes do

amigo? Argh! Que confusão eu sentia. O táxi chegou e entramos, Zen deu ao motorista o endereço.

- Estou sentindo seu mau humor, aconteceu alguma coisa?

- Não, estou com dor nos pés, estão cheios de bolhas.

- Você não precisa falar, mas não quero que minta pra mim.

Fiquei envergonhada, começava a acreditar que era muito transparente. Isso me perturbava era como se meus pensamentos não fossem meus.

- Não quero responder.

- Muito melhor assim.

Tive que sorrir, ele tinha razão, não havia necessidade de mentiras, mesmo por que era péssima naquilo, sempre descobriam. Entramos no apartamento, e estava tudo escuro. Alima deve ter esquecidode deixar as luzes acesas. Dei dois passos e tropecei. Antes que desse com a cara no chão Zen segurou-me pela cintura, trazendo meu corpo para perto do seu. Nossos corpos se encostaram fazendo-me sentir a eletricidade que sempre aparecia quando estávamos juntos. Meu coração acelerou e minha respiração ficou rasa.

- Cuidado... Vai se machucar.

Sua voz no meu ouvido, a respiração quente no meu pescoço intensificou ainda mais meu desejo, tinha certeza que ele podia ouvir meus batimentos cardíacos acelerados.

- Vou soltar você para acender a luz.

Acenei com a cabeça, não conseguia falar. Desejei que me abraçasse novamente, que ficasse comigo.

- Você está bem?

A rouquidão de sua voz me deixou mais excitada. Deseja ter seu corpo sobre o meu, mas estava com medo, nunca tinha estado com outro homem além do Erick. Não sabia o que esperar ou como agir, mas também estava em pânico, tinha tanta coisa na minha cabeça. E se eu surtasse? Se não conseguisse me entregar...

- Xiii... Vem aqui.

Ele me abraçou novamente, seu corpo quente junto ao meu deu o conforto que eu tanto precisava.

- Pare de pensar em tanta coisa ruim, se acalme. Eu sei que não é fácil, mas precisa tentar.

- Estou insegura Zen. Não sei como agir, como me comportar, me sinto neurótica. Passo o tempo todo olhando para os lados é horrível viver com essa sensação. Constantemente me pego pensando em porquês, nos motivos, queria ter respostas, no entanto nada vem a minha mente, pelo menos nada que seja racional. – Suas mãos vieram para o meu rosto me segurando com muito carinho e cuidado.

- Me deixe ajudar, quero fazer isso por você.

Sua boca veio em direção a minha. Dei um passo para trás saindo do seu toque, isso era perigoso demais, ele iria embora e depois o que? Como eu ficaria? Não... De jeito nenhum!

- E... Hum... Acho melhor eu ir dormir, boa noite Zen. – Recolhi o resto de dignidade e compostura que me restavam, saí da sala e fui para o meu quarto sem olhar para trás. Eu o desejava, mas eu queria ter certeza do que ele queria. Eu era uma bagunça emocional, e tinha uma bagagem traumática. Ninguém iria me querer assim, nem mesmo ele.

Na manhã seguinte levantei cedo e preparei o café. Zen não apareceu, Alima me disse que ele foi chamado para um plantão, eu fiquei chateada, achei que iríamos para Santos, mas eu entendia, esse era o seu trabalho.

Meus dias foram se tornando rotineiros, isso me deixava tranquila, eu precisava dessa organização, era exigente com meus horários, funcionava pra mim. Regras eram importantes me davam foco. Acordava mais cedo que Alima, fazia o café e colocava a mesa. Durante a última semana observei a cada detalhe de suas rotinas, e das coisas que o Zen gostava. Depois do episódio do quase beijo eu e o Zen, não nos falamos mais. Sua distância me deixou um pouco desconfortável. Alima me cercava com perguntas, quase que diariamente. Era uma mulher muito perspicaz.

- Aconteceu alguma coisa com você e o Zen?

- Não, Alima por quê?

Ela deu de ombros, mas olhando nos meus olhos, provavelmente procurando respostas, mas eu não as tinha e também não estava mentindo.

- Vocês quase não se falam, trocam gentilezas e nada mais. No dia que foram dançar, ele fez algo que a perturbou?

- Não... De forma alguma Alima, seu filho é um cavalheiro e respeitoso. Juro, não aconteceu absolutamente nada.

- Você gosta dele? – onde essa conversa daria não fazia ideia. Se mentisse ela saberia, se eu dissesse a verdade ela poderia confundir as coisas, tinha que explicar a ela da melhor maneira possível.

- Eu gosto do Zen, mas como amigo, é um homem honrado e notável. Alima, eu não sei o que ele te disse sobre mim, mas estou confusa, cheia de problemas, eu preciso resolver muitas coisas na minha cabeça.

Seu olhar era avaliador. Deixando-me desconfortável, ela podia ver a minha alma.

- Eu não sei quem você tenta enganar Fabiana, se a mim, o que me deixa insultada. Ou a você mesma, o que me deixa irritada. Você tem razão, eu não sei o que aconteceu com você, só soube do seu coma, da sua gravidez, da falta de um uma família. Mas eu sei de uma coisa, você gosta do meu Ibn, só não quer ver ou aceitar isso.

- Eu não posso, não tenho nada para oferecer a ele, sou uma mulher quebrada, vazia, cheia de traumas. Só daria a ele uma dor de cabeça e uma relação cheia de incertezas.

- Essa escolha cabe a mim e não a você.

Não olhei para ele. Meu sangue gelou, e meu coração disparou. Ele tinha ouvido tudo! Queria enfiar minha cabeça em um buraco e me enterrar nele.

- Vou deixar vocês dois conversarem. – Alima me deu um olhar cheio de amor e saiu da cozinha, eu realmente gostava dela, era uma mulher boa.

- Vamos conversar. Dê uma chance...

- Não Zen, sabemos onde isso vai acabar. Eu não estou pronta para uma relação, sou uma mulher atormentada, e estou vazia.

- Olha pra mim.

Eu não conseguia, ia acabar perdendo o controle de minhas emoções. Não queria que ele insistisse, acabaria cedendo e isso destruiria a nós dois.

- Sei o quanto está ferida Fabiana, ouço seus gritos todas as noites. Sou atormentado pelos seus pesadelos, estou sofrendo junto com você.

Sua confissão me assustou, não havia notado que meus pesadelos voltaram. Virei para olhar em seus olhos dourados. Eram intensos, atormentados, mas também cheios de compaixão.

- Zen...

- Não... Escute o que tenho para dizer. Não quero que me aceite e caia na minha cama. Também não quero forçar você a fazer algo que não queria. Mas peço uma chance. Vamos deixas ás coisas acontecerem naturalmente. Podemos sair pra jantar, dançar, conhecer a cidade. Há tanta coisa pra fazer, tanto lugar lindo para ir,

Fugir não vai resolver a sua situação, ficar ansiosa e trancada também não vai ajudar, volte a viver Fabiana, me deixa fazer parte da sua vida.

- E depois Zen? Você não mora aqui, não vai ficar. Quando tudo isso acabar como as coisas vão se resolver? Serei eu sozinha e quebrada mais uma vez. – Um olhar feroz cruzou o seu rosto, devo tê-lo surpreendido com essas questões. A reação só deixava claro que ele não havia pensado nisso.

- Pessoas terminam e recomeçam todos os dias Fabiana. Eu disse para deixarmos as coisas acontecerem, até lá veremos uma maneira de como fazer isso dar certo. Esta com medo, por que fica remoendo o passando e tentando ver o futuro, mas o presente é agora, esse momento aqui, somos eu e você.

- O que você quer de mim Zen? Você não vê? Eu não tenho nada para te oferecer.

- Bobagem, você é tudo o que eu quero. – tive que rir, eu já ouvi isso antes, a história é sempre a mesma só muda os personagens. – Por que está rindo?

- Por que são todos iguais, só mudam os nomes. Você quer ficar com a pobre moça problemática ate arruma alguém a sua altura. Com dinheiro, sofisticada e bonita, e quando se der conta eu já fui jogada para escanteio.

- Não me compare com o crápula do seu ex-namorado, você não me conhece para fazer comparações, não sei com que tipo de

homem você se envolveu, mas nunca mais me compare com aquele lixo humano.

Sua explosão me deixou perplexa, seu olhar era gelado, eu não disse nada fiquei congelada no meu lugar.

- Você tem razão. Não há nada que você possa me oferecer, por que ao contrário do que você pensa a mulher para mim não tem que ter dinheiro, beleza ou sofisticação, de nada me adiantaria tanta qualidade se ela tiver uma mente vazia. Mas você Fabiana, acabou de me decepcionar, eu achava que você era mais forte, tinha caráter, força de vontade e mais atitude. Só que você só se comporta assim quando é para afastar as pessoas de você, do contrário você se rebaixa, se diminui ao ponto de achar que é menos bonita ou menos atraente. Isso insulta a minha inteligência. Ver uma mulher que fazia faculdade e fala inglês fluentemente que batalhou sozinha para ter uma vida melhor se acha menos digna que uma mulher de posses. Simplesmente inaceitável.

Virou as costas e foi embora. Repassei cada palavra que ele me disse. Será que ele não via que essa era a única vida que eu conhecia? Sempre foi assim pra mim. As pessoas passavam pela minha vida. Ninguém ficou para demonstrar qualquer tipo de interesse ou afeto, como ele tinha a coragem de cobrar algo que eu desconhecia? Respirei fundo para me acalmar. Suas palavras me magoaram. Zen sabia muito bem como ferir uma pessoa. Eu o odiava por ter acertado, por me conhecer tão bem.

Saí da cozinha, atravessei a sala e fui embora! Para o inferno ele e suas razões. Estou cansada das pessoas me dizerem o que é melhor pra mim e o que eu tenho que fazer, Erick fez isso o tempo todo e olha onde estou? Em um lugar que nunca visitei, com pessoas que eu não conhecia, sem dinheiro pra voltar, sem perspectiva de vida, minha cabeça ia explodir. O saguão do hotel estava lotado, melhor, assim ninguém me notaria, atravessei as portas e sai para rua. Quase desisti quando vi a chuva torrencial que caia. Mas não voltaria atrás, eu estava atraída por ele, mas o meu medo não me deixava viver essa paixão. Partiu-me o coração suas verdades. Ele me conhecia, sabia de tudo o que aconteceu comigo, era meu amigo, tinha tudo para dar certo. Mas não daria, ele iria embora e eu ficaria. Segui as ruas mais uma vez sem rumo.

Zen Kahil

Como ela ousa fazer comparações? Como ela pode comparar o homem que lutou para trazê-la de volta, que salvou sua vida, não só uma, mas duas vezes, com o imbecil do seu ex? Isso não entrava na minha mente, era inaceitável. Eu conheci uma Fabiana diferente hoje, uma mulher amarga, não era só medo, era resentimentos, revolta, ódio, sentimentos ruins para uma pessoa tão jovem. A sua baixa alto-estima me deixou perplexo, era um lado que eu não conhecia e odiei conhecer. Ela era linda! Olhos castanhos geralmente são vazios, rasos, mas não os dela, eles tinha uma profundidade assombrosa, por eles á víamos completamente. Claros como água cristalina.

- Zen – olhei para minha ualida que estava correndo em minha direção. Estava assustada, quase sem fôlego.

- O que foi? Esta passando mal?

- Não... Fabiana... Ela foi embora. - Meu cérebro processou sua informação por dez segundos, não esperei mais, e corri para porta. De maneira nenhuma ela iria embora sem falar comigo.

O saguão do hotel estava lotado, passei pelos hóspedes mais desesperado do que nunca, precisava encontra-la, ela não podia fazer isso, ir embora sem me dizer nada. A chuva caia sem dar trégua, me virei para o porteiro do hotel e perguntei se ele a tinha visto.

- Sim, Doutor ela saiu de baixo dessa chuva toda e foi por aquele lado ali.

- Obrigado.

Comecei a correr olhando para todos os lados, precisava acha-la, me sentia um merda por ter dito tudo aquilo para ela, não foi correto, mas era necessário, ela precisava ouvir algumas verdades. Atravessei a rua observando as lojas e os bares, talvez ela tivesse esperando a chuva passar em algum lugar. Rodei várias quadras e nem sinal, eu a perdi, uma dor atingiu-me em cheio. Parei para recuperar meu fôlego, observei todas as pessoas que estavam por ali... Carros, bicicletas, motos ônibus e nada dela, nem sinal.

Ela era o meu "mais", tinha certeza disso, e agora se foi... Fiz o caminho de volta para o hotel, completamente atordoado. Fui um completo idiota, jurei que iria lento, que teria paciência. Ela era arisca, não podia ter batido de frente com ela, mas suas comparações me levaram ao limite. O que acabou tornando-se hipócrita da minha parte. Foi exatamente o que fiz com ela logo depois, eu a insultei e virei as costas, como todos tinham feito.

Com a cabeça baixa segui para o hotel, na verdade pensava parar em um bar. Nunca fui de beber, mas encheria a cara hoje, eu perdi a mulher que eu amava sem que eu tivesse a chance de tê-la pra mim. Segui meu caminho para o bar mais próximo que vi. Entrei e me sentei na primeira mesa, ficava perto da porta e de frente a janela de vidro, talvez eu tivesse a sorte de vê-la. A garçonete veio me atender e pedi uma dose dupla de uísque sem

gelo. Quando voltou com o meu pedido eu virei o copo em um só gole. O malte desceu pela minha garganta queimando, ela ficou me olhando como se eu tivesse perdido a cabeça, mal ela sabia o quanto isso era certo.

Minha mulher foi embora levando com ela meu maldito coração e me fazendo perder a cabeça. Respirei fundo para acalmar a dor que se alojava em mim. Olhei a chuva que caia pessoas passando continuando com suas vidas... Meu coração parou, e voltou a bater freneticamente. Era ela! Eu poderia dizer a quilômetros de distancia a quem pertencia aqueles longos cabelos. Deixei uma nota na mesa e corri para fora, atravessei a rua e a segurei pelo braço.

- Não diga nada... Apenas volte. Estou implorando para você voltar. –Ela havia chorado, estava com os olhos vermelhos, fiz minha rainha chorar. – Por favor, princesa, volte...

- Zen, eu vou fazer você infeliz.

- Seremos duas pessoas completamente felizes, por que eu vou te fazer feliz. – passeis meus braços pelo seu pequeno corpo abraçando-a dando a ela toda a proteção e segurança que ela precisava nesse singelo gesto.

- Por que Zen? Você esta fazendo isso por pena? Diga-me a verdade.

- Por que cuidei de você... Mesmo estando em coma eu sentia uma necessidade em te trazer de volta. Por que sou apaixonado por você. Eu não preciso te dar um motivo, por que eu tenho mil deles.

Segurei seu queixo para que pudesse olhar naqueles belos olhos castanhos e me aproximei lentamente. Não ia me afastar desta vez, estava louco para beija-la. Encostei minha boca na sua. Beijei seu lábio superior, depois o inferior, saboreando a sensação de finalmente estar com ela. Ela devolveu o beijo de uma forma tímida, mas ainda sim foi a melhor sensação do mundo. Lábios macios se arrastavam pelos meus deixando um rastro de fogo. Passei minha mão pela sua cintura e a trouxe para mais perto de mim. Suas mãos agarraram meus braços cravando suas unhas na carne, aproveitei o momento e intensifiquei o beijo. Minha língua entrou em sua boca, pedindo passagem, quando encontrei sua língua ela gemeu e eu me perdi no momento. Seu beijo era doce, suave, segui o seu ritmo, me segurando para não devora-la. Tanto tempo desejando esse beijo, o seu toque, seu corpo junto ao meu. Estava louco para continuar o beijo, mas precisava ir com calma. Tirei minha boca da dela, encostando minha testa na sua. Linda! Não havia outra palavra para definir Fabiana.

- Estamos encharcados. Vamos voltar?

- Você não vai desistir, não é?

- Não desisti quando esteve em coma, não desisti quando você recebeu alta, não farei isso agora. Temos muito que conversar.

- Não quero falar sobre o abuso, me faz mal.

- Você não tem muita escolha, seus pesadelos são diários, se não me deixar ajuda-la, vai ter que falar com um profissional.

- Podemos ir com calma? Eu não quero apressar as coisas.

- Sim, vamos ao seu tempo. Eu não vou força-la a nada, prometo isso á você. Mas eu quero que me prometa uma coisa.

- O que quer?

- Prometa não deixar o hotel sem falar comigo?

- Tudo bem Zen. Eu prometo.

Eu queria beija-la novamente, mas eu prometi ir com calma, e eu cumpriria essa promessa. Peguei sua mão e voltamos para o hotel.

Fabiana

Lutei muito para me manter afastada, aparentemente meu esforço foi para o ralo. Eu tinha tantas dúvidas. Estaria com ele, mas a que preço? O que me custaria estar ao seu lado? Eu tinha certeza que seria mais um coração partido. Deixei de acreditar no amor há muito tempo. Ele tinha razão, namoros começam e terminam todos os dias, no entanto quando a pessoa passa pelo que passei evita esse tipo de transtorno a todo custo. Eu estava apavorada e me irritava ver sua paciência e tranquilidade.

Quando chegamos ao apartamento, apertou-me o coração ver o desespero de Alima, não deveria ter saído dessa forma. Eles são tudo para mim, fui ingrata e imprudente, estava arrependida.

- Graças à Allah você a encontrou! Minha querida, não faça mais isso, eu já sou uma velha, meu pobre coração não aguentaria outra dessa.

- Perdoe-me Alima, não é justificativa para o meu pobre comportamento, mas eu estou uma bagunça, nunca estive tão perdida em minha vida. – Seus braços me envolveram em um abraço carinhoso. Eu nunca tive um abraço maternal, eu nunca tive uma mãe que se preocupasse com o que eu sinto ao invés do que eu faço. Não me contive e chorei em seus braços.

Não estava com vergonha, por incrível que pareça eu chorei sem nenhuma vergonha do misto de emoções que transbordavam de

mim. Minha vida era um desespero sem fim, sem estrutura familiar, sem uma relação coerente, sem saber o que de fato aconteceu com o meu bebê.

Perdas... A minha vida se resumia a isso. Eu perdi tudo o que eu tinha batalhado muito para conseguir. Meu trabalho, minha faculdade, minha independência, minha família e a única pessoa que eu amei incondicionalmente: meu bebê.

- Princesa, vamos. Você precisa tomar um banho quente e tirar essa roupa molhada.

- Zen está certo. Vá com ele e eu vou fazer um chá quente para os dois.

- Agradeço pelo carinho Alima. O seu abraço foi o mais próximo que eu tive de algo maternal.

- Essa é sua casa, o seu lar. Conte comigo sempre que precisar.

Fui para o meu quarto tomar um banho. Tomei meu tempo pensando em como seria a minha vida se eu me rendesse ao Zen. Poderia realmente ser feliz? Nossa relação poderia de fato dar certo? Ele estava muito seguro, queria poder ter toda essa segurança. Mas por outro lado o que eu tinha a perder? Pior do que estava eu não poderia ficar. Ele é lindo, e quente. Absolutamente controlado, alias controlado de mais. Daria certo? Eu estava acostumada com o tipo de sexo que tinha com o Erick, gostava de me submeter. Como seria está em sua cama? Deus que confusão! Mas uma coisa era certa: eu não faria comparações. Era estranho pensar no Erick, não conseguia sentir nada. Nem amor, raiva ou ressentimento. Eu deveria estar

odiando-o. Ele destruiu a minha vida, meu amor próprio, meus sonhos, tudo por causa de dinheiro, status e poder. Mas eu não sentia nada, era como se ele nunca tivesse existido. Que triste deve ser uma vida como a dele, não saber o valor do que realmente é importante, como caráter, integridade, lealdade, honestidade, compaixão e respeito. Definitivamente esses são conceitos do qual ele nunca ouviu falar. Terminei meu banho e sai do banheiro.

- Você...

- Meu Deus! Que susto Zen! – coloquei a mão no meu coração. Ele parecia envergonhado, olhou para todos os lados, menos para mim.

- Fabiana, por favor. Cubra-se.

Olhei para meu corpo e vi que a toalha tinha caído, merda! Peguei a toalha e voltei para o banheiro.

Deus que vergonha!

Eu não ia sair desse banheiro, não havia maneira de olhar para ele agora. Ele já tinha me visto nua, mas quando eu estava muito mal.

- Princesa? Desculpe-me, não queria assusta-la. Eu não sei se você percebeu, mas está a mais de uma hora no banho, fiquei preocupado. Só queria saber se você está bem.

Merda! Não sabia que tinha passado tanto tempo. Eu me perdi nos meus pensamentos e não notei o tempo passar.

- Não fique com envergonha. Juro que não vi muito.

- Não esta ajudando Zen. – bom, eu não poderia ficar trancada aqui dentro o resto da vida. Coloquei um roupão e sai do banheiro.

- Você está bem? Desculpe-me, não queria entrar sem você permitir, mas eu bati e você não respondeu.

- Tudo bem. Eu me perdi no tempo. Vou terminar de me arrumar e já encontro você para tomarmos o chá. – Seus olhos estavam cravados nos meus. Ele me desejava, mas era controlado de mais para se deixar levar. Eu tinha certeza que ele estava fazendo muito esforço para manter o controle.

- Devo confessar que o pouco que vi foi suficiente para fantasiar. Mas eu vou devagar, ao seu tempo, prometi isso a você e vou cumprir minha promessa.

Ele virou as costas e saiu. Queria ter coragem o suficiente e pedir para ele voltar, mas eu não tinha.

Como sou covarde!

Estou deixando o meu medo vencer e isso vai nos destruir. Fui até o guarda roupas peguei um agasalho, me vesti. Olhei para o quarto que era a minha casa nos últimos meses, eu tinha de tudo aqui, mais do que algum dia já tive. Sentei na cama e tentei olhar para um futuro totalmente diferente do que planejei.

Zen Kahil

Não tenho tanto controle assim. Essa mulher estava apertando todos os botões certos. O seu corpo é escultural, ela recuperou os quilos que perdeu quando esteve em coma, deixando-a com curvas em lugares certos. Fui para o meu quarto, precisava de outro banho, tinha que me acalmar, como queria estar com ela e desfrutar do prazer. Entrei em baixo do chuveiro, para apagar a luxúria e a necessidade que meu corpo tinha do dela. Levei minha mão para o meu membro e comecei a acaricia-lo. Fechei meus olhos imaginando o corpo da Fabiana sob o meu, seu corpo quente e excitado. Imaginei acariciando cada pedaço de pele, passando as mãos pelas curvas de seu corpo, beijando seus mamilos, ouvindo seus gemidos... Comecei a acelerar os movimentos da minha mão, imaginando aquela linda boca em volta do meu pênis... A sensação me levou ao êxtase, jatos de sêmen saia do meu membro, enquanto eu a imaginava tomando todo o meu prazer. Respirei fundo tentando por meus pensamentos no lugar.

Allah! Dê-me forças para controlar os meus desejos. Essa mulher esta me levando a loucura, não sei quanto tempo mais vou me segurar. Seu beijo não me sai da cabeça. Os lábios macios e tímidos sobre os meus...

Argh!!! Preciso parar de pensar, ou não vou sair tão cedo desse banheiro. Desliguei o chuveiro, me enxuguei, vesti uma roupa e fui

para sala, minha necessidade de vê-la estava me deixando louco. Sai do quarto me sentindo um pouco mais controlado. Mas eu estava irritado comigo mesmo agindo como se fosse um adolescente. Um homem de 38 anos correndo para o banheiro para aliviar o desejo que sente pela mulher que está apaixonado.

- Ualida, o chá já esta pronto?

- Claro, onde está Fabiana?

- Achei que já estivesse aqui.

- Por que não vai busca-la?

- Já fui. Ela já deve estar vindo. Vamos esperar. – mulher astuta minha ualida.

- Você é o médico, deve saber o que esta fazendo.

- O que está querendo dizer?

- Que você esta deixando o medo dela e o seu controlar a situação. Tome as redias, se não der o primeiro passo, não vão sair do lugar.

- Não quero machuca-la.

- Você não vai. Eu tenho certeza disso.

- Tudo bem. Vou convida-la para jantar fora. Quer ir conosco?

- Não. Não quero atrapalhar vocês dois.

- Você não vai atrapalhar.

- Obrigada meu Ibn, mas eu sei o meu lugar. Vocês dois precisam de um tempo juntos. Por que não a leva para o litoral? Foi você mesmo que me disse que ela nunca viu o mar.

- Você vai ficar aqui sozinha? De maneira nenhuma!

- Meu Ibn, me ouça. Se ela é a mulher que você ama, faça isso por vocês dois. Eu vou ficar bem, o hotel fornece tudo. Vai meu filho, aproveita o momento.

- Obrigado Ualida. – dei um beijo em sua testa e sai da sala. Cheguei na porta do quarto dela e bati.

- Fabiana? – merda! Essa situação era frustrante.

- Oi.

Seus olhos estavam baixos, ombros caídos. Parecia tão infeliz.

- Pequena? O que aconteceu?

- Acho que precisamos conversar, mas eu não sei por onde começar.

- Posso ajudar? Deixe-me começar? – levantou sua cabeça me olhando nos olhos, e com um grande sorriso nos lábios. Allah! Que mulher linda. O habito que tem de morder os lábios quando fica nervosa me deixa louco.

- Como?

- Faça uma bolsa pequena, com itens de higiene pessoal, algumas roupas e uma roupa de banho. Vou levar você para o litoral. Podemos passar o fim de semana em Santos, como você queria. Então... O que você acha?

- Jura? De verdade mesmo?

- Eu juro. – Por essa eu não esperava, ela se jogou nos meus braços, me abraçando com muita força e muito carinho. Coloquei minhas mãos em sua cintura e devolvi o abraço. Não queria que esse momento acabasse, por mim passaria o resto da minha vida nesse

abraço. Quando sua cabeça levantou do meu ombro, ela me olhos nos olhos. A cor chocolate de seus olhos era incrível. Desceu seu olhar para minha boca e passou a línguas nos seus lábios. Não resisti! Beijei-a com todo o meu desespero e desejo. Seus lábios eram ricos e macios, seu sabor de pêssego me deixava embriagado. Com relutância, deixei sua boca e a coloquei no chão. Ela estava abalada e seu olhar fora de foco. Hum... Gostei disso... – Vá arrumar suas coisas, mas não demore.

- Eu não vou, 15 minutos no máximo.

- Espero você na sala. – saí do quarto mais esperançoso. Minha ualida como sempre, tinha razão.

CAPÍTULO 11

Fabiana

Eu estava amando a ideia de ir para o litoral. Não gostei da ideia da Alima, ficar sozinha no apartamento, mas Zen me garantiu que ela ficaria bem. Fomos para o litoral de carro, ele já conhecia Santos. A viagem foi muito tranquila, era incrível como me sentia bem ao seu lado, ele me passava muita tranquilidade. Conversamos sobre muitas coisas no caminho, assuntos triviais, ele queria saber as coisas que eu gostava. Deixou-me envergonhada quando perguntou a cor de lingerie que eu gostava.

- Vamos, Fabiana me diz.

- Eu não sei Zen. Na verdade nunca tive tempo para pensar nisso, eu comprava coisas para o dia a dia, então a cor não importava muito.

- Sua cor favorita?

- Azul. – ele tirou os olhos da estrada e me olhou por segundos, com um sorriso maroto.

- Minha cor favorita também se tornou o azul.

- Se tornou? Qual era sua cor favorita?

- Era preto. Mas desde que vi você naquele vestido azul, essa cor se tornou a minha favorita.

- Oh! – Não disse nada. Não tinha palavras. Pelo incrível que pareça não tinha percebido que ele havia gostado do meu vestido.

- Não fique envergonhada. Você é uma mulher incrível Fabiana, linda de tirar o fôlego.

Receber elogios não era algo que eu estava acostumada. O Erick só falava isso quando estava nua, mas não quero pensar nele. Estava disposta a dar uma chance para mim e o Zen, esse fim de semana seria o começo de tudo.

Chegamos à Santos já era madrugada. Paramos em um hotel beira mar. Não deu para ver muito á essa hora, mas eu estava feliz por estar aqui. O cheiro da maresia atingiu-me em cheio quando desci do carro.

- Meu Deus! Não consigo acreditar que estamos no litoral. Esse cheiro é maravilhoso.

- Estou feliz em fazer você feliz. Vamos fazer o check-in no hotel, depois podemos dar uma volta na praia se você quiser.

- Não! Quero ver tudo durante o dia. Por favor?

- Você manda princesa.

Entramos no hotel de mãos dadas. Fomos atendidos pelo recepcionista.

- Boa noite Senhor, Senhora.

- Boa noite. Eu quero duas suítes. Por favor.

Hã? Como assim? Não vou negar que estava chateada, esperava um avanço da parte dele, ao que parece ficaríamos no 0x0 nessa viagem.

- Um minuto, por favor. – Ele me puxou pelo braço, e nos afastamos do balcão da recepção. Ah merda! Eu não queria dizer isso em voz alta.

- O que foi Fabiana?

- Não foi nada Zen.

- Pequena para isso dar certo, precisamos do diálogo. Concordei em respeitar e ir devagar. Eu preciso de um sinal seu, eu estou perdendo a cabeça aqui.

- Eu disse para irmos devagar, mas não disse que tinha que ser a passos de tartaruga. – ele não aguentou e soltou uma gargalhada. Deus que vergonha! Estavam todos nos olhando.

- Ok, tudo bem. Vamos minha tartaruguinha.

Dava pra ser mais constrangedor? Eu não tinha onde enfiar a minha cara. Eu não me dou bem com pressão, acabo falando o que vem na minha cabeça.

- Uma suíte presidencial, por favor.

Oh! Minha nossa! Eu nunca estive em uma suíte, quem dirá uma presidencial. Pelo amor do papai do céu, não me deixe cometer nenhuma gafe com esse homem! Fomos levados para nossa suíte. Assim que chegamos, eu perdi o total controle. O lugar era incrível, deixei o Zen na porta e rodei por todo o lugar, tinha sala, escritório, uma pequena cozinha. A suíte era de dar inveja! Eu nunca vi um lugar tão luxuoso, nem mesmo o apartamento em São Paulo. Fui para o quarto, precisava ver como era. Parei chocada na porta.

- Você gosta?

- Se eu gosto? O lugar é incrível! – sua voz no meu ouvido me deu arrepios, o lugar era lindo, mas nesse momento as sensações tomaram toda a minha atenção. Meu corpo começou a despertar, e meu coração acelerou. Sua boca estava no meu ombro, me dando vários beijos até o oco da minha clavícula. Não contive o gemido.

- Fabiana...

- Sim... – Eu queria, não sabia como as coisas aconteceriam, mas eu queria muito estar com ele.

Zen Kahil

Não ia perguntar se ela tinha certeza, na verdade ela estava muito mais confiante que eu. Percebi seu desanimo quando pedi duas suítes, mas eu sou um cavalheiro, não a forçaria ficar comigo se ela não quisesse. A sua revelação me deixou chocado! Quando a chamei para vir para cá, eu não tinha em mente ficarmos juntos, é claro que como homem eu a desejava, mas eu esperaria o tempo que fosse necessário, sou um cara paciente. Agora isso! Sua permissão me levou ao êxtase completo, eu faria amor com ela. Expressaria com o meu corpo o quanto a desejo e o quanto estou apaixonado por ela.

Peguei-a no colo e a levei para a cama. Deitei seu pequeno corpo no meio e cobri com o meu. Comecei a beija-la, descendo minha mão por todo seu corpo, eu cobriria cada parte da sua pele com beijos. Apertei sua coxa e me esfreguei nela. A fricção dos nossos corpos juntos deixou-me mais excitado. Estava louco para tê-la assim há muito tempo. Tirei minha boca da sua, contornando os seus lábios com a minha língua, lábios vermelhos e inchados com o meu beijo. Desci pelo seu pescoço, lambendo sua garganta, passei minha boca nos seus seios por cima da roupa, não tiraria sua roupa agora, eu não tinha pressa. Esperei por esse momento há muito tempo. Eu adoraria seu corpo primeiro, antes de me aprofundar em seu interior.

Fiquei de joelhos, e peguei uma perna dela tirei sua sandália, fiz uma pequena massagem no seu pé, ela soltou um suspiro, totalmente embriagada com a sensação. Peguei seu outro pé e fiz a mesma coisa. Fui para o cós de sua calça jeans e desci o zíper, muito lentamente, era quase doloroso, porém a espera era um prelúdio para o prazer, às vezes mais intenso que o próprio orgasmo. Tirei sua calça jeans e a olhei, a visão era de tirar o fôlego. Seus olhos estavam bem abertos, um rubor intenso espalhou-se em sua face. Peguei seu lindo pé, e coloquei o dedão na boca, e chupei passando a língua em volta, beijei a planta do seu pé, passando a mão na parte de trás de sua perna. Ela se contorcia gemendo. A parte de trás dos joelhos é uma zona erógena, e que poucos homens sabem, ou utilizam.

- Vire-se de costas minha pequena. - ela fez como pedi e a visão do seu lindo bumbum me encheu de tesão. Era perfeito! Tinha o formato de coração, uma pele suave e branquinha.

Voltei a beija-la. Dei uma atenção maior atrás de seus joelhos, passei a língua em círculos. Suas mãos estavam em punhos amassando os lençóis. Continuei explorando todo o seu corpo, até encostar meu corpo no seu, coloquei seu cabelo para o lado e dei vários beijos em sua nuca, ela era sensível ali, estava toda arrepiada. Esfreguei meu corpo contra o seu, queria que ela sentisse como eu estava excitado por ela. Eu tinha que manter em mente que se eu fosse rápido de mais, ela poderia surtar, e não era essa a minha intenção.

Retirei sua blusa e dei vários beijos em suas costas, virei-a para mim e desci minha boca na sua cobrindo-a com o meu corpo. Nossas línguas duelavam á medida que nos beijávamos, suas mãos ganharam vida própria e ela começou a me despir, tirou minha camisa e voltei para sua boca, subi minhas mãos para os seus seios até achar os picos duros de seus mamilos. Suas mãos cravaram em minhas costas, arranhando e me puxando mais para o seu corpo. Hum... Então minha pequena era uma gata. Desfiz o fecho do seu sutiã e me deliciei com a visão, ela tinha seios magníficos, eram grandes com mamilos bem rosados. Coloquei minha boca neles e comecei a brincar com a língua, circulando e sugando. Desci minhas mãos para o seu centro, tocando a sua bocetinha, por cima da calcinha bem sutilmente. Meu choque foi imediato, ela estava completamente seca. Merda! Isso foi broxante.

-Pequena. Você esta bem?

- Sim. Por favor, continue.

Não sabia o que pensar. Pela primeira vez eu não sabia como agir com uma mulher, estava receoso, se eu fosse mais áspero poderia desencadear uma série de problemas. Respirei fundo me deitei e a trouxe para perto de mim. Allah! Como me sentia impotente.

- Zen. Perdoa-me. Por favor? Eu juro que estou tentando, mas eu não consigo. Eu não consigo me concentrar, eu... estou... mas eu...

Seu choro foi desesperador. Circulei sua cintura, e a abracei forte. Eu sabia que ela não estava preparada, mas se eu negasse ela ficaria ainda mais insegura, tomei meu tempo, tentei deixa-la o mais relaxada possível. Mas não deu certo. Ela precisa de ajuda profissional, mas era teimosa demais, não queria nem ouvir falar sobre o assunto.

-Está tudo bem pequena. Você não tem que fazer isso para me agradar ou para provar que você pode. Você precisa me ouvir Fabiana, vamos procurar uma ajuda profissional, estou tentando ajuda-la no que posso, mas você não quer conversar, se trancou ai dentro de sua cabeça e não permite que ninguém entre.

- Eu estou tentando. Juro por Deus que não é por ele Zen, o Erick não está em minha cabeça, mas eu preciso falar, eu preciso conversar ou vou enlouquecer. Quero falar tudo Zen, mas eu não sei até onde você esta disposto a ouvir sem me julgar, ou sem desistir.

- Olhe para mim pequena. – seus olhos molhados de lágrimas me partiu o coração, essa mulher me enfeitiçou, eu moveria céus e terra para dar a paz de espírito que ela tanto precisava. – Eu jamais vou julgar você. Todos nós fazemos escolhas ruins, ou insistimos em erros. Você pode achar que é a primeira pequena, mas você não é, mesmo estando tão perdida, você encontrou em mim e em minha mãe um porto seguro. Vamos estar ao seu lado, mas você tem que permitir isso Fabiana, você tem que nos deixar chegar até você. Eu quero e eu vou te ajudar, mas eu não posso fazer isso sem você.

Fabiana

Não sei o que aconteceu. Eu queria isso, mas o meu corpo não respondia ao seu toque. Eu vi todo o cuidado e o carinho que ele teve. A sua atenção era extasiante, mas ainda sim, faltava algo. Eu sabia que ele notaria, não teria como evitar. Fui covarde por muito tempo, não queria mais isso para mim, falaria para ele tudo que eu estava sentindo, se ele quisesse me deixar depois, tudo bem, eu não poderia fazer nada em relação a isso. Mas eu posso mudar a situação agora, eu posso tentar vencer meus medos e me soltar.

Por mais doloroso que fosse eu me abriria para ele, iria expor minha alma, me deixando completamente nua. Cheguei á conclusão hoje, depois de tanto pensar, que eu sempre achei que o Erick seria a minha ruína, e ele foi, mas em partes. Com o Zen o estrago seria muito maior, por que ele está me devolvendo tudo o que eu perdi, sem me pedir nada em troca. O quanto de fato poderia ser ruim, eu recuperar tudo o que eu perdi, ganhar tudo o que eu sempre busquei, para depois perder tudo de uma só vez?

- Eu já te falei um pouco da minha família. Falei para você da minha mãe. Mas nunca te falei como as coisas realmente eram. Eu nunca tive o apoio de ninguém. Ela era uma mãe ruim, que sempre fez cobranças e exigências, mas nunca como uma mãe, sempre como um carrasco. Eu não tive uma estrutura familiar descente, fui criada pelos critérios da igreja, passei por humilhações que seria

tema de novela. Sempre tive uma testemunha para elas, minha amiga colegial Ana, presenciou muitas delas. Meu pai era bipolar, suas crises sempre me tiveram em foco, apanhava quase sempre. Minha família é completamente medíocre, não tenho contato com tios, primos ou o que seja. Todos se afastaram por que minha mãe era uma mulher fria e cruel. Passei a minha adolescência sem nunca ter levado uma amiga para minha casa, eu tinha vergonha da mãe que eu tinha. Então em meio há tanta dor o amor surgiu, me entreguei ao homem que só me usou. Eu sabia disso Zen, eu sempre soube, mas ignorei completamente meus instintos e como você mesmo disse: insisti no meu erro.

- Aprendemos muito com isso baixinha. Posso ouvir a dor em sua voz, mas não posso imaginar o que você passou. Mas muitas vezes, por pior que seja a lição, aprendemos com ela. O conhecimento é a única coisa que ninguém pode nos tirar. Tudo que aprendemos é válido, pode não ser útil no momento, mas será adiante. Insistir no erro não nos torna burros, para uma pessoa que está na luta, ela tenta ver algo que nem sempre os de fora conseguem. No fundo, no fundo, você pode ter achado que conseguiria muda-lo, que conseguiria fazê-lo te amar. Isso não a torna medíocre Fabiana, o amor é um sentimento muito lindo. Mesmo nos piores momentos, ele é a única salvação que temos, e eu não digo só do amor de homem\mulher, eu falo de todos. O maternal, o fraternal, qualquer forma de amar é sublime, tem os que sabem aproveitar, e tem aqueles que vão achar inútil.

- Você tem razão. Eu tentei trazê-lo para mim. Achei que com o tempo e a convivência as coisas poderiam mudar. Desde o começo ele foi honesto comigo Zen, e esse mérito eu não posso tirar dele, ele nunca quis um relacionamento, mas por outro lado ele me traiu de todas as formas possíveis. Não foi somente o meu coração que ele quebrou, ele conseguiu quebrar a fé que eu tinha nas pessoas. Nunca na minha vida eu imaginei que um ser humano pudesse ser tão cruel, e tão egoísta. As pessoas são capazes de trair, mentir e humilhar por muito pouco Zen. Isso é muito sórdido.

- Quero que me responda uma coisa. Não esqueça Fabiana, a verdade é importante e crucial na nossa relação, eu não minto e também não perdoo uma mentira.

- Sei disso Zen, eu realmente estou te dando um voto de confiança, por que isso é importante pra mim, para nós.

- Você o ama?

- Pensei sobre isso hoje. Ninguém ama sozinho Zen, eu lutei por ele, senti ódio, raiva, ciúme e dor. Hoje fico pensando que isso nunca foi amor, foi muito destrutivo. Então eu não sinto amor, eu sinto mágoa.

- O que aconteceu agora? Você estava concentrada no que eu fazia, ou no que você sentia quando ele fazia?

- Por que quer saber isso?

- Parece um pouco obvio não? Você não se excitou quando te toquei ou te beijei, mas você gostou, eu sinto a química que há entre

nós e eu sei que você também sente. Eu só estou tentando te entender Fabiana.

- Não vou negar que fiz umas comparações. Mas não foi agora. Zen, não foi uma comparação de melhor ou pior, não foi entre vocês dois. Foi entre o que eu era com ele, e o que eu seria com você. Eu nunca tive outro relacionamento sexual, então ele é a única experiência que eu tenho como referência.

- O que você sentiu quando eu te toquei?

- Eu não quero falar isso e sair de uma forma que vá machucar você, ou que vai me machucar ao ver sua reação.

- Achei que tinha deixado claro para você que eu não ia julga-la. Se você não quer falar tudo bem. Eu vou respeitar sua vontade, mesmo sabendo que isso vai ser uma barreira em nossa relação.

- Eu não sei explicar direito. É como se meu corpo precisasse de mais sabe?

- Mais? Como o que?

- Por favor? Você realmente vai me fazer dizer isso em voz alta?

- Acha que consegue dizer isso, quando estivermos em um momento mais íntimo?

- Acredito que sim.

- Certo. Vamos dormir. Amanhã teremos um dia cheio e muito para conversar.

- Zen?

- Oi.

- Eu realmente gosto de você.

- Eu estou muito honrado Fabiana, e farei de tudo para ser merecedor desse sentimento.

-Bia?

-Sim?

- Eu sou apaixonado por você.

- Vou fazer de tudo para retribuir Zen, eu juro. – Me aconcheguei em seus braços e coloquei a minha cabeça no seu peito. Eu me sentia mais leve por ter falado com ele. A sensação dos seus braços em minha volta era de segurança. Eu não menti quando disse que daria a nós dois uma chance. Dormi ouvindo o seus batimentos cardíacos.

CAPÍTULO 12

Acordei pela manhã sentindo um cheiro de café. Abri meus olhos e a claridade tomava conta do quarto. Nossa! Quanto tempo faz que não eu dormia uma noite inteira.

- Bom dia! Que bom que acordou dorminhoca. Achei que passaria o dia todo dormindo.

- Bom dia. Que horas são?

- Quase 11 da manhã.

- Uau! Há muito tempo não dormia tanto.

- Com fome?

- Faminta! Mas quero lavar meu rosto primeiro.

- Claro. Eu te espero.

Quando levantei, me dei conta que estava nua. Pensei em me tapar... mas quer saber? Não faria isso, ele já me viu nua antes, já me tocou, e eu não deixaria meu medo ou vergonha vencer. Eu deixei claro que daria a nós uma chance, era exatamente isso que eu faria. Fui ao banheiro fiz minha higiene e voltei para o quarto. Os olhos do Zen estavam cravados no meu corpo. Quase voltei atrás, mas me mantive firme. Fui até ele e beijei os seus lábios.

- Agora sim. Isso é um bom dia.

- Eu não sei... Acho que preciso de um bom dia mais caprichado. Combinaria muito bem com a bela visão que você está me proporcionando.

- Você acha? - comecei a beijar seu pescoço, passando a língua, exatamente como ele fez comigo ontem. – Me diz Zen, como seria um bom dia melhor? – continuei beijando-o, desci minha boca para seu peito e passei a língua no seu mamilo.

- Hum...Você é uma mulher perigosa Fabiana. Eu realmente gostaria de deitar você sobre essa cama e fazer todas as loucuras que tenho imaginado.

- Loucuras, Zen? Diga-me, que tipo de loucura gostaria de fazer comigo?

- Você quer sair, ou quer ficar aqui? Se você quiser sair eu não vou começar algo que não vou terminar.

- Quero ficar... – sua boca desceu sobre a minha antes que tivesse terminado minha frase. Pegou-me no colo me carregando para a cama.

- Me diz Bia. Como você quer?

- Quero duro, forte, que seja intenso.

Zen Kahil

Mulher perigosa! Acho que estou começando a descobrir que tipo de sexo que minha gata gosta. Eu não sou um cara pequeno, eu não quero machuca-la, mas vou dar o que ela esta pedindo... Beijei sua boca sem reservas, devorei seus lábios. Ela não sabia onde tinha se enfiado. Dar-me total acesso pode não ser uma boa cartada da parte dela, sou um homem exigente na cama, mas sou muito carinhoso e cuidadoso.

- Me diz Bia, gosta de palavras sujas? Gosta de ouvir o que vou fazer com o seu corpo?

- Sim. Por favor...

- Por favor, o que? – mordi seu mamilo e o suguei. Com o polegar e o indicador torci o outro, não para causar dor, mas para conhecer os seus limites e o que ela gostava.

- Ahhhhh... isso... assim.

- Gosta disso Bia? Gosta quando mordo seus mamilos?

- Sim, Zen. Mais. Dê-me mais...

Rasguei sua calcinha e a penetrei com um dedo. Molhada, muito excitada, isso me deixou enlouquecido. Finalmente havia conseguido chegar até ela. Beijei-a engolindo o seu gemido. Seu canal estava quente e úmido, ela era muito apertada.

- Gosta disso gatinha? Gosta do meu dedo dentro dessa bocetinha apertada? Quero provar você, lamber todo o seu mel, me

deliciar com o seu prazer. – Nossos olhares se conectaram. Sua respiração falhou, um rubor delicioso cobriu sua face. Fantástico! Tirei meu dedo de dentro dela, e ainda com os olhos cravados nos seus, levei meu dedo até a boca e chupei. Ela arregalou os olhos e soltou um gemido torturado.

Desci minha boca por todo o seu corpo até a fonte do meu prazer. Abri com os polegares sua bocetinha rosada e lambi todo o seu mel. Ela era doce, um sabor inigualável. Circulei minha língua no seu clitóris que ainda estava escondido sobre o capuz, estimulei-o até aparecer, depois mordi enterrando um dedo dentro dela. Suas mãos vieram para o meu cabelo, me forçando ainda mais contra sua bocetinha. Ela rebolava em minha boca, incrivelmente entregue. Ela era muito quente! Precisava estar dentro dela, queria que ela viesse com o meu membro enterrado em seu canal.

- Gatinha. Preciso estar dentro de você. – me levantei tirei minha bermuda e cueca. Fui até minha carteira e peguei o único preservativo que tinha ali, não vim preparado. Eu não tinha planos de fazer amor com ela. Abri o pacote e ela me parou. Ah por tudo que há de mais sagrado!

- Espere Zen! Eu quero tocar você. Por favor?

- Agora não. Vamos ter todo tempo do mundo, mas agora eu quero me enterrar em você. – Envolvi meu pênis no preservativo e voltei para cama. Fiquei por cima dela, apoiando meu peso nos braços. Ela começou a tremer, por essa eu não esperava.

- Pequena. Você esta bem?

- Por cima não! Por favor, Zen?

Merda! Eu havia me esquecido, é claro que ela não me aceitaria por cima.

- Como quiser minha gata. – beijei sua boca, circulando sua cintura com o braço. Deitei-me colocando seu corpo sobre o meu.

- Você é enorme. Acho que não consigo leva-lo todo.

- Você consegue. Seu corpo vai se ajustar para me receber. Leve seu tempo princesa, não temos pressa.

Fabiana

Precisava me manter focada. Mas as imagens daquele dia horrível, invadiram minha mente. Acabei entrando em desespero. Não queria ele por cima, essa posição me deixaria exposta, seria impossível evitar a minha angustia. Bloqueei as cenas desagradáveis e me mantive no agora. Montei seu quadril olhando aquele membro enorme. Minha nossa! Não havia como aquilo entrar em mim. Suas mãos seguravam meu quadril, e com a minha mão guiei seu membro para dentro da minha boceta.

- Zen, não vai entrar!

- Relaxa gatinha. Vai entrar gostoso, vem pequena, desça lentamente, eu te ajudo.

- Ahhh... – Era muito grosso, eu estava há muito tempo sem ter nada ali dentro.

- Devagar. Porra! Você é muito apertada.

- Zen... Ohhh... - Joguei minha cabeça para trás e desci sobre seu pau. Estava completamente cheia, a sensação era alucinante. Depois de estar completamente dentro de mim, me deitei sobre o seu peito. Esperei meu corpo se acostumar com o seu tamanho.

- Você esta bem?

- Sim, me sinto como se estivesse sendo dividida ao meio. – Ele riu e o seu pau se mexeu, arrancando de mim um gemido. Comecei a me mover lentamente. Subia e descia com calma, seu

membro deslizava com facilidade, eu estava em êxtase por conseguir estar assim com ele. Apoiei minhas mãos em seu peito e comecei a rebolar em seu pau, eu estava completamente preenchida. Zen sentou-se e tomou minha boca em um beijo apaixonado, nossas línguas duelavam, sua mão subiu para o meu seio acariciando e puxando o mamilo. Eu tinha mamilos sensíveis, adorava senti-los tocados, acelerei meus movimentos rebolando ainda mais.

- Ohhh... isso minha gatinha, rebola no meu pau. Você é muito gostosa... Tem uma bocetinha tão apertadinha. Sente meu pau enterrado em você?

- Sim... Ahhhh. – Ele deslizou sua mão entre nossos corpos e começou a massagear meu clitóris. Fiquei selvagem com o seu toque. Coloquei minhas mãos em volta do seu pescoço e firmei meus pés na cama, comecei a subir e descer mais rápido. Mas não era suficiente, eu queria ele mais fundo. Totalmente enterrado em mim.

- Mais Zen! Eu quero mais.

Ele girou rápido ficando sobre mim. Comecei a entrar em pânico.

- Não! Não...

- Olhe para mim pequena. Veja quem esta com você. Olhe nos meus olhos.

Zen Kahil

Ela queria mais, e eu daria mais. Vi o desespero em seus olhos, eu estava arriscando, sabia disso, mas iria tentar. Ela precisava disso e eu também.

- Não tire seus olhos dos meus, pequena. Quero te dar prazer, ter meu pau enterrado bem fundo do seu corpo, te arrancar suspiros, fazer você delirar até gozar gostoso. – Não tirei meus olhos dos dela. Fiquei de joelhos e coloquei suas pernas no meu peito levantando sua bunda gostosa. Passei a língua em seus pés investindo duro dentro de sua bocetinha apertada. Estocadas fundas e rápidas, assim como ela pediu. Adorei essa posição, mas eu queria mais. Desci suas pernas e me deitei sobre ela. Passei minha língua no seu mamilo, mordisquei, suguei, lambi e passei minha barba nele. Seu gemido foi estridente e desesperado. Ela estava vindo. Enfiei ainda mais, meti fundo e lento. Seu doce canal apertou-me, e ela explodiu.

- Zen! Ahhhh...

Acelerei mais. Queria prolongar o seu prazer, tínhamos apenas uma camisinha e eu aproveitaria ao máximo antes de me deixar levar. Sua respiração era pesada, ela estava com seus olhos cravados em mim. Ela sorriu de puro êxtase e apertou meu pau com sua boceta.

- Vem para mim Zen – Todo o desejo que eu tinha de me controlar, foi para o ralo. Travei meu maxilar, quando senti um arrepio na minha espinha, minhas bolas se encolheram e jatos de sêmen foram lançados da cabeça do meu pau.

-Bia! Orhhhh... – Allah! Meu orgasmo foi alucinante, longo, achei que não pararia nunca mais. Investi contra ela mais três vezes, até estar completamente seco. Quando tudo terminou, desabei sobre ela.

-Ouche!

- Desculpe-me, eu a machuquei? – Tirei meu pau de dentro dela, segurando a camisinha.

- Não, só fiquei sem fôlego.

Beijei seus lábios e acariciei seu rosto. Eu queria mais, mas não tinha camisinha. Teríamos que passar em uma farmácia. De qualquer forma precisávamos sair, para aproveitar o dia.

- Pequena, vamos tomar banho.

- Mas já?

- Sim, estou sem camisinha, e precisamos almoçar.

- Achei que ficaríamos aqui.

- É o que eu mais quero, mas você também queria conhecer o mar. – Seu olhar era pensativo, eu quase ri, era muito cômico ela olhando para o meu corpo e para a porta. – Você é uma gatinha muito selvagem e faminta. Olhe para mim. – Esperei ela olhar em meus olhos. – Eu prometo a você, que vamos ter todo o tempo do mundo para ficarmos juntos.

- Tudo bem.

Levantei-me e a puxei comigo para o banheiro. Esse seria o nosso primeiro banho juntos. Eu já estive com ela em uma banheira, mas nunca de uma forma erótica, e cheio de felicidade. Liguei a ducha e entrei em baixo dos jatos. Coloquei um pouco de xampu nas mãos para lavar o cabelo quando senti sua mão no meu pênis. A sensação era maravilhosa. Muito lentamente balancei meu quadril. O vai e vem de sua mão me deixou pronto para ela novamente, eu queria muito, mas eu estava sem camisinha. Abri meus olhos para dizer a ela para parar, mas a sua boca no meu pau me calou. Seus lábios aveludados, e sua língua quente acariciavam meu membro.

- Bia. Ohhh... pequena....

Fabiana

Eu não consegui me controlar, precisava ter o pau dele na minha boca. A imagem dele em baixo do chuveiro com o corpo todo molhado me deixou excitada. Lambi o pré-sêmen que vazava da cabeça do seu pau e depois afundei seu pênis dentro da minha boca. Consegui tirar dele um assovio baixo. Rodei a língua ao longo da pele sedosa deslizando sobre meus lábios, mergulhando na fenda que tinha a cabeça do seu pau.

Olhei para o Zen, que tinha os olhos fechados, gemendo, amando a sensação da minha boca no seu pau. Suas pernas tremeram e suas mãos vieram para o meu cabelo, empurrando seus quadris para frente, fazendo a cabeça do seu pau, ir mais fundo. Soltei um gemido quando ele decidiu controlar a situação. Angulou a minha cabeça para trás e empurrou seu pau na minha boca, aumentando o ritmo, dirigindo seu pênis mais profundo em minha garganta.

Saboreei cada gota de creme que saia do seu membro. Eu queria mais, queria beber todo o sêmen do seu pau, que latejava em minha boca. Peguei suas bolas e massageei, apertando um pouco. Zen grunhiu e empurrou fundo em minha boca gozando com um gemido. Engoli tudo que ele forneceu, puxei-o para fora, lambendo e deixando-o completamente limpo. Antes de me levantar dei uns beijinhos no pedaço suave de sua pele sobre o osso ilíaco.

- Você vai pagar caro por isso pestinha.

- Estou contando com isso. – Sua boca desceu sobre a minha, beijando-me com ternura. Nunca me senti tão desprendida e a vontade. Era libertador poder estar assim. Não havia medo ao seu lado.

- Termine seu banho. Eu preciso sair daqui antes que você me agarre novamente.

- Seria questão de tempo. – Pisquei para ele mais audaciosa do que um dia já fui. Estava com muito medo de fazer sexo oral, mas depois de todas as nossas conversas, depois de tudo que eu contei a ele, me senti completamente livre. Eu lutei, ele lutou junto comigo, entre nós não haveria julgamentos. Ele não me achava culpada e nem suja. Era a minha chance de recomeçar.

Terminei meu banho, me enxuguei e voltei para o quarto. Zen estava ao telefone. Ele parecia chateado, não queria ouvir sua conversa, então peguei minhas roupas e voltei para o banheiro. Coloquei um vestidinho branco de alcinhas, uma rasteirinha e saí do banheiro. Zen estava sentado, parecia pensativo.

- Zen? Está tudo bem?

- Recebi uma notícia não muito boa.

Meu coração parou e eu gelei. O que de tão grave aconteceu para ele ficar nesse estado?

- O que aconteceu? É Alima?

- Não princesa. Venha aqui.

Fui até ele, suas mãos foram para minha cintura me fazendo sentar em seu colo. Comecei a ficar ainda mais preocupada. Senti um aperto no meu coração, algum muito ruim aconteceria.

- Zen, estou ficando nervosa.

- Eu quero que você se acalme. Não é tão ruim quanto parece.

- Então me fale.

- A polícia esteve no hospital. Eles estão à sua procura.

- A minha procura? Como assim?

- Não sei pequena. Ajude-me a entender.

- Acha que estou mentindo?

- Não Bia, eu estou tão perdido quanto você.

- Zen, eu tinha um trabalho, fazia faculdade e cursinho de inglês. Minha mãe foi embora com meu irmão para Brasília e minha irmã com o marido para Santa Catarina. Eu nunca fiz nada de errado, eu não faço ideia do por que a polícia está atrás de mim.

- Princesa, tem que haver alguma coisa. Talvez sua mãe tenha dado falta de você e resolveu ir à polícia.

- Zen, confie em mim, ela jamais se daria ao trabalho de ir a polícia. – Não sabia o que pensar.

- Precisamos voltar para São Paulo.

- Não quero ir á delegacia sozinha. Estou com medo Zen.

- Jamais deixaria você ir sozinha. Eu vou junto com você.

Fiquei pensando no nosso fim de semana arruinado, eu queria tanto ficar aqui. Esperamos tanto tempo para ficarmos juntos,

quando finalmente tomei coragem para me entregar, o nosso fim de semana é interrompido com a ligação.

- Princesa o que foi?

- Eu não queria ir embora hoje. Tínhamos tanto que conversar. Finalmente estamos juntos e tudo isso acontece. Eu só queria poder curtir esse fim de semana com você.

- Então vamos ficar.

- Mas e a polícia?

- Você é minha prioridade. A polícia espera até segunda.

- Obrigada Zen. – Eu o abracei e beijei sua boca.

- Se continuarmos assim, não sairemos tão cedo desse quarto. Precisamos almoçar comprar camisinha e voltar para o hotel, exatamente nessa ordem.

Zen queria me levar para comer comida árabe, fomos almoçar no Al Kabír, era um restaurante aconchegante e refinado. O atendimento era excelente. Ele mesmo escolheu nossa refeição já que eu não entendia nada. Foi servido arroz libanês que sem duvidas virou minha mais nova paixão, o sabor era indescritível. O quibe estava muito bem frito, e bem sequinho. Delicioso. Zen pediu um couscus marroquino com filé de cordeiro ao molho de ervas. Eu comi muito, o filé de cordeiro eu já tinha comido no apartamento, mas esse aqui era muito melhor. Depois de tanta comida eu neguei a sobremesa, não cabia mais nada.

- Então, gostou da comida?

- Adorei! Muito boa mesmo. Mas acho que exagerei.

- A comida é um pouco pesada, mas excelente. O que quer fazer agora?

- Acho que preciso caminhar um pouco.

- Vamos caminhar na beira mar então.

Meu dia foi perfeito. O Zen é um homem maravilhoso, e muito educado. Visitamos o aquário, andamos de bonde, passeamos pelas praias e por último fomos ao porto. Ele me deixou olhando alguns barcos e foi falar com um homem que estava em um barco adiante. Fiquei vagando pelo porto, pensando no quanto a minha vida tinha mudado. Na verdade quanta coisa mudou depois que o Zen apareceu, ele tem me ajudado tanto. Dói-me o coração saber que ele vai embora, mas não queria ficar pensando nisso, eu precisava aproveitar cada minuto que passávamos juntos. Depois que ele se fosse, então eu daria um jeito na minha vida.

- Um doce pelos seus pensamentos.

- Estava divagando apenas... – Não havia maneira de eu dizer para ele o que estava em minha mente.

- Hum... Preciso resolver umas coisas de última hora.

- Aconteceu alguma coisa?

- Não, eu tenho que resolver um assunto. O que você acha de ir ao salão, arrumar o cabelo, fazer essas coisas que mulheres fazem.

- Zen, eu não sei... Eu posso ir para o hotel e te esperar lá. – Eu não tinha dinheiro para isso, ele sabia disso. Essa situação me deixava desconfortável.

- Pequena, eu quero que você vá a um salão. Vou dar a você um dia de princesa, será tratada como merece.

Como sairia dessa situação? Eu nunca fiquei ligada nessas coisas, não que eu não gostava, eu só não tinha condições para isso. Sempre gostei de me arrumar, mas para isso exigia dinheiro e muito. Esse era um luxo que eu não podia bancar.

- Zen, não é necessário.

- É para minha surpresa. Acostume-se a isso, você agora é minha para mimar e cuidar. Vou provar para você, que sei fazer isso muito bem.

Não falei nada, eu não tinha o que falar. Repeti sua frase na minha cabeça varias vezes "minha para cuidar e mimar" como ficaria sem pensar em mim depois que ele se fosse? Eu juro que estava tentando não pensar no amanhã, apenas viver o agora, mas era impossível quando estava sendo cercada por tanto carinho. Entramos em um salão e o Zen falou com a cabeleireira, eu não pude ouvir o que conversavam.

- Eu volto mais tarde para buscar você.

- Você vai demorar?

- Não. Esteja linda para mim.

Deu-me um beijo nos lábios e foi embora, deixando-me sozinha no salão. A cabeleireira veio me buscar para dar inicio ao tratamento que o Zen havia pedido.

Já era noite quando fiquei pronta. Eu tinha cabelo, pé, mão, maquiagem, depilação, e até esfoliação corporal feita. Olhei-me no espelho e não reconheci a mulher que refletia ali. Meus olhos estavam enormes, sombreados em preto. Batom da cor dos lábios e blush. Nunca me vi tão linda.

- Você é a Fabiana?

Olhei para a moça que me chamava, estava com uma caixa enorme nas mãos.

- Sim, sou eu.

- Tem uma entrega para você

- Para mim? – Que estranho á única pessoa que sabia que eu estava aqui era o... Zen!

- Sim, seu namorado pediu para que te entregasse.

- Ele esta aqui? – O que o Zen estaria aprontando agora?

- Não querida, ele já foi. Abra seu presente e nos deixe ver o que seu homem mandou para você.

Peguei a caixa de suas mãos e abri o pacote. O que tinha ali dentro deixou-me perplexa. Um vestido vermelho, um sapato de saltos altíssimos e um... Oh meu Deus! Eu nunca tinha usado algo assim, não fazia ideia de como colocar isso.

- Uau! Garota onde você arrumou um homem como esse?

- Cadela de sorte!

- Vamos lá meninas, vamos deixa-la sozinha para se vestir.

Depois de todos aqueles “elogios” fiquei apenas com a cabeleireira no quarto.

- Você quer ajuda?

- Eu agradeço, nunca tinha vestido algo assim. – Ela ajudou-me a vestir a lingerie, o vestido e por fim coloquei os sapatos.

- Você está linda, ele tem bom gosto.

- Acha mesmo? Não ficou muito vulgar?

- E se tiver ficado? Não foi ele mesmo quem escolheu?

- Eu não sei... Achei o vestido maravilhoso, mas é muito decotado.

- Amiga, vai por mim, esse homem tá de quatro por você.

- De quatro?

- Sim, apaixonado.

Bateram na porta, nós duas olhamos para ver quem era.

-Entre!

- Menina! Estão esperando por você.

- Obrigada, já estou indo. – Coloquei minhas roupas dentro da caixa e saí do quarto.

Cheguei na saída do salão e não vi o Zen, e sim o senhor que eu o vi conversando hoje a tarde no porto estava ao lado de uma limusine.

- Senhorita Fabiana?

- Sim, o senhor é?

- Meu nome é José, o senhor Zen, pediu que eu entregasse isso a senhorita.

Ele entregou-me um envelope. Coloquei a caixa no chão e abri para ver o que tinha dentro.

"Minha Pequena...

Passei o dia pensando nas diversas formas que te quero essa noite. Vamos jantar e depois eu te mostro todas as loucuras que pretendo fazer com você. Estou à sua espera,

Sempre seu

Zen Kahil"

Terminei de ler o seu convite com o coração saindo pela boca. A nossa a química era palpável. Era impressionante o que um simples convite poderia provocar.

- Obrigada senhor José, podemos ir. – Ele veio até mim, pegou a caixa e abriu a porta da limusine.

Esse momento ficaria marcado na minha vida. Eu jamais sonhei em ser uma princesa, mas hoje era exatamente assim que eu me sentia. Uma champanhe borbulhava na taça, a minha espera. Confesso que gostaria que ele estivesse aqui para brindarmos juntos, esse momento.

Andamos pela cidade por alguns minutos e logo pude ver o porto. A espera estava me matando. Um friozinho na barriga me punha nervosa, não sabia o que esperar. Meu coração batia

acelerado, a vontade que eu tinha de vê-lo chegava ser dolorosa. O carro parou e o senhor José, veio abrir minha porta.

- Senhorita, siga o tapete.

Olhei para onde ele apontava e vi um tapete vermelho que seguia até o píer de um iate. Eu não sabia se avançava ou se corria. Meu coração ia sair pela boca, não fazia ideia do motivo de tanta produção. Respirei fundo comecei a ir em direção ao iate, caminhando pelo longo tapete vermelho.

Quando cheguei ao iate, fiquei chocada! Velas, flores, e música dominavam o ambiente. O homem que mudou a minha vida estava vestido de smoking. Seu sorriso era encantador. A luz de velas seus olhos ficavam mais dourados. Esse homem era a personificação da beleza masculina. Avancei mais alguns passos e peguei a mão que ela oferecia para mim.

CAPÍTULO 13

Zen Kahil

Passei o resto da tarde correndo atrás das coisas que seria necessário para a surpresa que eu faria para ela. Falei com José que era funcionário de uma empresa de locação de iates e carros. Fiz o pedido da comida. Consegui uma bela decoração de última hora. E por fim, mas não menos importante um quarteto para tocar e cantar essa noite.

Eu era um romântico incurável, ela nunca foi tratada como merecia. Então eu faria isso por ela, sempre quis que nossa primeira vez fosse romântica. As coisas não aconteceram bem assim, mas agora eu tinha a chance de me redimir, e dar a nós a melhor noite de nossas vidas.

Encomendei tudo para ela em uma loja, escolhi um belo vestido, sapatos de saltos altíssimos, e uma bela cinta liga.

Eu a devoraria hoje!

Preparei o iate para passarmos a noite de hoje e o dia de amanhã. Voltaríamos a tarde e iríamos direto para a delegacia. Essa

situação não saia da minha cabeça. Eu só esperava que não fosse o babaca do Erick, por ela eu estaria disposto a lutar até o final.

Às 20:00 horas em ponto, eu estava pronto e com tudo preparado. Fui até o convés acendi as velas, e esperei ela chegar. Não demorou muito para o José aparecer com a limusine. No exato momento que ela saiu meu coração deu uma batida dolorosa e meu membro protestou furioso em seu confinamento. Ela parecia uma deusa. O vestido lhe caiu muito bem. Esperei sua chegada e lhe estendi a mão para ajuda-la a subir no iate.

- Olá minha princesa. Você está maravilhosa! – Mesmo a noite era possível ver seu rubor, linda de tirar o fôlego.

- Oi. Você está lindo, mas o que significa isso tudo?

- Você vai saber no decorrer da noite. Agora dança comigo? – Fiz um sinal para o quarteto começar a musica que eu tinha escolhido para a chegada dela. (Notte Di Luce Il Divo)

A trouxe para o meio do pequeno palco e a rodei. Seu sorriso era encantador. Ela estava linda, e eu cada vez mais apaixonado. Dancei lentamente, sentindo seu perfume, seu toque, olhando nos seus olhos cor de chocolate.

- Zen eu não sei dançar.

- Não tem problema, eu te levo. – Ao avançar da música acelerava nossos passos. A noite estava espetacular. Ela seria minha, completamente minha. Rodei com ela no valsar da música e terminei dando-lhe um beijo.

- Obrigado. Quer tomar uma champanhe?

-Sim, por favor.

Servi nossas taças e entreguei a dela.

- Quero propor um brinde.

- O que vamos brindar?

- Eu, você. Nós dois... Ao recomeço!

- A nós!

Brindamos nossos copos e eu a assisti tomar sua champanhe. Sensual, de olhos fechados, boca carnuda... Seus movimentos eram suaves e delicados. Ela tinha uma classe e uma elegância natural. Uma verdadeira deusa.

- Vamos jantar?

- Claro.

- Você parece apreensiva. Esta tudo bem?

- Está sim, eu só estou um pouco curiosa.

- Vamos. – Peguei sua mão e a levei para onde a mesa está posta. Foi servido frutos do mar, nada muito pesado. Jantamos ao som do piano.

Estava uma noite agradável, um bom vinho e uma companhia maravilhosa. Revelaria agora a ela o motivo de toda essa produção.

- Eu preparei tudo isso, por que além de achar que você merece, eu também quero te fazer um pedido.

- Um pedido?

Meu povo tem um costume bem diferente do povo americano. Quando uma moça é prometida, o pai da moça paga um dote ao rapaz, e o rapaz presenteia a moça com uma joia. Eu sei que não

estou em Marrocos, mas vou seguir a tradição, e dar a minha princesa algo que signifique para os dois, o nosso compromisso. Comprei uma gargantilha para dar a ela. Essa gargantilha tinha dois significados. O primeiro era para firmar nossa relação, o segundo para demonstrar que ela era minha. Era uma peça simples, um cordão de ouro com o símbolo do infinito em diamantes. Do lado de dentro pedi que gravassem "sempre seu Zen Kahill". Peguei a caixa do meu bolso, dei a volta na mesa e a levantei da cadeira.

- Fabiana, você quer ser minha namorada? – Abri a caixa para que ela visse a linda peça que havia dentro. Seus olhos não saíram dos meus. Lágrimas caíram deles. Em seus olhos estavam á aceitação, mas eu podia ver o seu medo também.

- Por que você está chorando, minha pequena?

- Eu quero muito. Mas e depois Zen? Quando você for embora?

- Tenho certeza que daremos um jeito nisso, mas quero você aqui, no agora, esse é o nosso presente. – Eu tinha que achar uma solução para nós dois, eu não podia ficar sem ela.

- Eu aceito.

- Obrigado princesa. – Afastei seu cabelo para o lado e coloquei o colar no seu pescoço. Onde ele ficaria, esperava eu, para sempre.

- Obrigada Zen. É lindo.

- Não tão belo quanto você, mas ficou lindo. – Dança comigo? Peguei sua mão e a levei para a pista improvisada. Ela colocou sua

cabeça em meu peito e dançamos lentamente. (Un Amore Cosi'Grande com Il Volo.)

Conforme o combinado o quarteto se retirou, deixando apenas uma música de fundo. A noite era perfeita, a lua estava linda, e a mulher que eu amava em meus braços. Seu vestido era longo e com decote nas costas. Desci minha mão e comecei a fazer círculos com o dedo, muito lentamente, ela me olhou com desejo. Era bom sentir ela entregue, baixei minha cabeça e a beijei. O beijo era lento, mas a minha necessidade por ela, era feroz. Coloquei minhas mãos em sua cintura e a trouxe para mais perto, queria que ela sentisse meu membro duro por ela.

Aprofundei o beijo, exigindo mais dela. Segurei seu gemido com a minha boca. Levei minha mão ao seu pescoço, e soltei seu vestido. O tecido caiu no chão deixando-a apenas com os sapatos e a cinta liga que eu havia escolhido para ela.

- Zen! O que está fazendo?

- Relaxa gatinha. Estamos a sós. – Não dei tempo ao seu protesto e voltei a beija-la. Minhas mãos viajaram pelo seu corpo quente e sedoso. Coloquei seu cabelo para o lado e baixei meus lábios para o oco da sua clavícula, mordi, e dei pinceladas com a língua para acalmar a dor. Seu gemido de aceitação deixou meu pau mais duro.

Sua respiração era instável, suas pernas tremiam, ela estava entregue ao desejo e a luxúria. Enrosquei minhas mãos em seu cabelo, entrelaçando os fios nos dedos enquanto acariciava seu

couro cabelo. Ela gemeu baixinho com o simples gesto. Circulei seu corpo ficando em suas costas, e a levei até a borda do iate. Mordi seu pescoço e sussurrei em seu ouvido.

- Coloque suas mãos nos trilos e não solte. Abra suas pernas, e curve seu corpo para frente. Perfeito! Sou um homem exigente baixinha, vou dar a você tudo de mim. Em troca vou valoriza-la, cuidar de você, e visar todas as suas necessidades. Você quer isso?

- Você me quer?

- Muito, eu quero você por completo. Se não quer isso precisa dizer agora. Mas se você disser que sim, você será minha, só minha. – Suas mãos seguravam firme nos trilhos e sua respiração era instável.

- Uau!

- Isso é um sim? – Não a toquei. Apesar tê-la exposta para mim, não encostei um dedo nela. Só sussurrava em seu ouvido, isso funcionava, por que ela estava toda arrepiada. Ela era muito receptiva.

- Sim.

- Vou fazer amor com você aqui fora. Vou deixar você exposta e vulnerável, isso excita você?

- Sim, Zen, por favor!

- Isso é estimulante, e muito erótico, mas você é só minha. Quero usar você de todas as formas que eu tenho imaginado desde o dia em que eu te dei banho. Quero tocar seu corpo e adora-lo com a minha boca. Hoje vou usar um preservativo, mas assim que

chegarmos em casa, faremos exames de sangue. Eu quero sentir cada centímetro da sua vagina lisa e deliciosa.

Afastei-me dela, tirei o casaco, desabotoei a camisa e afrouxei a grava. A visão dela era perfeita. Sua pele branca reluzia ainda mais a luz da lua. Fui até ela e coloquei as mãos em seus seios, ela gemeu e arqueou suas costas. Tracei círculos lentos em volta dos picos duros de seus mamilos. Desci minha mão para o V de suas pernas, enfiando por dentro de sua calcinha. Acariciei o montículo entre suas pernas, até encontrar o pacote de nervos sensíveis, e dedilhei lentamente. Sua reação foi imediata ela abriu mais as pernas e ofegou ao meu toque.

- Essa noite é tudo para você. – Sussurrei violando sua entrada com o meu dedo. Gostosa demais, muito apertada, e completamente molhada. Mordi sua orelha, retirando meu dedo.

- Oh... Por favor!

Fiquei de joelhos atrás dela, rasguei a bela cinta liga que ela vestia e enfiei a minha língua na sua bocetinha. Seu sabor era doce, ela estava toda lizinha, a depilação a deixaria mais sensível. Levei minhas mãos em suas costas inclinando-a mais, queria mais acesso.

- Incline-se mais. Se abra para mim, vou fazê-la gozar na minha boca. – Ela fez como eu pedi e eu me perdi no seu sabor. Enfiei a minha língua na sua doce bocetinha, tomando todo o seu mel. Dei pinceladas com a língua em seu clitóris e mordi. Ela se contorcia, suas pernas estavam tremulas, seus gemidos eram excitantes.

Fabiana

Cerrei meus dentes, tentando me manter na posição que ele queria. Ele mordeu meu clitóris e um raio de prazer atravessou meu núcleo, eu queria mais, só um pouco mais duro, para me enviar ao prazer que eu tanto desejava. Eu gemia e me contorcia em cima dele. Abri mais as minhas pernas, e curvei mais o meu corpo. Delicadamente ele sugou meu clitóris em sua boca, eu queria ficar quieta. Juro que tentei, mas era impossível. Não me importei em suplicar, ele atendeu ao meu pedido me chupando sem cessar. Eu estava perto, tão perto...

Ele soltou o botão sensível e passou a línguas nos meus lábios vaginais contornando minha entrada, fazendo diminuir a urgência do meu orgasmo. Ele me mataria! Sua língua trabalhava incansavelmente, conhecia as regiões mais sensíveis. Eu estava desesperada por ele. Em fogo. Totalmente fora de controle. Enfiou sua língua na minha vagina e com os dedos massageou meu clitóris. Meu orgasmo se construiu me fazendo explodir em sua boca. Soltei um gemido torturado, luzes brilhantes explodiram embaçando minha visão. Era de mais, muito intenso. Ele se levantou e pude ouvir o barulho do pacote da camisinha.

- Vou foder você minha gatinha. Enterrar meu pau na sua doce bocetinha, fazer você gritar e gozar. Quer isso?

-Sim! – Suas palavras sujas foram como pólvora em minha luxúria. Ele era muito quente. Senti a cabeça do seu pau em minha boceta e antes que eu pudesse respirar, ele já estava dentro.

- Ahhh... Zen...

- É assim que você gosta? Duro e rápido? Diga-me gatinha, como você quer?

- Assim... Por favor continue... – Suas mãos vieram para minha cintura me apertando, enquanto suas investidas ficavam mais rápidas.

- Sente como estou enterrado profundamente dentro de você? Sempre imaginei você assim, com seu cabelo caindo pelas costas como cascatas, você gemendo, e pedindo por mais.

Fechei meus olhos, quando fui invadida por arrepios de prazer que golpeavam meu corpo. Suas investidas ficaram mais rápidas. Ele era muito intenso, me cercava de todos os lados. Eu estava completamente a sua mercê. Seus dedos vieram para o clitóris, começando uma massagem rítmica, combinando com suas estocadas. Eu não aguentava mais, minhas pernas tremeram, e meu corpo respondeu ao seu toque. Gozei gritando seu nome.

- Zen! Ahhhh

- Isso minha gata selvagem, goze no meu pau.

Investiu uma, duas, três e gozou rugindo meu nome.

- Bia! Orghhh

Encostou sua cabeça na minha respirando pesadamente.

- Ainda não terminei com você minha gatinha. Meu maior desejo é você de quatro, segurando seu cabelo, inclinando sua cabeça para trás, enquanto te fodo por trás.

- Hum... – Deus! Ele era incansável.

- Vamos tomar um banho, venha.

Ele pegou minha mão me levando para dentro do iate. O lugar era luxuoso. Passamos por uma pequena sala, cozinha e entramos no quarto. Tinha uma cama enorme, dominava praticamente todo o quarto. Entramos no banheiro, ele terminou de tirar suas roupas e ajoelhou para tirar as minhas meias. Seu toque era suave e erótico, ele sabia o que estava fazendo, tirou as duas meias e o que restava da minha pobre cinta liga.

- Você fica linda de cinta. Quero você sempre assim. Vou mima-la e dar a você tudo que eu puder.

Deus! Esse homem existia? Cuidadoso, carinhoso, sensível e muito romântico. Eu estava caída por ele, valorizaria muito essa relação e queria muito que desse certo. Levantou-se e ligou a ducha.

- Vem princesa.

Entrei em baixo dos jatos d'água, e fechei meus olhos. Suas mãos deslizaram pelo meu corpo me ensaboando. O toque firme, e certeiros de suas mãos me deixou excitada. Ele era suave, mas firme. Uma combinação perfeita. Depois de um banho completo, nos enxugamos e saímos do banheiro. Ele não disse nada, mas não era necessário. Seu pau estava duro. Olhos famintos me olhavam com desejo. Ele aproximou me fazendo recuar. Com um empurrão

firme, derrubou-me sobre o colchão. Pairou sobre mim, com o olhar intenso e baixou a cabeça beijando minha barriga. Seus lábios eram macios e molhados. Passou a língua pelo umbigo me fazendo suspirar. Sua língua lambeu todo o caminho até meu púbis, parou ali dando beijinhos castos. Minhas mãos já estavam em punhos agarrando os lençóis.

- Preciso provar você de novo.

Ele ajoelhou e ficou no meio das minhas pernas. Suas mãos levantaram meus joelhos, abrindo minhas coxas, eu estava completamente aberta para ele. Com os dedos ele abriu as dobras da minha boceta. Suavemente ele soprou. Um arrepio correu por todo meu corpo, mais um pouco eu acabaria gozando, era lentamente doloroso.

- Tão linda. – Ele murmurou com a cabeça no meio das minhas pernas. – Rosadinha, macia e apertadinha. Seu sabor é maravilhoso, e muito doce.

Sua língua circulou a entrada lentamente. Ele não tinha pressa e eu estava desesperada. Arqueei meus quadris pedindo por mais, implorando por atenção. Então, ele atendeu meu pedido e me lambeu de cima a baixo. Eu girava minha cabeça de um lado para outro, enquanto sua língua lambia da entrada do meu canal ao meu clitóris.

- Mmm... Deliciosa.

- Ohh Deus! – Ofeguei quando seus dentes morderam meu clitóris. Eu estava molhada, pronta para ele. Sem a menor vergonha

comecei a rebolar em sua boca, eu queria gozar, queria ele dentro de mim. Sua língua trabalhava no meu clitóris, ao mesmo tempo, que ele me penetrava com o dedo.

- Você gosta de ser fodida na bundinha?

- Sim! Por favor, faça qualquer coisa, mas me deixe gozar.

- Ainda não. Vire-se. Fique com a cabeça virada para mim.

Estava tão perto! Eu não acredito que ele queria mudar de posição agora. Virei como ele tinha pedido deixando minha cabeça abaixo dele. Suas mãos me puxaram pelo ombro, fazendo minha cabeça sair da cama. Achei que cairia e me agarrei em seus braços.

- Se acalme gatinha. Quero você nessa posição chupando meu pau.

-Oh! – Ele agarrou a base do seu pau, guiando a cabeça larga para minha boca.

-Você tem uma boca muito sexy. Abra para mim.

Sua voz era áspera. Passei minha língua nos lábios, e abri a minha boca. Seu membro deslizou, profundamente arrancando minha respiração. Sua mão segurou minha nuca, quando ele enfiou mias fundo. A cabeça do seu pau acariciava a traseira da minha garganta, inalei profundamente, esforçando para não asfixiar.

- Engula quando eu empurrar e relaxe a mandíbula. Tome-o todo – Suas investidas eram profundas, e exigentes.

Colocou seu corpo sobre o meu, e baixou sua cabeça no meio das minhas pernas. Sua língua voltou a me lamber e seus movimentos ficaram mais ásperos. Enfiou o seu dedo no meu

orifício usando minha lubrificação. A combinação da sua língua com o seu dedo, deixou-me selvagem. Comecei a rebolar em sua boca, forçando meu quadril em direção ao seu dedo. Ele tirou a língua e enfiou outro dedo. Estremeci de prazer, e uma tensão rolou em meu estomago, eu estava tão perto. Chupei seu pau mais forte, rodei minha língua, e suguei. Seu gemido foi alto. Ele também estava perto. Levantou-se e retirou seu pau da minha boca.

- Fiquei em suas mãos e joelhos.

Levantei rápido, totalmente excitada, ele já tinha cortado meu orgasmo duas vezes. Eu o vi colocando a camisinha, e pegando o lubrificante. Não sabia que ele tinha um, era melhor, ele era enorme e muito grosso, isso ia doer muito. Aplicou uma quantidade generosa de lubrificante no meu orifício, o gel gelado me provocou arrepio.

- Empurra para fora, quando eu enfiar.

Balancei minha cabeça concordando.

Zen Kahil

Estava louco para fodê-la assim. Realizaria meu desejo de monta-la. Peguei a base do meu pau, direcionando a cabeça no seu cuzinho. Empurrei forçando a entrada, colocando toda a cabeça. Respirei fundo trincando o maxilar, ela era muito apertada, muito pequena. Esperei ela se acostumar, apliquei mais lubrificante no comprimento do meu pau, e investi. Enfiei até as bolas baterem em sua bocetinha. Esperei mais um pouco para começar minhas estocadas. Assim que seu corpo se adaptou a invasão comecei a investir de forma urgente. O som de pele contra pele preencheu o quarto. Seus gemidos eram de dor, mas também de prazer.

Eu montei duro. Enrolei seus cabelos em minha mão inclinando sua cabeça para trás. Desci minha boca na sua exigente enquanto fodia seu cuzinho apertado. Cada batida de coxa enviava espasmos de êxtases para minhas bolas, eu estava perto, mas queria que ela viesse comigo. Mordi seus lábios, pescoço, e enfiei a minha língua na sua orelha. Dei umas pincelas, e sussurrei em seu ouvido.

- Venha para mim minha pequena. Quero que você goze ordenhando meu pau com seu cuzinho gostoso e apertado. – Desci minha mão para seu clitóris e massageei, aumentando as investidas.

Ela era gloriosa, a mulher mais incrível que eu já conheci. Completamente entregue ao sexo, sem vergonha, sem pudor. A encarnação da deusa Freya, e era minha, somente minha. Investi

duro, arrancando de nós dois suspiros e gemidos, um sentimento de posse me agarrou o coração, essa mulher me tirou da solidão devolvendo ao meu mundo cor e brilho. Eu viveria o resto da minha vida para fazê-la feliz.

Investi no seu cuzinho e apertei seu clitóris, ela gozou levando-me junto com ela. Deitei-me sobre ela, exausto.

Porra! Essa mulher me cansou. Esperei um pouco e me retirei lentamente dela. Deitei-me na cama puxando a para meus braços.

- Machuquei você? – Me deixei levar no final, não queria machuca-la, mas não consegui controlar meus instintos.

-Não. Estou dolorida, mas pelo uso.

Sua risadinha me encheu o coração. Depois dessa noite, comecei a ter esperança. Se ela quisesse eu a levaria comigo para São Francisco, não disse nada sobre isso ainda, por que queria ir devagar. Dar tempo a ela para se reestruturar, e para confiar em mim.

- Vamos tomar um banho, pequena? – Olhei para ela e vi que pegou no sono. Sua respiração era branda e suave. Não queria atrapalhar seu sono, mas eu precisava tirar a camisinha e tomar um banho. Levantei-me da cama e fui para o banheiro, depois do banho peguei uma tolha e molhei com água quente e voltei para o quarto. Sentei na cama e abri suas pernas para limpar suas partes íntimas. Seria incomodo para ela dormir suja. Ela resmungou em seu sono, assim que a toalha a tocou.

- Me deixa dormir só um pouquinho.

- Eu vou princesa, só estou te limpando para você se sentir mais confortável.

Sua voz era bêbada de sono, ela deveria estar realmente cansada. Depois que terminei joguei a toalha em um canto e me deitei ao seu lado, puxando seu corpo para junto do meu. Dormi em seus braços completamente satisfeito e exausto.

Fui despertado pela manhã com seu gemido angustiado. Abrir meus olhos tentando dar sentindo ao que eu ouvia. Olhei para o lado e a vi deitada em uma posição fetal. Não era um bom sinal, meus sentidos entraram em alerta. Cheguei perto dela sem toca-la. Seus gemidos ficaram mais altos e mais torturados.

- Fabiana, eu estou aqui querida, é só um pesadelo, acorde querida. – Repeti várias vezes á mesma coisa, tentando acalma-la. Ela acordou suada e chorosa.

- Zen, me ajude!

- Eu estou aqui minha amada, venha aqui. – Coloquei-a em meu colo e a abracei forte. Queria passar a ela toda a segurança que ela precisava e pedia. – Você quer falar? Quer conversar sobre o seu pesadelo?

- Eu saí do restaurante naquela noite, atordoada. Eu estava completamente perdida. Naquele momento eu percebi o quanto dependia dele. Vaguei pela rua, até a loja onde eu trabalhava. Ali tinha um ponto de táxi, eu fui até ele, mas não havia nenhuma ali. Desci mais três quadras e tive a mesma sensação...

- Sensação?

- Sim, há alguns dias eu vinha sentindo que alguém me observava. Era assustador Zen, muitas vezes cheguei em casa apavorada. Eu nunca via ninguém. Eu disse ao Erick várias vezes, mas ele achava que era coisa da minha cabeça.

Abracei-a com força. O desgraçado não foi capaz nem de protegê-la, ignorou totalmente seu medo e pavor. Canalha! Eu não o conhecia, mas sentia um ódio mortal por ele.

- Então, quando eu virei á esquina eu pude vê-lo. Eu acelerei meus passos e ele os dele. Comecei a correr, eu estava desesperada, mas quando olhei, ele já estava em cima, senti uma dor excruciante na cabeça e fui jogada ao chão. Eu tentei lutar, juro Zen, mas ele me deu vários socos, e chutes... e... meu Deus!...

Fiquei com dos no coração. Eu a amava e eu a protegeria, mas quanto ao seu passado eu não podia fazer nada. Eu estaria junto com ela, enxugaria suas lágrimas, daria colo em momentos de consolo, e apoiaria suas decisões. Seria a minha missão, cuidar do seu bem estar.

- Quando ele me chutou quebrou minhas costelas, eu senti a dor e a falta de ar. Tentei lutar de todas as maneiras. Ele se enfiou dentro de mim, eu ainda tava acordada, queria tanto não poder ter visto ou sentido isso. Mesmo sentindo tanta dor eu ainda lutava, não queria desistir, mas acho que ele ficou irritado e acabou batendo minha cabeça no chão, depois daquilo, não vi mais nada.

Engoli em seco tentando não chorar com ela. Podia ouvir a dor em sua voz. O desespero pelo estupro, pela violência e pela perda

do seu filho. Mesmo sabendo que tudo isso a trouxe para mim, eu desejava com todo o meu coração que ela não tivesse passado por isso. Foi cruel e desumano. Uma covardia!

- Princesa, depois você acordou? Lembra-se do lugar onde esteve?

- Não, depois disso acordei no hospital.

- Você sabe quem ele é?

- É exatamente por isso que estou em pânico. Eu me lembrei, eu sei quem ele é. Eu não me lembrava. Tava ali dentro, na minha cabeça, mas não saia, não queria sair. Eu não sei como te explicar, você consegue entender?

- Sim. O nome científico para isso é TEPT. Transtorno do estresse pós-traumático. O fato de termos feito amor ontem, desencadeou essas memórias, que seu cérebro guardava. Princesa olhe para mim. – Esperei que ela me olhasse. Seus olhinhos estavam cheios de lágrimas e dor. – Você precisa denuncia-lo. Talvez seja por isso que a polícia esteja atrás de você. – O salto que ela deu, me deixou confuso, ela estava furiosa.

- Nunca! Coloque isso na sua cabeça Zen, jamais vou a polícia e expor para o delgado o que aconteceu. Nunca vou fazer isso.

- Calma Fabiana, você pode falar com uma especialista, não tem que ser necessariamente o delegado.

- Para que? Para ouvir dela que eu tive culpa? Que eu sou uma desculpa pobre para um ato como esse? Nunca! Não force Zen, você vai perder.

- Então isso é definitivo? Você já parou para pensar com quantas mulheres ele já fez isso? Ou com quantas ele ainda pensa em fazer? Você acha que foi a única a um ato de atrocidade como esse? – Ela parecia um gato enjaulado, anda de um lado para outro, totalmente atormentada.

- Já chega!

- Você não precisa gritar comigo para resolver uma situação. É difícil ouvir a verdade, mas foi só o que eu disse. Você está dando chance a esse animal a fazer mais mal a alguém. – Eu ainda estava sentado, mas a vontade que eu tinha era de esmurrar a parede. Era muito difícil falar com ela. Não estava aberta a nada, não queria falar do assunto, não queria fazer a denuncia, pior não queria ajuda profissional. –Eu não sei mais como ajudar você. – Levantei-me e fui para o banheiro. Eu estava nervoso, e quando estou assim, prefiro ficar sozinho.

Fabiana

Confiança era algo muito difícil para mim. Eu confiei em duas pessoas na minha vida, um foi o Erick, que provou ser um canalha, agora o Zen, que achava que tinha o direito de me dizer o que eu tinha ou não que fazer.

Era sobre a minha vida que estávamos falando, eu jamais iria a uma delegacia me expor dessa maneira. Em troca de quê? Nada iria mudar o que aconteceu! Eu queria ir embora. Olhei em volta procurando a bolsa que trouxe de São Paulo, eu a encontrei em cima da cadeira. Peguei uma peça de roupa e me vesti, estava colocando os sapatos quando o Zen saiu do banheiro.

- Você está com fome?

- Não. – Respirei fundo para dizer a ele que iria embora, não ficaria aqui. Prometi a mim mesma que nunca mais faria algo que eu não quisesse, não importa o que ou quem pedisse.

- Você vai embora não é?

Levantei-me reunindo todas as forças que eu tinha, para olha-lo nos olhos.

- Vou sim Zen, eu não vou mais ficar aqui. – Pude ver o quanto isso doeu nele. Eu estava me destruindo fazendo isso com ele. Mas eu tinha que pensar em mim.

- E você acha que vou deixar você ir assim?

- Assim como? Você prometeu! Disse que quando eu quisesse me deixaria ir embora.

- Isso foi antes de me apaixonar por você. Não quero que você vá.

- Não posso ficar. Eu prometi Zen, que não deixaria ninguém dizer para mim o que eu tinha ou não que fazer. Não vou viver assim novamente.

- Não fiz isso. Eu só disse que seria o ideal. Você precisa crescer Fabiana, a sua dor não te ensinou nada?

- É melhor você parar.

- Não vou parar, não vou deixar a mulher que eu amo ir embora. Você não vai tomar uma decisão como essa, só por que esta chateada e assustada.

- Você não me ama Zen. Você sente compaixão e solidariedade, isso não é amor.

- Não ouse dizer que o que eu sinto por você, foi á mesma coisa que o seu ex sentia. Eu amo você e tenho provado isso todos os dias. Você não conhece o amor Fabiana, você não sabe o que é se entregar a alguém. Não sabe o que é confiar. Você nunca teve isso, então não pode julgar.

- Você está certo, eu nunca tive. Talvez eu não seja merecedora Zen. Eu estou cansada de lutar, estou cansada de sentir medo. Tenho matado um leão por dia para conseguir enfrentar tudo isso.

- Você não tem lutado, tem corrido, e se escondido como um bicho assustado. Lutar é enfrentar o medo, é correr atrás de justiça. É lutar para por na cadeia o assassino do seu filho!

Aquilo doeu. Foi como colocar um dedo na ferida. Era isso que eu estava fazendo? Até que ponto ele estava certo? O que me causaria ir à delegacia e dar o meu depoimento? E a vergonha? Deus! O que faria agora?

- Olhe para mim.

Eu não tinha coragem para olhar em seus olhos. Estava envergonhada de tudo e de todos. Isso tudo era cansativo e deprimente. Suas mãos vieram para o meu queixo me fazendo olhar em seus olhos.

- Diga que não está apaixonada por mim, que não me quer em sua vida, que tudo o que aconteceu ontem foi apenas sexo. Seja verdadeira, me convença disso e eu a deixarei ir embora.

Olhei em seus olhos e vi tanto amor, tanto carinho, mas vi também desespero, ele não queria me perder, eu também não queria perde-lo. Sentia-me contraditória, queria ir e ficar. Queria sentir e não sentir. Fugir e enfrentar tudo isso. Eu faria 20 anos e estava completamente perdida e sem rumo.

- Não foi só sexo. Estou perdida, sei que peço ajuda, mas não me permito ser ajudada. É que estou cansada das pessoas me guiando como se eu fosse uma marionete. Eu sempre fiz tudo o que queriam. Não gosto de me sentir pressionada, eu não funciono dessa forma. Sei que estou totalmente descontrolada e minhas emoções

conturbadas, porém o que eu sinto por você é verdadeiro. Essa é a única certeza que eu tenho.

- Era isso que eu queria ouvir. Vou preparar o café, e vamos voltar para São Paulo.

E foi isso, ele saiu do quarto chateado. Não tiro sua razão, mas também não tirava a minha. Fui para o banheiro, fiz minha higiene e resolvi tomar um banho. Assim que sai do banheiro, fui para a cozinha. Ele estava sentado tomando seu café. Sentei-me e servi o café para mim. O silêncio era constrangedor, ele não me olhava e nem falava comigo. Assim que ele terminou, foi para o quarto deixando-me na cozinha, mas voltou em seguida.

- Peguei suas coisas. Vou colocar as bolsas no carro, assim que terminar podemos ir.

- Estou sem fome, se quiser podemos ir. – Ele apenas acenou com a cabeça e o segui para o carro.

CAPÍTULO 14

A volta para casa foi em um total silêncio. Acho que para não ficar tão chato, ele ligou o rádio para ter o que ouvir. Toquei o colar que ele havia me dado ontem. Tudo acabou tão rápido, tivemos uma noite maravilhosa, fizemos amor e hoje de manhã as coisas pareciam como um sonho, longe e distante.

Assim que chegamos em São Paulo, comecei a ficar nervosa, eu sabia que ele me levaria para a delegacia. Tentei respirar fundo, precisava de coragem, eu tinha que fazer, precisava colocar aquele cretino na cadeia. Eu não entendi por que ele fez aquilo comigo, que motivos ele tinha? Mas para um abusador não precisa de motivos, bastasse ser uma mulher.

Fiquei surpreendida quando chegamos ao hotel. Não estava entendo nada, ele saiu do carro e deixou a chave com o manobrista. Desci do carro e o acompanhei. Subimos em completo silêncio. Não aguentava mais.

- Você vai me dar esse gelo até quando?

- Não estou te dando gelo Fabiana, eu só não tenho nada para falar.

Resolvi me calar, provavelmente acabaríamos discutindo novamente. Chegamos ao apartamento, mas ele estava vazio provavelmente Alima tinha saído com suas amigas. Zen entrou e foi

direto para o seu quarto. Fiquei na sala sem ação. O que eu faria? Queria tanto mudar a situação, mas o problema é que ele achava que eu não fazia esforço, mas eu fazia. Deus era testemunha do tamanho esforço que eu fazia para me levantar todos os dias e dar continuidade a minha vida.

Perdi meu filho, minha família, tudo que eu conhecia como ser meu. Vim parar nessa cidade sem conhecer ninguém. Sai do hospital e fui trabalhar como prostituta. Tudo isso em apenas um ano. E ele queria que eu mudasse da noite para o dia, que simplesmente esquecesse tudo e fosse viver lindamente. Impossível! Minha vida não é um conto de fadas, ele pode ter aparecido agora, mas jamais vai mudar o que aconteceu.

Fui para o meu quarto, completamente irritada com sua atitude. A sua maneira de me ajudar era muito científica. E eu queria seu apoio como o homem que dizia me amar. Eu era uma bagunça! Ele jamais poderia me julgar em relação a isso. Eu disse tudo isso para ele quando ele insistiu em ficar comigo. Agora esta aí o resultado. Uma garota com uma bagagem emocional enorme querendo bancar a princesa. É claro que só poderia dar merda.

- Você está errada sabe...

- Que susto! Meu deus Zen, você vai me matar do coração. – Ele estava encostado no batente da porta com as mãos no bolso, eu não percebi sua chegada. Além de sonhadora eu era lerda também.

- Nunca quis forçar você a nada, mas eu prometi a você que jamais mentiria e eu vou cumprir. Todas as coisas que eu falei para

você é a mais pura verdade. Vou fazer como você quer, e vou estar ao seu lado para apoiar em sua decisão.

- Peço desculpas pelo meu descontrole. É difícil explicar Zen, você é médico e age da forma que você aprendeu na faculdade, isso às vezes atrapalha você entender o que eu falo.

- Tente me explicar.

- Agora você quer falar? – olhei para ele com as mãos na cintura. Eu esperava uma resposta, me gelou o caminho todo, agora queria conversar?

- Quando eu fico nervoso, prefiro ficar calado. É mais sensato.

- Você precisa de terapia, precisava falar. Colocar isso para fora. – Joguei suas palavras de volta. Mordi minha bochecha para não cair na gargalhada. Ele olhou para baixo rindo dele mesmo. Sim! ele estava se sentindo um completo idiota, assim como eu.

- Você tem um grande problema.

- Mais um? Olha que minha lista esta ficando grande. – Ele sorriu e veio até mim me abraçando.

- É. Você tem a mania de torcer tudo o que eu falo. Não quero mais falar sobre isso. Tivemos um fim de semana maravilhoso, e não quero que acabe de uma forma ruim.

- Oh Zen, eu também não queria que acabasse dessa forma. – Retribuí seu abraço. Era isso o que eu queria. Esse conforto, essa ajuda. – Zen?

- Sim, Bia.

- Por que não fomos á delegacia?

- Por que vou fazer o que você quer. Quando você tiver pronta, você me avisa, e iremos juntos.

- Quem telefonou para você?

- A Dra. Elisa.

- Não gosto dela.

- Porque não?

- Ela não me inspira confiança. – A verdade é que ela olhava para o Zen como se fosse devora-lo. Não gostei daquilo nenhum pouco.

- Olha para mim pequena.

Olhei em seus olhos e eu sabia que ele veria ali a verdade. Era frustrante como meus pensamentos nunca eram meus.

- Você não confia em ninguém. Mas o caso com ela me deixa intrigado, o que de fato aconteceu para você não gostar dela com tanta veemência?

- Não sabia que precisava de um motivo.

- Claro que precisa! Ela nunca te fez nada, pelo contrário, ela sempre tentou te ajudar.

- Meu santo não bateu com o dela. – Merda! Ele realmente ficaria pressionando?

- Isso é ridículo.

- Allah! Que bom ter vocês em casa.

- Alima! – Corri para a porta e dei um abraço apertado nela. Eu realmente gostava dela. Era como uma mãe para mim. – Senti

sua falta. – E muito obrigada por me salvar das perguntas do Zen, é claro que não disse em voz alta, mas não custa agradecer.

- Eu também minha azzah. Mas me deixe olhar para você.

Afastei-me para que ela pudesse me olhar. Fiquei envergonhada e minhas bochechas esquentaram, ela provavelmente sabia o que eu fiz com o seu filho todo o fim de semana.

- Você está maravilhosa, e com um belo brilho nos olhos. E com uma bela joia também.

- É linda, não é? Foi o Zen que me deu.

- Sim, é linda!

Ela olhou para o Zen, o cumprimentando.

- Salamu aleikum

- Wa aleikumu Salam

-Ki deir?

- Labas, alhamdulilah

- Saudade de você meu ibn.

Zen foi até ela e beijou seu rosto. O afeto e o carinho que eles tinham um com outro era lindo de se ver. Como desejei poder ter um relacionamento assim com minha mãe, seria tão bom, talvez nada disso tivesse acontecido comigo. Mas também eu jamais teria conhecido ao Zen.

- Eu também ualida. E também posso ver a curiosidade em seu olhar, sim, Fabiana e eu estamos juntos. Ela finalmente aceitou namorar comigo.

- Allah! Isso é maravilhoso. Estou feliz pelos dois.

Ela veio até mim, e me abraçou com muito carinho. Eu jamais imaginei que qualquer mãe me aceitaria como nora, depois que soubesse o que passei. Eles realmente eram a minha família agora. O Zen tinha toda razão, os dois me acolheram com muito amor e carinho, eu responderia da mesma forma, amaria e cuidaria da minha família. A família que me escolheu para fazer parte.

- Vocês já almoçaram?

- Não, eu e o Zen chegamos agora. – Não diria a ela o motivo, não era necessário.

- Então vamos. Eu estou faminto. Hoje vou levar as duas mulheres da minha vida para comer fora.

Tivemos um almoço agradável. Depois fomos fazer um passeio pela cidade, voltamos ao hotel, no finalzinho da tarde. O dia começou tenso, mas não poderia ter terminado melhor. Cheguei em casa e fui direto para o meu quarto, queria tomar um banho e dormir.

Zen Kahil

Fui para o meu quarto preparar-me para a semana. Não tinha muitos pacientes, mas tinha que estar todos os dias no hospital. Tomei um banho e fui me deitar. Assim que apaguei as luzes a solidão tomou conta. Dormi com ela as últimas duas noites e já sentia sua falta. Fiquei rolando de um lado para o outro na cama. Não conseguiria dormir sozinho. Era ainda pior, por que eu sabia que ela estava a uma porta da minha. Tentei controlar minha ansiedade, mas foi impossível. Levantei-me e fui para o seu quarto. Bati na porta e esperei ela atender.

- Entre.

- Ei pequena. – Vê-la de camisola de seda, me deixou de pau duro. Não havia maneira de dormir longe dela. A partir de hoje seria todas as noites.

- Ei Zen, tudo bem?

- Sim. – Avancei para dentro do quarto, agarrando-a pela cintura e beijando sua boca. Não ficaria longe dela, de jeito nenhum. Peguei-a no colo e a deitei na cama.

- Zen, espera! Sua mãe?

- Somos adultos Fabiana, deixe de pensar bobeira. Não consigo dormir sem você. – Ataquei sua boca novamente. Eu tinha vontade de devora-la. Tirei sua camisola, me deliciando com a visão de sua delicada pele.

- Quero fazer amor com você todos os dias. Não posso ficar sem tocar você. – Voltei a beijar sua boca, deslizando minha mão pelo seu corpo.

Contornei seu seio e apertei seu mamilo. Seu gemido era gostoso de ser ouvido. Procurei uma camisinha no criado mudo, eu sempre guardava uma ali. Vesti meu pênis e a penetrei. Entrei lentamente. Meu membro deslizou com facilidade na sua bocetinha apertada e molhada. Eu não tinha pressa, queria aproveitar ao máximo esse momento. Seus olhos estavam fechados, sua boca vermelha e inchada dos meus beijos, a imagem era muito linda. Empurrei mais dentro dela, ela ficou tensa e gozou, aumentei as investidas e gozei logo depois dela. Levantei-me e fui tirar o preservativo, quando voltei para cama a trouxe para os meus braços.

- Quero ficar no mesmo quarto que você. – Eu a senti ficar tensa.

- Eu não sei Zen...

- Me diga uma coisa. – Eu não ia desistir fácil.

- Qualquer coisa.

- Você me quer? – Eu sabia que sim, mas queria ouvir do mesmo jeito.

- Claro que sim.

-Você gosta de dormir comigo?

- Sim, eu me sinto segura. E durmo melhor também quando você está comigo.

- Então qual é o problema, pequena?

- Eu sei que você fala para eu não pensar no futuro, para viver o momento, mas Zen eu não consigo para de pensar quando você e Alima forem embora.

- Me responda uma coisa. Você confia em mim?

- Sim, eu confio.

- Então confie quando eu digo que vamos resolver isso.

- Tudo bem.

- Então, amanhã trará minhas coisas para esse quarto. Quero minhas roupas junto com as suas.

- Você quer que eu faça isso?

- Sim, agora você é minha mulher, então acho apropriado você fazer isso. Algum problema?

- Não, nenhum. Para falar verdade me sinto honrada em fazê-lo.

- Você não faz ideia do quanto me faz feliz, ouvir você dizer isso.

- Estou feliz em agrada-lo Doutor Zen.

- Mmm...Pestinha! Agora vamos dormir, teremos um dia longo amanhã.

- Você não vai trabalhar?

- Eu vou, mas achei que faríamos os exames.

- Oh!

- Pequena você não quer ir?

- Não, quero dizer sim, sem problemas.

- Boa noite meu amor.

- Boa noite Zen.

Na manhã seguinte, fomos ao hospital. Fizemos todos os exames necessários e tivemos uma consulta com o ginecologista. Contamos a ele a perda do bebê, ele pediu mais alguns exames, e não quis receitar nenhum contraceptivo, antes dos resultados.

Percebi que a Fabiana ficou tensa, com os exames que o médico pediu, mas era necessário, até para o próprio bem estar dela.

- Está tudo bem pequena?

- Esta sim Zen. É que pensar no meu bebe, não me deixa muito bem, mas vai passar.

- Eu lamento de verdade sua perda princesa.

- Eu também.

Dei um beijo em sua testa e fomos para o carro. Decidimos retirar a segunda via dos seus documentos. Corremos o dia todo atrás de tudo que seria necessário. Fiquei chateado comigo mesmo, por não ter providenciado isso antes. Seria muito necessário principalmente para tirar o passaporte dela. Eu faria tudo isso sem que ela soubesse, faria uma surpresa para ela, assim ela saberia que a minha intenção sempre foi de leva-la comigo.

Erick

Estava na sala de espera do hospital, esperando minha mãe receber alta. Separei-me da Keylla naquele mesmo dia. Odiei ver tudo aquilo, era muito sórdido, muito sujo. Eu fui usado a pobre da minha mãe foi usada, a notícia foi tão ruim que ela acabou enfartando. Ela fez um cateterismo, mas não adiantou, voltou ao hospital e colocou duas pontes de safena. Depois de três semanas internada, finalmente ela iria para casa. Meu pai saiu de casa e eu voltei para casa. Estava aguardando a liberação médica quando meu pai chegou.

- Erick, como está...

- O que você faz aqui? – Não seria educado, depois de tudo que ele fez a mim e a minha mãe passar, não seria respeitoso.

- Olha como fala rapaz.

- Como eu falo? Deixe de ser hipócrita! Você não merece o meu respeito!

- Erick, meu filho, me deixe explicar.

- Não quero uma explicação sua, peguei você na cama com a minha esposa! Não existe explicação para isso.

- Não era para ser assim!

- Eu já entendi! Era para eu continuar sendo corno e você fodendo a minha esposa. Você me obrigou a se casar com ela, para ter acesso mais fácil a sua cama!

- Tentei ao máximo evita-la.

- Não ouse me contar sobre os detalhes. Não seja sórdido a esse ponto. Eu tenho nojo de ambos. Você destruiu a vida da minha mãe, acabou com um casamento de 40 anos! Você nunca vai ser nada para a Keylla, você não pode dar o que ela gosta e precisa. Você é muito patético, será usado e jogado fora. Agora se você me der licença, vou ver minha mãe.

Estava furioso! Como ele ousava vir aqui, depois de tudo que ele fez? Sempre fui um fantoche em suas mãos, tudo por causa da maldita eleição. A pobre da minha mãe foi enganada e traída, uma mulher que sempre teve ao lado dele, apoiou e foi conivente com tudo. Era muito sórdido, muito sujo. Entrei no quarto da minha mãe e o médico estava com ela.

- Olá doutor

- Oi Erick. Como vai?

- Bem, obrigado.

- E como esta minha mãe?

- Muito bem, no entanto ela vai precisar de cuidados, já expliquei tudo para ela.

- Contratamos uma enfermeira para ajuda-la. Obrigado por tudo doutor.

- É o meu trabalho, boa sorte aos dois.

Assim que ele saiu, peguei as coisas da minha mãe e a ajudei ir para casa. As coisas ficariam difíceis, ela ainda estava sofrendo com tudo que aconteceu com o meu pai. Ela o amava e sempre o

respeitou, mas ele não foi digno de seu amor e respeito. Quando chegamos em casa a enfermeira contratada já nos esperava. Deixei minha mãe aos seus cuidados e fui trabalhar.

Depois de toda essa confusão, vendi meus dois apartamentos, e voltei a trabalhar. Eu nunca esqueci a Fabiana, ela seria uma parte de mim para sempre. Tinha esperanças que um dia ela voltasse e me deixasse conhecer meu filho, ainda sofria com toda a situação, continuava bebendo para anestesiar a dor, porém resolvi ser um pouco mais responsável com o meu trabalho. Parei de fazer faculdade e continuei a ser professor.

Tudo tinha perdido o sentido para mim. Fiz tudo que eu podia e o que estava ao meu alcance para encontra-la, mas foi inútil. Lutei por mais de um ano e meio, para encontra-la, não havia uma pista do seu paradeiro, então resolvi aceitar a situação e dar continuidade a minha vida, rezando que algum dia ela volte aparecer.

CAPÍTULO 15

Fabiana

Os últimos dois meses foram os melhores da minha vida. O Zen era o homem dos sonhos molhados de qualquer mulher e era meu. Vivíamos praticamente como marido e mulher. Eu coloquei todas as suas coisas no nosso quarto como ele havia pedido. Foi difícil no começo, mas aprendemos a trabalhar nosso egoísmo e aprendemos a dividir. Ele era atencioso e muito educado, essas eram as qualidades que eu mais admirava nele. Quando ele chegava em casa depois do trabalho, eu, ele e Alima sentávamos para jogar conversa fora, éramos uma família de verdade.

Os meus documentos e nossos exames ficaram prontos. Graça a Deus não havia nada de errado comigo. Mas tivemos um contra tempo com o anticoncepcional, eu estava perto do dia das minhas regras, o médico optou por esperar até o ciclo terminar para que eu tomasse a injeção, que foi o contraceptivo que eu e o Zen escolhemos. O problema que surgiu depois, foram os efeitos colaterais, então com a mudança da medicação, tivemos que esperar mais um ciclo, para termos relação sem camisinha. Foi cômico ver a cara que o Zen fez, parecia um bebe chorão.

Hoje estaríamos liberados para a primeira relação sem camisinha, a ansiedade dele era tão grande que acabou me afetando. Achei que antes dele sair faríamos amor, mas ele foi bipado pelo hospital e teve que ir. Alima ia jantar com suas amigas, na verdade eu estava achando ela diferente ultimamente, mais alegre e sorridente, talvez ela tenha encontrado um paquera. Sorri ao pensar nela, era uma amiga e uma mãe excelente, foi uma mulher muito sofrida enquanto esteve casada com o pai do Zen, nunca entrei em muitos detalhes com ela a esse respeito, mas pelo pouco que soube pelo Zen, ela teve que engolir e aceitar as outras esposas do pai do dele. Estremeci só em pensar na ideia de ter que dividir o Zen com outra mulher.

De jeito nenhum!

- Bia?

O Zen em casa essa hora?

- Aqui no quarto.

Terminei de dobrar minhas roupas e fechei o guarda roupa.

- Oi.

- Ei. Como foi seu dia?

Cheguei perto para lhe dar um beijo e fui surpreendida, suas mãos me agarraram com força e seu beijo foi exigente. Ele me carregou as pressas para a cama, fiquei ofegante com sua necessidade.

- Quero você, preciso estar dentro de você.

Minhas roupas foram arrancadas de forma brusca, seus beijos mais fortes e exigentes. Quando fiquei completamente despida. Ele rasgou minha calcinha e enfiou o seu dedo dentro de mim.

- Ahhh...

- Isso vai ser bem rápido meu amor, estou esperando para estar dentro de você, por dois malditos meses, não posso esperar mais, quero sentir seu canal liso e molhado apertando meu pau.

-Sim, por favor! – ele se levantou baixou seu zíper e tirou seu membro enorme de dentro da cueca. A visão do seu membro lindo e choroso me fez lamber os lábios, me levantei para coloca-lo na minha boca.

- Não mesmo, quero me enterrar dentro de você, agora!

Não esperou por uma resposta minha, já estava em cima de mim e com a cabeça do seu pau na entrada do meu canal.

- Olhe para mim, quero que você olhe em meus olhos enquanto a penetro.

Zen Kahil

Acordei hoje de manhã louco para fazer amor com ela, mas o maldito bipe atrapalhou todos os meus planos e cortando minha fantasia de estar dentro da minha mulher sem o maldito preservativo. Fui para o hospital irritado, mesmo sabendo que era insano. Contei os minutos e segundos para sair de lá o mais rápido possível para estar com ela.

Toda essa loucura com o anticoncepcional deixou-me louco. Eu queria estar dentro dela, sentir sua bocetinha molhada toda lisinha e apertadinha em volta do meu pau, era a minha definição de paraíso. Olhei nos seus olhos e enfiei aos poucos, sentindo cada centímetro do seu canal.

- Porra! Você é muito gostosa. Senti isso minha baixinha? sente como meu pau desliza gostoso para dentro da sua bocetinha apertada?

- Ohh... sim...

Muito gostoso! Era exatamente como eu pensei. Comecei me movimentar lentamente, saboreando a sensação de estar dentro dela, sem nada impedindo de sentir sua pele sedosa e molhada. Seus olhos estavam fora de foco, ela ficava muito sexy quando estava excitada. Beijei sua boca devorando sua língua, imitando os mesmos movimentos dos meus quadris. O desejo foi ficando mais forte me fazendo investir mais rápido. Senti seu aperto quente, e

parei de investir. Ela ia gozar, mas não queria que fosse agora, teria que voltar para o hospital em uma hora, mas queria curtir esse momento um pouco mais, não daria tempo para fazê-la gozar novamente. Trinquei meus dentes e tentei respirar.

- O que foi?

- Quero que isso dure um pouco mais, e quero que você goze comigo. – Mexi meus quadris lentamente, seu gemido foi suave, e o aperto que ela deu no meu pau foi cruel. – Querida. Por favor! – O merda! Retirei-me dela e a coloquei de quatro. – Assim que você quer?

- Sim... Por favor!!

Não esperei ela implorar por mais, enfiei meu pau dentro dela e investi rápido e duro, do jeito que ela gostava e da forma que me deixava selvagem.

- Ohh... Assim... Uhmm

Allah! Seu gemido deixava-me descontrolado. Torci seu cabelo em punhos e puxei sua cabeça para trás, desci minha boca na sua, beijando com a mesma intensidade que metia na sua bocetinha. Não aguentava mais, agarrei sua cintura e investi duro.

- Goze comigo gatinha, quero você vindo junto comigo. – Investi mais algumas vezes e rugi meu orgasmo frenético, era delicioso e libertador. Ela me acompanhou gozando e gemendo junto. Retirei-me ajoelhando atrás dela, beijei cada parte de suas partes íntimas e lambi todo o meu orgasmo e o dela, deixando-a limpa. Glorioso, fodidamente perfeito!

-Você está bem? – Deitei-me ao seu lado retirando os cabelos de seu rosto.

- Estou ótima.

Aproximei meu rosto do seu e beijei seus olhos e sua bochecha. Era meu amor, minha vida, meu bem mais precioso.

- Eu realmente adoraria ficar com você nessa cama, mas preciso voltar para o hospital.

- Algum problema? Você nunca vem á essa hora para casa.

- Não, eu só peguei um intervalo maior do que deveria, precisava te ver e te sentir, mas tenho que voltar.

- Hum...

Olhei para o seu rosto mais uma vez, ela estava relaxada e completamente saciada, essa visão dela me punha de pau duro novamente, porém eu tinha que ir. Dei um beijo em seus lábios e fui tomar meu banho.

Quando sai do banheiro ela estava do meu jeito, cheguei até ela e vi que tinha adormecido. Olhando para seu corpo nu, bateu-me um desejo enorme de ficar com ela, mas eu tinha obrigações no hospital. Peguei uma manta e cobri seu corpo glorioso, dei um beijo em seu rosto e sai para voltar ao hospital.

Quando saí do hospital, passei em uma joalheria e peguei o presente que tinha encomendado para minha baixinha. Era um anel de dedo do pé com tornozeleira, em ouro e pérolas, ela tinha pés lindos, e com a joia, ficaria ainda mais lindo. Voltei para o flat e a

encontrei deitada no sofá, com a minha camiseta de Stanford, assistindo televisão.

- Ei, princesa. – Ela ia se levantando para me atender, mas não permiti, queria ela exatamente onde estava. – Fique onde está. – cheguei até ela e peguei meu beijo de boas vindas. – Onde está minha ualida?

- Ela saiu com as amigas para jantar, eu não quis atrapalhar, resolvi ficar.

- Certo, vou tomar um banho e já volto. – Beijei mais uma vez sua boca e fui para o quarto tomar banho.

Não demorei muito, na verdade estava ansioso para estar com ela. Fui até o meu casaco e peguei a tornozeleira que havia comprado para ela e coloquei no bolso da calça. Caminhei até a sala, tranquei a porta e fui para o sofá. Ajoelhei-me ao lado daquele corpo glorioso e tirei a caixa do meu bolso, ela ia se levantando, mas eu a detive.

- É uma surpresa, fique deitada. – Peguei seu delicado pé, coloquei o anel e depois a tornozeleira. Beijei seu tornozelo e subi para suas pernas, ela tinha um cheiro divino, deixei um rastro de beijos molhados por todo o comprimento de suas pernas, até chegar onde eu realmente queria estar.

Coloquei uma de suas pernas no encosto do sofá e a outra para baixo, deixando-a completamente aberta e pronta para o meu uso. Passei meu nariz no seu osso púbico, adorei o fato dela ter conservado a depilação, eu a preferia todo lisinha.

- Já te disse o quanto o seu cheiro é bom?

- Hum... Não...

- Então digo agora, você tem cheiro de pêssego, adocicado, suave e inebriante. – Parei de falar, queria realmente usar a minha língua para outras coisas. Coloquei os dedos em volta do elástico de sua calcinha e dei um puxão, rasgando o material ao meio.

- Se você continuar fazendo isso eu não vou ter o que usar.

- Então não as coloque quando eu estiver em casa, por que vai acontecer outra vez.

Coloquei a minha língua em seu núcleo fazendo-a se calar. Lambi seu canal tragando todo o seu mel, circulei o seu clitóris com a língua, mordi e suguei fazendo seu corpo se retrair. Com os polegares abri seu canal enfiando a minha língua dentro. Seu sabor explodiu na minha boca me deixando mais excitado. Minha língua trabalhou em seu canal e seu clitóris, eu mordi e suguei fazendo-a explodir na minha boca. Suguei todo o seu mel, até a última gota, me levantei tirando meu pau de dentro da calça estava duro, e pronto para ela. Desci suas pernas, e puxei sua bunda para a ponta do sofá, eu a penetrei lentamente, sentindo cada extensão do seu canal. Ela enrolou suas penas na minha cintura e suas mãos foram para o meu cabelo. Percebi que ainda estávamos vestidos, não queria uma repetição de hoje á tarde. Levantei-me levando-a para o quarto, dessa vez não seria uma transa eu faria amor com ela a noite toda.

Fabiana

Acordei de manhã, sentindo o meu corpo todo dolorido. As imagens da noite anterior deixou-me com gosto de quero mais. Zen era um homem magnífico, olhei para o lado e agarrei o seu travesseiro inalando o seu cheiro, era absolutamente fabuloso. Eu realmente havia me apaixonado, esse homem tinha feito minha cabeça deixando-me extasiada e embriagada. Levantei-me e fui ao banheiro fazer minha higiene, coloquei uma roupa e fui para a cozinha.

- Bom dia Alima!

- Bom dia Bia! Como você está?

- Estou bem, você vai sair? – ela estava toda arrumada. Não sabia como me sentia em relação a isso, eu também estava aqui para servir de companhia para ela. – Me dê cinco minutos e estarei pronta.

- Não se preocupe, eu vou ao salão aqui mesmo do hotel.

- Ah, certo. Vou organizar algumas coisas por aqui, tenho os ternos do Zen para levar para lavanderia.

- Faça isso minha azzah, nos vemos no almoço.

Não sei o que pensar, ela realmente não conseguiu me convencer. Falaria com o Zen sobre isso hoje a noite, essa situação me deixava incomodada. Peguei os ternos do Zen, desci até a lavanderia e os deixei lá, voltei para o apartamento e comecei a ficar

angustiada, a situação de não ter nada para fazer me atormentava. Ouvi meu celular tocando e fui atender, era o Zen.

- Oi amor.

- Oi princesa, você não tem ideia do quanto fico feliz quando você atende ao telefone dessa maneira.

- Conheço esse tom de voz Zen, não acredito que você me ligou para fazer sexo pelo telefone! – a sua risada rouca teve realmente o efeito que ele queria.

- Não, meu amor, mas se você quiser, é claro que estarei pronto para servi-la.

- Certo, não estou tão desesperada assim, posso esperar você chegar. Então diga-me, por que ligou?

- Vou leva-la para jantar hoje, esteja pronta, ás 20:00.

- Posso saber onde vamos?

- Não. Esteja linda e use um belo vestido, eu preciso ir, estão me chamando. Eu te amo.

- Eu também te amo.

- Tchau meu amor.

- Tchau. – Eu não sabia o que pensar, no começo sua voz era de um tom excitante, depois foi ficando melancólico, o que deve ter acontecido? Olhei em volta do nosso quarto quando senti um arrepio repentino, alguma coisa muito ruim estava preste a acontecer.

No começo da noite eu já esta pronta. Fiz exatamente como ele queria, coloquei o melhor vestido que eu tinha a melhor lingerie

e a sandália que ele mais gostava. Olhei-me no espelho ajeitei meu cabelo em um coque alto, deixando alguns fios cair em volta do meu rosto, Alima que me ensinou a fazer, pensando nela, peguei minha maquiagem e saí a sua procura, ainda não conseguia lidar com a maquiagem.

Entrei em seu quarto, mas ela não estava, quando voltei para o corredor e fui a caminho da sala ouvi a voz do Zen e a dela. Parei na porta, não queria interferir, mas também não ficaria ouvindo atrás da porta. Quando tirei a mão da maçaneta eu o ouvi.

- Estamos indo o mais breve possível. Deixamos muitas coisas pendentes em São Francisco

- Você tem razão. Para quando serão nossas passagens?

- Assim que estiver tudo pronto eu te aviso.

- Bom, de qualquer forma, vou ajeitando algumas coisas que não uso.

- Faça isso ualida.

- E a Fabiana? Já conversou com ela?

- Ainda não. Estou receoso de como ela irá receber a notícia.

- Você tem certeza que tomou a decisão certa?

- Sim, eu tenho.

Não quis ouvir mais nada. Meu coração batia doloroso no meu peito. Então era isso, meu tempo com o Zen havia terminado. Foi por isso que ele ligou avisando que sairíamos hoje á noite. Provavelmente queria evitar uma cena, me contando em um lugar público. Mostraria para ele, que por mais doloroso que fosse,

juntaria meus cacos e continuaria a viver. Voltei para meu quarto e peguei uma mala. Comecei a tirar todas as minhas coisas do guarda roupa. Minha visão embaçou e por mais que eu tentasse me controlar, comecei a chorar. Foi inevitável a dor era muito forte. Naquele momento eu sabia o quanto eu o amava e o quanto me machucaria estar longe dele.

Sempre soube que isso aconteceria, só não sabia o quanto seria doloroso. Era como se tivesse arrancando meus pulmões. Comecei a ficar sem ar, respirei fundo para controlar meu pânico.

Deus que dor horrível!

O homem que me trouxe de volta a vida, que lutou comigo, que me trouxe para a luz, que arrancou os meus demônios, era o mesmo homem que estava me abandonando. Meu amigo, meu companheiro, meu amante. O homem que eu amava.

- Pequena, você está pronta?

Não olhei para ele, continuei a tirar minhas coisas de dentro do guarda roupa. Não daria a ele a chance de me dizer para ir embora, assumiria essa ação, ouvir dele seria muito pior.

- O que você está fazendo? Por que está tirando suas coisas do armário?

Deus! Até quando ele levaria isso adiante? Por que precisava me torturar? Não podia simplesmente me deixar ir? Que desculpas ele me daria? Ou que ele me falaria?

- Olhe para mim, Bia.

- O que você quer Zen?

- Você ouviu a conversa que tive com minha ualida, não foi?

- Não precisa me dizer nada, vou poupar você disso, só deixe-me terminar de arrumar minhas coisas, e estou indo embora.

- Olhe para mim, meu amor.

- Para com isso Zen! Não me torture mais, não tem necessidade disso.

- Vai me deixar falar, ou vai ficar se remoendo e pensando besteiras?

- O que vai me dizer? "Foi muito bom estar com você Fabiana, mas eu e minha mãe estamos indo embora." Não Zen, eu dispenso a despedida solidária.

- Me deixa chateado, depois de tanto tempo você não confiar em mim.

- Zen, não é questão de confiança, é real. Tudo isso está acontecendo. Você e sua mãe então embarcando em poucos dias. O que quer que eu faça?

- Primeiro gostaria que não ficasse escutando atrás da porta. Isso é muito feio.

- Eu não fiz isso, estava indo a procura de Alima para fazer minha maquiagem e, sem querer acabei ouvindo a conversa de vocês.

- Tudo bem, volte a se arrumar e vamos sair.

- Você só pode estar de brincadeira!

- Nunca brinquei com você. Por favor confie em mim? Vou espera-la na sala.

Saiu do quarto sem olhar para trás. Meu Deus! Como ele podia estar tranquilo? Estava sendo esmagada por sua partida e ele nessa calma. Isso me deixava completamente irritada, ele não via que era insensível da parte dele? Não via o meu sofrimento? Terminei de me arrumar, aliás, só coloquei minha sandália, não faria a maquiagem, borraria antes mesmo de chegar ao lugar que ele me levaria. Sai do quarto para me encontrar com o Zen e a Alima.

Zen Kahil

Precisava me controlar mais, entretanto sua falta de confiança em mim deixava-me completamente irritado. Ela não via o quanto eu a amava? Jamais iria embora deixando-a para trás. Na verdade eu estava contando com o fato dela ir comigo, se ela batesse o pé em ficar eu não saberia o que fazer. Todos os meus planos foram em torno dela aceitar em ir comigo, se ela insistisse em ficar eu ficaria desesperado, mas a minha vida é em São Francisco, eu tenho uma clínica, sócios, casa. Seria uma completa bagunça.

Olhei para o corredor e a vi chegando. Estava linda, mas acho que desistiu da maquiagem. Provavelmente seria melhor, ela choraria muito essa noite.

- Pronta?

- Sim. Podemos ir.

Seus olhos vermelhos e cheios de desespero me partiu o coração, mas eu a deixaria de castigo! Ninguém disse para ficar atrás da porta ouvindo a conversa dos outros. Todo o seu sofrimento poderia ser evitado caso ela não tivesse ouvido a conversa.

Saímos para ir ao restaurante D.OM. O lugar era lindo e badalado, demorei um mês para finalmente conseguir uma reserva. Seria perfeito para a noite e para a ocasião. Tudo foi minuciosamente preparado, não poupei esforços, seria a nossa noite, eu contava com a colaboração da minha ualida. Espero realmente

que nossos esforços não fossem em vão. Eu estava nervoso, entretanto esperava não transparecer.

Assim que chegamos ao restaurante, fomos atendidos pelo maître e levados para a nossa mesa. O sommelier apareceu em seguida trazendo a carta de vinhos, mas hoje eu queria champanhe. Ouvi sua opinião e pedi o melhor, para ela sempre seria assim. O garçom trouxe e nos serviu, brindamos sem discurso, eu ficava mais nervoso a cada minuto que se passava.

Para tentar disfarçar comecei a puxar assuntos triviais com minha ualida. Besteiras sobre o hospital e pacientes. Tentei incluir ela na conversa, no entanto ela não quis interagir. Ver o seu desespero, me punha mais nervoso. Queria poder arrancar isso dela, mas se eu o fizesse, todo o esforço que eu e minha ualida tivemos seria inútil.

Nosso jantar foi servido, e comemos em completo silêncio. Minha ualida me tocou duas vezes com os pés insinuando para que eu falasse, mas eu não falaria, esperaria até o momento certo.

Depois que terminamos o jantar e o restaurante estava quase vazio, as arrumações começaram. Vi o sinal positivo do meître e entrei em ação. Levantei-me e fui até ela. Estendi minha mão e fiz o convite:

- Gostaria de dançar comigo?

- Agora? Mas não tem música.

Olhei para o quarteto que havia contratado e sinalizei para que começassem com a música. Peguei sua mão e a levei para o meio

restaurante, a música dizia tudo por nós dois. (Más Que Amor il Volo)

- Zen, está todo mundo olhando.

- Não importa, esse é o nosso momento.

Trouxe seu corpo mais perto do meu e dancei com ela, tentando encontrar forças, para não enlouquecer, por que se ela não aceitasse era exatamente isso que aconteceria.

Passei minha vida estudando e construindo meu futuro. Depois que essa linda mulher apareceu em minha vida, vi sentindo em outras coisas que para mim não existiam. Assim que a música terminou me afastei dela, e me coloquei de joelhos tirando a caixa que estava em meu bolso. Ela não disse nada, estava como uma estátua. Aproveitei o momento e disse a ela, tudo que eu queria para torna-la minha esposa.

- Bia, passei anos da minha vida, sem saber que procurava por alguém. Estudei e trabalhei todo esse tempo achando que seria suficiente para mim, no entanto você apareceu. Mostrou-me o quanto a minha existência era insignificante sem alguém ao meu lado. Nunca foi suficiente, pois nunca foi você. Tive que viajar o mundo para encontrar o que me faltava. Era você, minha pequena, sempre foi você. Fabiana, aceita se casar comigo?

Rendida por você – Parte II

Subjugada

Escritora: Danúbia Ferreira

Revisora Inicial: Ana Rascado & Patricia Araújo

Revisora Final: Débora Everlyni

Leitura Final: Danúbia Ferreira

Edição – Divulgação – Arte: Naga Riddle

Quanto mais vivo, aprendo com a vida o quanto é importante valorizarmos e respeitarmos as pessoas que nos são importantes. Valorizar àqueles que sempre tiveram ao nosso lado e elevam todos os nossos padrões de consciência humana. Quero agradecer a Naga Riddler, pelo seu carinho, esforço e dedicação. Agradecer a Karla Bittencourt que esteve presente nesse projeto. As pessoas do grupo que estiveram me apoiando e torcendo ainda mais para que esse projeto pudesse ser o sucesso que é. Agradeço a minha família que esteve ao meu lado e me apoiou em todos os momentos. Obrigada à todos pelo grande carinho.

Danúbia Ferreira